

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIVATES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PRÓ-REITORIA DE PESQUISA  
EXTENSÃO PÓS-GRADUAÇÃO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO



**EDUCAÇÃO AMBIENTAL E ECOTURISMO: UM ESTUDO A PARTIR  
DAS VIVÊNCIAS E SENSIBILIZAÇÃO AMBIENTAL DOS VISITANTES  
DO ECOPARQUE SPERRY**

Leâni Vívian Faé



Lajeado, maio de 2011.

Leâni Vívian Faé

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL E ECOTURISMO: UM ESTUDO A PARTIR  
DAS VIVÊNCIAS E SENSIBILIZAÇÃO AMBIENTAL DOS VISITANTES  
DO ECOPARQUE SPERRY**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento, como exigência para a obtenção do título de Mestre em Ambiente e Desenvolvimento.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Jane M. Mazzarino  
Co-Orientador: Prof. Dr. André Jasper

Lajeado, maio de 2011.

Leâni Vívian Faé

## **EDUCAÇÃO AMBIENTAL E ECOTURISMO: UM ESTUDO A PARTIR DAS VIVÊNCIAS E SENSIBILIZAÇÃO AMBIENTAL DOS VISITANTES DO ECOPARQUE SPERRY**

A Banca examinadora abaixo aprova a Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Ambiente e Desenvolvimento, do Centro Universitário Univates, como parte da exigência para a obtenção do grau de Mestre em Ambiente de Desenvolvimento, na área de concentração Espaço e Problemas Socioambientais

### **Banca Examinadora**

---

Professora Dra. Jane M. Mazzarino  
UNIVATES

---

Professor Dr. André Jasper  
UNIVATES

---

Professor Dra. Rosane Lanzer  
UCS

---

Professor Dr. Antonio Carlos Castrogiovanni  
PUCRS

Trabalho apresentado e aprovado pela banca examinadora em 16/05/11.

## AGRADECIMENTOS

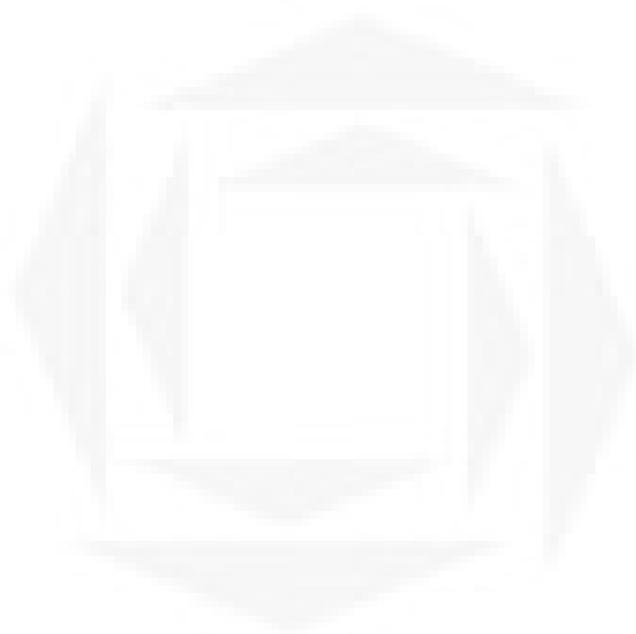
Inicialmente agradeço à orientadora Dra. Jane Mazzarino e coorientador Dr. André Jasper por todo apoio, indicações e importantes contribuições ao longo deste trabalho.

Não cabe em palavras tudo o que devo agradecer a uma pessoa muito especial na minha vida, que iluminou meu caminho na fase mais árdua da concretização deste sonho. A você Daro pelo companheirismo, apoio, ajuda, compreensão, amor e felicidade que me proporciona todos os dias.

Aos meus pais que me influenciaram a ter determinação e perseverança, sempre me incentivando a buscar o crescimento através da educação, caráter e profissionalismo. Também aos meus irmãos por todo apoio no decorrer deste processo e por compreenderem minha ausência nos momentos de lazer para a dedicação deste trabalho.

Agradeço também aos meus amigos e colegas de trabalho.

Não posso deixar de agradecer aos estudantes de turismo e visitantes do Ecoparque Sperry, pela disponibilidade e contribuição ao responder aos questionários, assim como à administração do parque que abriu suas portas para condução desta pesquisa.



UNIVATES

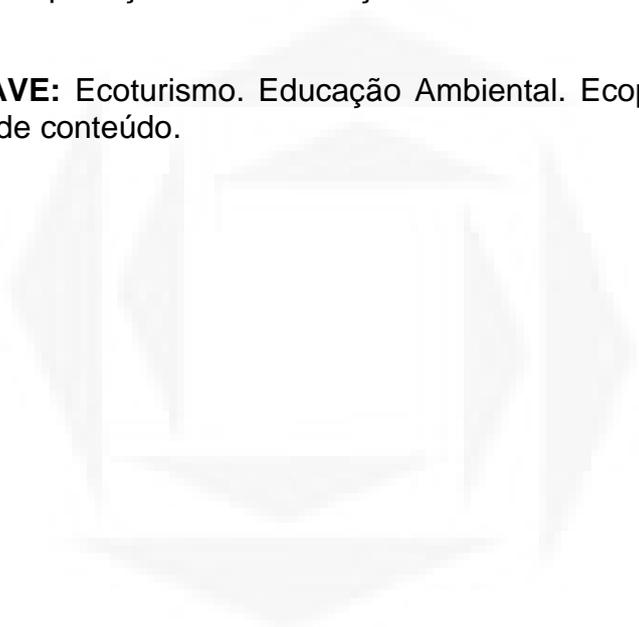
"A natureza é o único livro que oferece um conteúdo valioso em todas as suas folhas."  
(Goethe).

## RESUMO

O turismo é um fenômeno em expansão no Brasil. O ecoturismo difere das demais atividades turísticas porque busca desenvolver uma consciência ambiental sustentável, através da interação humana com o seu meio, promovendo a preservação de forma a impedir a destruição, conservando os locais visitados. A análise destes tipos de experiências é fundamental para a consolidação da interface entre os campos ambiental, do turismo e da educação. Neste sentido, o estudo de caso no Ecoparque Sperry, em Canela/RS, se justifica. De caráter qualitativo, a pesquisa buscou compreender se o programa de educação ambiental realizado no Ecoparque Sperry, aliado ao ecoturismo, interfere na sensibilização ambiental dos visitantes. Para a coleta dos dados foram realizadas entrevistas semi-estruturadas e questionários com os atores sociais envolvidos na administração do parque e com os visitantes que interagem com as diferentes atividades de educação ambiental do parque. Os dados foram tratados por meio da análise de conteúdo. Cinco categorias de análise guiaram este estudo: a) concepção de turismo e ecoturismo; b) relação entre ecoturismo e educação ambiental; c) interação entre público e parque; d) o parque como elemento de sensibilização ambiental; e) impressões sobre os impactos durante a análise no parque. Concluiu-se que ações de educação ambiental, aliadas ao ecoturismo, estão adequadas ao contexto do Ecoparque Sperry, já que as atividades de interpretação do ambiente, especialmente as trilhas guiadas e autoguiadas, possibilitam a sensibilização ambiental de seus públicos e tem o potencial de transformar a relação dos visitantes com o ambiente natural. Os visitantes tendem a apresentar um pensamento reflexivo durante visita no parque, já que relataram novas descobertas através da experiência e informações obtidas, as quais despertaram a percepção da necessidade de se causar o mínimo impacto possível ao ambiente. Ou seja, as visitas em parques turísticos aliadas a ações de educação ambiental favorecem processos de responsabilização e cuidado com o ambiente. No entanto, as ações de educação ambiental em ecoturismo do Ecoparque Sperry podem ser aprimoradas, pois as análises apontaram que, apesar das vivências despertarem o sentimento de ser parte do ambiente entre os visitantes do parque, eles sentiram necessidade de obter instruções práticas sobre ações sustentáveis no cotidiano, o que não foi observado nas ações de educação ambiental realizadas no parque. Outro aspecto interessante da pesquisa no Ecoparque Sperry foi observar que estudantes de turismo e visitantes em geral estão sensibilizados para as questões ambientais, e que, dentre os visitantes,

aqueles que escolheram as trilhas autoguiadas, demonstraram maior entendimento sobre a relação entre ecoturismo e educação ambiental e uma atitude reflexiva sobre as questões ambientais, aparentando estar mais informados que os visitantes guiados. De modo geral, pode-se afirmar que a educação não-formal é relevante nas atividades de educação ambiental, pois podem proporcionar conhecimentos e processos de aprendizagem dinâmicos e flexíveis, por meio de experiências diferenciadas. Por fim, o estudo apontou que as práticas ecoturísticas são instrumentos que ajudam a redimensionar as relações entre sociedade humana e natureza. Quando desenvolvidas com atividades de educação ambiental em um parque de ecoturismo, são formas práticas e dinâmicas de proporcionar experiências significativas de interpretação e sensibilização ambiental.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ecoturismo. Educação Ambiental. Ecoparque Sperry. Estudo de caso. Análise de conteúdo.



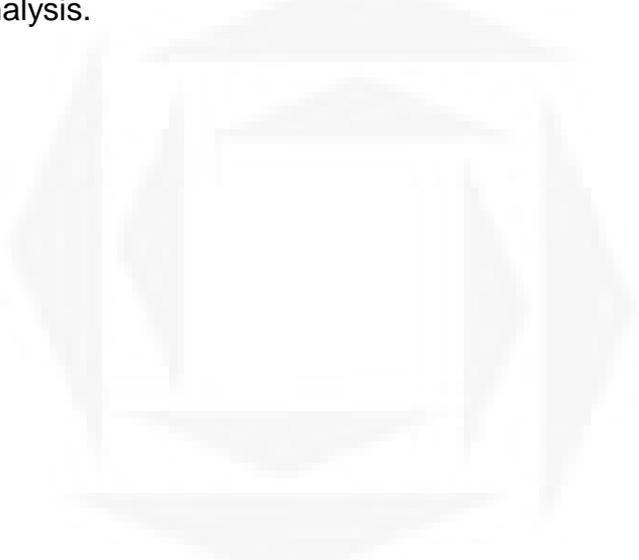
UNIVATES

## ABSTRACT

Tourism is a booming phenomenon in Brazil. Ecotourism differs from other tourist activities because it seeks to develop a sustainable environmental awareness through human interaction with their environment, promoting conservation in order to prevent the destruction, while preserving the places visited. The analysis of these types of experiences are essential for the consolidation of the interface between environmental fields, tourism and education. In this sense, the case study in Ecoparque Sperry Canela / RS is justified. Of qualitative nature, the research sought to understand if the environmental education program conducted at Ecoparque Sperry, allied to ecotourism, interferes with the environmental awareness of visitors. To gather the data, semi-structured interviews and questionnaires were conducted with the social actors involved in the administration of the park and with visitors who interact with the different activities of environmental education in the park. The data was processed by means of content analysis. Five categories of analysis guided this study: a) concept of tourism and ecotourism; b) the relationship between ecotourism and environmental education, c) interaction between the public and the park d) the park as part of environmental awareness, e) impressions on the impacts during the analysis in the park. It was concluded that actions of environmental education allied to ecotourism are appropriate to the context of Ecoparque Sperry, suggesting that the activities of interpretation of the environment, especially the self-guided tours and trails, provide the environmental awareness of their audiences and has the potential to transform the relationship of the visitors with its natural surroundings. Visitors tend to present a reflective thought during a visit in the park, who since reported new findings from experience e information obtained, which have raised awareness of the need to cause minimal impact to the environment. In other words, visits to tourist parks combined with actions of environmental education promote accountability processes and care for the environment. However, the actions of environmental education in ecotourism of Ecoparque Sperry can be enhanced, since the analysis indicated that, despite the experience awakened a feeling of being part of the environment among park visitors, they felt the need to obtain practical instruction about sustainable actions in daily life, which was not observed in environmental education activities performed in the park. Another interesting aspect of the research at Ecopark Sperry was to observe that tourism students and visitors in general are aware of environmental issues, and that among the visitors, those who chose the self-guided trails, showed greater understanding about the relation between

ecotourism and environmental education and a reflective attitude on environmental issues, appearing to be more informed than the guided visitors. In general, it can be said that the non-formal education is relevant in environmental education activities, since they can provide knowledge and learning processes dynamic and flexible, through different experiences. Finally, the study reported that ecotourism practices are tools that help to resize the relations between human society and nature. When developed with environmental education activities in a park ecotourism, are practical and dynamic ways of providing meaningful experiences and interpretation of environmental awareness.

**KEY WORDS:** Ecotourism. Environmental Education. Ecoparque Sperry. Case study. Content analysis.



UNIVATES

## LISTA DE FIGURAS

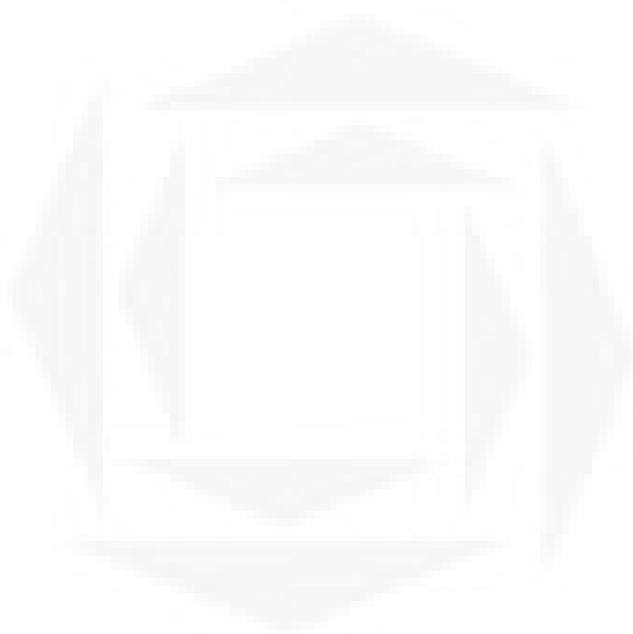
Figura 01 – Mapa de localização do Ecoparque Sperry – Imagem de satélite.....	62
Figura 02 – Vista da Cascata do Trombão no Ecoparque Sperry .....	63
Figura 03 – Mapa de orientação das trilhas do Ecoparque Sperry.....	65
Figuras 04 e 05 – <i>Flyer</i> Ecoparque Sperry: Frente e verso.....	67
Figura 06 – Trilha auto-interpretativa com placas indicativas, mapa de localização e lixeira.....	69
Figura 07 – Trilha auto-interpretativa com placa indicando espécie e sua origem	70
Figura 08 – Trilha com acompanhamento de guia. ....	74
Figura 09 – Turistas sendo guiados durante passeio no parque. ....	74

## LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Síntese dos objetivos, fontes e procedimentos .....	60
Quadro 02 – Concepções dos visitantes do parque quanto ao entendimento sobre turismo e ecoturismo Quadro categoria .....	82
Quadro 03 – Concepções dos visitantes do parque quanto ao entendimento sobre turismo e ecoturismo Quadro categoria .....	83
Quadro 04 – Concepções dos visitantes do parque sobre ecoturismo, educação ambiental e benefícios da interação do ecoturismo com a educação ambiental ..	88
Quadro 05 - Comportamento dos visitantes ao visitar um parque de ecoturismo e o que mais gostam ao efetuar passeios na natureza. ....	91
Quadro 06 - Comportamento dos visitantes ao visitar um parque de ecoturismo e o que mais gostam ao efetuar passeios na natureza. ....	92
Quadro 07 - Dificuldades e melhorias propostas pelos visitantes nas atividades do Ecoparque Sperry. ....	94
Quadro 08 – Expectativas dos visitantes em um parque de ecoturismo .....	98
Quadro 09 - Sensações que o Ecoparque Sperry despertou nos visitantes e atividades prazerosas .....	102

Quadro 10 – Opiniões sobre se experiências de visitas num parque que trabalha com ecoturismo e educação ambiental modificam a relação com o meio ambiente.....104

Quadro 11 – Impactos percebidos pelos visitantes na sua visita ao parque .....106



UNIVATES

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	14
2 CRISE AMBIENTAL E CIDADANIA .....	17
3 TURISMO E ECOTURISMO: CONCEITOS E IMPACTOS .....	20
4 ECOTURISMO, EDUCAÇÃO AMBIENTAL E VIVÊNCIAS NA NATUREZA .....	33
5 EXPERIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL ALIADAS AO ECOTURISMO .....	43
6 MÉTODO.....	57
7 CONTEXTO DO ESTUDO .....	62
8 RESULTADOS E DISCUSSÕES .....	71
8.1 Concepções dos administradores do parque .....	71
8.2 Concepções dos visitantes do parque.....	78
8.2.1 Comparações entre concepções de visitantes guiados e autoguiados .....	107
8.2.2 Comparações entre concepções de visitantes e estudantes de turismo ....	110
8.3 Comparações entre concepções de administradores e visitantes.....	113
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	114

REFERÊNCIAS.....119

ANEXOS .....124



## 1 INTRODUÇÃO

O turismo é um fenômeno social, econômico e cultural que envolve várias atividades, setores e classes sociais, e expande-se no Brasil, conforme BRASIL (2009). Cada vez mais pessoas residentes nos grandes centros veem-se em situação de extremo desconforto, seja pela falta de espaço, poluição ou excesso de trabalho. O *stress* resultante da vida moderna impulsiona esses cidadãos a procurarem locais mais tranquilos para passarem os finais de semana e férias.

Os atrativos naturais e culturais podem compor um produto turístico que atenda esta demanda, proporcionando opções de passeios, entretenimento, lazer e atividades que fazem refletir sobre a relação do homem com a natureza. Patrimônios naturais, culturais e áreas verdes com ecossistemas ricos em flora e fauna, podem ser um espaço para o desenvolvimento do turismo ecológico, o chamado ecoturismo.

Segundo a EMBRATUR (1994), o ecoturismo é um segmento que difere das demais atividades turísticas porque busca desenvolver uma consciência ambiental sustentável através da interação do homem com o seu meio, promovendo a preservação de forma a impedir a destruição, conservando os locais visitados.

Este segmento está em franco desenvolvimento na Região das Hortênsias, especialmente nos municípios de Gramado e Canela, onde pode-se encontrar diversos projetos de educação ambiental em parques, desenvolvendo-se desta forma o ecoturismo sustentável.

Após mapeamento dos locais considerados adequados à prática do ecoturismo e Educação Ambiental no estado, observou-se a potencialidade do Ecoparque Sperry, idealizado pela proprietária e o biólogo, que tem por objetivo resgatar a preservação do ambiente, fazendo o elo entre o homem e a natureza, através de educação ambiental. O Ecoparque Sperry é um novo empreendimento turístico na Região das Hortênsias, localizado no Vale do Quilombo a 8 km do centro urbano de Gramado e 10 km do centro urbano de Canela, dedicado a atividades de preservação do meio ambiente. Ele tem como missão “Conhecer para Preservar”.

A partir do interesse em estudar a relação entre ecoturismo e sensibilização ambiental analisando-se o caso do Ecoparque Sperry, o problema de pesquisa que se coloca é: Como as ações de educação ambiental aliadas ao ecoturismo sustentável desenvolvidas nas atividades de um Ecoparque podem possibilitar a sensibilização ambiental de seus públicos?

O objetivo desta pesquisa é compreender se as atividades de educação ambiental realizadas no Ecoparque Sperry, aliadas ao ecoturismo, atuam como elemento de sensibilização ambiental dos visitantes e como se dá estas interferências. Como objetivos específicos colocam-se:

- a) Caracterizar as ações de educação ambiental em ecoturismo do Ecoparque Sperry;
- b) investigar a relação entre o Ecoparque Sperry e seus visitantes, analisando: concepção de turismo e ecoturismo; relação entre ecoturismo e educação ambiental, interação entre público e o parque, o parque como elemento de sensibilização ambiental, impressões sobre os impactos durante a visita no parque;
- c) analisar se as ações educativas aliadas ao ecoturismo estão adequadas ao contexto do Ecoparque Sperry e se constituem em uma estratégia de sensibilização dos visitantes.

Este trabalho motiva-se pela necessidade de conhecer como é o processo da educação ambiental quando integrado a diversos elementos de ecoturismo. A escolha do enfoque deu-se pela pesquisadora ser turismóloga e ter convívio

profissional por mais de nove anos em vários segmentos da área, especialmente o ecoturismo, tema definido pela grande afinidade com o ambiente natural. As experiências com ecoturismo provocaram questionamentos sobre como os projetos de educação ambiental integrados ao meio ambiente estão organizados e se os resultados são perceptíveis para os visitantes que praticam esta atividade em ambientes com potencial natural educativo.

O estudo propõe aprofundamentos que contribuem com as áreas acadêmicas relacionadas ao turismo, comunicação e meio ambiente, onde se sabe que o turismo é um fenômeno dinâmico, que acontece no meio social através de encontros entre atores que constroem suas representações sociais. Devido a isto, este projeto apresenta grande relevância social e educativa. A compreensão das representações sociais pode vir a contribuir no planejamento de futuros projetos de ecoturismo aliados a educação ambiental na região melhorando a comunicação entre seres humanos e seu entorno.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, em que os dados foram coletados por meio de documentos, entrevistas semi-estruturadas, questionários e por observação. O tratamento de dados se deu por meio de análise de conteúdo. O referencial teórico aprofunda os conceitos e relações entre crise ambiental, cidadania, turismo, ecoturismo e educação ambiental.

## 2 CRISE AMBIENTAL E CIDADANIA

Apenas recentemente, a partir das últimas décadas do século XX, os sinais de uma crise socioambiental de amplas proporções e dotada de novas características se tornaram mais evidentes e generalizados, fazendo a questão ambiental virar alvo de discussão na sociedade global.

Conforme Loureiro (2002), a crise socioambiental contemporânea é mais do que uma questão ética, é uma questão política; mais do que uma questão individual e privada, é uma questão coletiva e pública, pois implica reconhecer que os seres humanos não compartilham em igualdade de condições tanto das responsabilidades como dos efeitos da crise ambiental.

Contemporaneamente o ambiente não é visto como o lugar que se precisa ocupar, mas como objeto de consumo, sendo que ao se consumir o objeto, esgotamos suas qualidades, consumimos a nós mesmos, segundo Caetano (2008). Assim, hoje, os impactos ambientais são a síntese da contradição entre o social e o ambiental. Agride-se o homem e o seu ambiente, muitas vezes sem se pensar em criar condições para uma coexistência sustentável com a natureza.

Mesmo os cidadãos mediamente informados não conhecem os principais problemas ambientais em sua complexidade. Para Soffiati (2002), um dos traços da crise refere-se às alterações de ordem climática mundial. Outros componentes da crise ambiental, segundo o autor, são a redução dos recursos não-renováveis, como

o petróleo, gás natural, e vários outros minérios; a poluição da água (contaminação dos alimentos por resíduos tóxicos e aditivos químicos); destruição de ecossistemas vegetais nativos e oceânicos; empobrecimento acelerado da diversidade da vida; transformação dos ecossistemas; presença de materiais radioativos e de substâncias tóxicas industriais.

Soffiati (2002, p.45) explica que a presente crise ambiental se revela diferente quando comparada a todas as outras. Trata-se de uma crise derivada de atividades humanas, praticadas tanto de modo capitalista como socialista, que se caracteriza pelo utilitarismo, pela instrumentalização e pela exploração ilimitada originada entre os séculos XV e XVIII. Em cinco séculos de era planetária, essas concepções impregnaram as sociedades distribuídas pelo mundo, com maior e menor sucesso segundo as resistências encontradas. A crise ambiental revela-se horizontal e global por caracterizar-se de forma complexa, envolve atitudes culturais e políticas, além de práticas sociais e econômicas.

Portanto, percebe-se que são grandes os desafios para o desenvolvimento do sentido ambiental na sociedade contemporânea. Isto porque o meio ambiente diz respeito ao conjunto de cidadãos, referindo-se principalmente à interação entre Estado e sociedade. Esta interação pode caracterizar o grau de cidadania que se goza em dado contexto. Assim, a noção de cidadania ambiental é indissociável de uma contextualização social e cultural, em qualquer plano, perspectiva ou sistema de relações.

Segundo Cortina (2005), a cidadania diz respeito a questões relativas ao pertencimento a uma nação/local, direitos, participação passiva e ativa, e é construída a partir de práticas culturais, valores, liberdade, cooperação, solidariedade, ética e moral. A autora complementa afirmando que a cidadania é o resultado de uma prática, que começa com a educação formal e não-formal. Não pelo aprendizado da repetição de lei de outros e pelo castigo, e sim chegando a ser profundamente parte de cada um, ao lembrar que este faz parte do ambiente.

Caetano (2008) diz que se deve agir com compromisso social, com solidariedade e confiança, e são necessárias novas formas de solidariedade para proteger toda a vida sobre a Terra e construir novas responsabilidades éticas como

base para uma cidadania ambiental mundial. Algumas das soluções podem ser encontradas através da educação ambiental.

A noção de cidadania ambiental pressupõe o estabelecimento de uma relação mais harmoniosa com a natureza. Essa postura deve estar presente em toda a extensão de vida cotidiana, com cada cidadão exercitando sua responsabilidade ambiental em toda ocasião que estiver manipulando bens e materiais, buscando uma finalidade mais ecológica em cada atitude adotada no seu dia a dia, com consciência do impacto que os mais simples procedimentos podem provocar no meio natural (CAETANO, 2008). Neste contexto, as práticas turísticas e ecoturísticas podem ser instrumentos para redimensionar as relações entre sociedade humana e natureza.

### 3 TURISMO E ECOTURISMO: CONCEITOS E IMPACTOS

O turismo, de um modo geral é um segmento que impacta um grande número de indivíduos. Apesar da importância que assume na contemporaneidade, não se trata de um fenômeno novo.

O turismo pré-histórico era praticado entre a era medieval e o início do século XVII quando se davam os primeiros sinais do crescimento industrial. Já nesta época começava-se a modificar o modo de vida com o aumento gradual da riqueza, a extensão das classes de comerciantes e de profissionais. Foram os efeitos da reforma e a secularização que estimularam o interesse por outros países e a aceitação da viagem em si como um elemento educacional (LICHORISH e JENKINS, 2000).

Segundo Youell (2002), pequenos setores privilegiados e ricos da sociedade foram os primeiros a experimentar atividades turísticas e a descobrir novas destinações turísticas. Quando os destinos foram descobertos pela classe baixa e trabalhadora, membros deste turismo de “elite” já dispunham de recursos para mover-se para ambientes mais exclusivos e sempre mais distantes. Essa tendência existe até hoje, quando algumas estações de turismo distantes e exclusivas são destinadas a pessoas com alto poder aquisitivo.

Grande parte do crescimento do turismo deve-se aos avanços nos meios e transporte e vice-versa. De acordo com Dias e Aguiar (2002), Thomas Cook lançou o primeiro pacote de turismo em 1841, incluindo na organização da viagem, transporte de trem, acomodação e a satisfação em um novo e desejado destino, o verdadeiro

produto do turismo. Como agente dos principais fornecedores de transporte e acomodação, ele conseguia atender uma demanda específica do mercado e inventou o pacote ou excursão individual. Sua inovação foi copiada em todo o mundo e cresceu cada vez mais. Logo houve o surgimento de novas conquistas no setor turístico das viagens, auxiliadas pela expansão dos transportes. Segundo Youell:

Assim como vários outros aspectos da história recente na sociedade ocidental, o crescimento do turismo acelerou-se sensivelmente na última metade do século XX, gerando efeitos positivos e negativos sobre economias, ambientes e culturas. A introdução de novas tecnologias revolucionou os produtos do turismo em oferta e a maneira pela qual são apresentados e vendidos a clientes em potencial (YOUELL, 2002, p.27).

Especialmente a partir de 1945, Linckorish e Jenkis (2000) citam que o turismo se desenvolveu tornando-se uma indústria internacional significativa. À medida que se desenvolveu também se especializou, com a consolidação de empresas verticais e horizontais criando diferentes escalas de operação em diversos segmentos do mercado. O crescimento das empresas aéreas internacionais, os avanços na tecnologia da informação e a flexibilidade crescente das excursões em grupo contribuíram para a presente estrutura e para as características da indústria do turismo. Entre as características mais significativas, destacam-se:

O volume crescente do turismo internacional, a democratização das férias, com uma maior participação de grupos sócio-econômicos diferenciados; a importância contínua do transporte aéreo na globalização do turismo; a flexibilidade crescente das excursões em grupo para sustentar a demanda do turismo e promover as viagens a longas distâncias; o surgimento de serviços de viagens especializados, ou seja, operadoras e agências e viagens, para facilitar a escolha e fornecer informações; o desenvolvimento contínuo da tecnologia da informação a fim de gerenciar a “explosão de informações” relevantes à indústria do turismo; o reconhecimento crescente por parte de vários governos do potencial significativo do turismo nas economias nacionais e subnacionais (LINCKORISH e JENKIS, 2000, p.19).

De acordo com novos indicadores da evolução da atividade turística dos 65 Destinos Indutores do Desenvolvimento, a Região Sul do Brasil apresentou ter os melhores indicadores de competitividade turística. Foz do Iguaçu (PR), Curitiba (PR), Florianópolis (SC), Balneário Camboriú (SC), Gramado (RS) e Bento Gonçalves (RS) estão entre os líderes de competitividade do setor no país (BRASIL, 2009).

Segundo a pesquisa do Ministério do Turismo, juntos, os estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná apresentaram a melhor avaliação para nove dimensões da pesquisa: Infraestrutura Geral, Acesso, Serviços e Equipamentos Turísticos, Marketing e Promoção do Destino, Monitoramento, Economia Local, Capacidade Empresarial, Aspectos Sociais e Aspectos Ambientais.

A região Sul é também a mais bem preparada na dimensão Políticas Públicas, analisadas as variáveis de qualificação das estruturas municipais de apoio ao turismo, alto grau de cooperação público-privada e governamental, além da presença de planejamento para a cidade e para a atividade turística. Com relação aos Aspectos Sociais, o Sul do país aparece bem qualificado na soma dos fatores como o uso dos atrativos e equipamentos turísticos pela população local, o que é considerado indicativo de qualidade de vida, e também quanto à realização de políticas de enfrentamento à exploração sexual de crianças e adolescentes (BRASIL, 2009).

As médias regionais para as dimensões Economia Local e Capacidade Empresarial ficaram acima da média nacional. Apenas os estados do Sul chegaram ao melhor nível de desenvolvimento em variáveis como infra-estrutura de negócios, eventos alavancadores, capacidade de qualificação e aproveitamento do pessoal local, presença de grupos nacionais e internacionais do setor de turismo, concorrência e barreiras de entrada. (BRASIL, 2009). Todas estas variáveis são importantes para o turismo.

Para a Organização Mundial de Turismo (BRASIL, 2009) o turismo caracteriza-se pelo deslocamento para fora do lugar da residência habitual, por um período superior a um dia, motivado por lazer, negócios e outros motivos de caráter não lucrativo.

O turismo é uma atividade que ultrapassa os setores convencionais da economia. De acordo com o Ministério de Turismo, no Brasil o turismo registrou crescimento de 76% em cinco anos e gerou 900 mil empregos no mesmo período, de 2000 a 2005. Todavia, para Beni:

O turismo, mais do que qualquer outro setor da economia apresenta uma característica de extrema sensibilidade a toda alteração situacional, sendo por demais retrátil a oscilações de taxa de câmbio, flutuações sazonais da demanda, riscos meteorológicos, convulsões sociais, instabilidade política, terrorismo e riscos epidêmicos que comprometam a saúde pública, como o recente surto de Sars (BENI, 2003. p.23).<sup>1</sup>

Do ponto de vista econômico, segundo Swarbrooke (2000), o turismo destaca-se como a principal indústria e o principal motivo de entrada de divisas em moeda estrangeira em muitos países emergentes, sendo a base do crescimento de muitas empresas multinacionais, e desta forma, integra em grande proporção, a renda anual de países desenvolvidos. Por outro lado, requer muitos investimentos de infra-estrutura pelo setor público. Alguns impactos físicos podem ser causados pela construção de infra-estrutura, como também pela atividade turística contínua e mudanças que ocorrem ao longo do tempo na economia e ecologia e nos ecossistemas.

Dias (2003) identifica como impactos físicos do desenvolvimento turístico: construções e o desenvolvimento da infra-estrutura; mau uso da terra e desflorestamento; e construções na beira de rios lagos e mares. O processo de desenvolvimento turístico provoca uma série de modificações nas localidades receptoras. São muitas variáveis, porém os resultados interagem e são, geralmente, irreversíveis quando ocorrem no meio ambiente natural (RUSCHMANN, 2000).

Murta (2008) explica que durante os anos 70 começou-se a criticar o impacto negativo do turismo de massas sobre o meio ambiente, apontando-se a devastação de áreas naturais, como parques e zonas costeiras; o comprometimento da qualidade de vida nos centros históricos das cidades, causado por congestionamento, todo tipo de poluição e danos, aumento de violência e crescimento desordenado da periferia. A autora complementa que, na década de 80, falou-se muito na necessidade de desenvolver formas alternativas de turismo através de uma abordagem holística da atividade, a fim de beneficiar visitantes e visitados. Neste sentido, Ignarra (2001) afirma que para que as reservas naturais

---

1 SARS (*Severe Acute Respiratory Syndrome*) ou síndrome da angústia respiratória aguda, é uma doença respiratória grave que afligiu o mundo no ano de 2002, cuja causa não foi ainda determinada mas se trata de uma grave pneumonia atípica. Muitas vezes confundida com a gripe aviária, embora não seja a mesma doença, é causada pelo coronavírus. Devido à sua rápida disseminação, fronteiras de todo o mundo passaram a exibir avisos sobre a doença, mobilizando seus órgãos de saúde para combatê-la proativamente (BRASIL, 2010).

sejam preservadas, os atrativos devem ser conservados em seu estado natural consolidando, assim, o turismo como uma importante alternativa. Para a autora, o turismo sustentado deve voltar-se para a harmonização das necessidades de seus quatro componentes: a comunidade receptora, os visitantes, o meio ambiente e a própria atividade.

Assim como nem toda prática turística é sustentável, também há uma diversidade de motivações turísticas que se traduz em uma variedade de tipos de turismo. Como as regiões e os países de destino apresentam também um grande número de atrativos, a identificação dos vários tipos de turismo permite avaliar a adequação da oferta existente ou desenvolver novas motivações de procura<sup>2</sup>.

Embora as razões que levam as pessoas a viajar sejam extremamente variadas e muitas vezes se misturam, é possível distinguir também certos tipos de turismo, agrupando-os por afinidades, conforme os motivos de viagens. Oliveira (2002) destaca como os principais tipos de turismo praticados no mundo: turismo de lazer, de eventos, religioso, social, cultural, de compras, aventura, gastronômico, negócios, saúde, rural e o ecológico.

Segundo o autor, o turismo ecológico é aquele praticado por pessoas que apreciam a natureza, entre as quais se destacam os residentes em países desenvolvidos, industrializados. O objetivo desses visitantes é respirar ar puro, apreciar a beleza do ambiente e registrar em fotos e filmes os elementos da fauna e flora. É um tipo de turismo criado há pouco tempo, mas que se desenvolve rapidamente e com força no mundo inteiro. Algumas atividades que podem ser praticadas dentro deste segmento: acampamento, caminhadas por trilhas, transporte em equipamentos que não poluem o meio ambiente, safáris fotográficos, mergulho, cavalgada, ciclismo, escalada, rafting, pêndulo, rapel, entre outros. Nesta pesquisa

---

<sup>2</sup> Em relação a qualquer país, podem ser distinguidas seis formas de turismo, segundo Dias e Aguiar (2002): 1) Turismo interno ou doméstico: envolve visitantes residentes de um dado país que viajam apenas dentro desse país; 2) Turismo receptivo: envolve visitantes não residentes de outro país; 3) Turismo emissor: envolve visitantes residentes que viajam para o exterior; 4) Turismo interior: envolve visitantes residentes e não-residentes que viajam dentro do país, combinando o turismo doméstico e receptivo; 5) Turismo nacional: envolve visitantes residentes, dentro e fora do seu país. Soma do turismo doméstico e emissor; 6) Turismo internacional: turismo realizado entre países. Compreende os turismos, emissor e receptivo.

são analisadas as percepções do ecoturismo, portanto faz-se necessário identificar melhor o turismo ecológico e o ecoturismo.

Há diferenciação entre os conceitos turismo ecológico e ecoturismo, podendo ser destacado o primeiro, no que diz respeito à conduta, comportamento e princípio norteador, ao passo que o segundo, o ecoturismo, necessita de ambiente preservado, que dependa de manejo e áreas de preservação ambiental integral, a fim de garantir a conservação do meio ambiente para as gerações futuras.

De acordo com Selva e Coutinho, o turismo ecológico pode ser considerado:

[...] um segmento no qual turistas e promotores de viagens procuram o contato direto com os mais diferentes ambientes naturais, entretanto sem a preocupação com o equilíbrio ecológico, ou mesmo com a compreensão dos fluxos e dinâmica que são estabelecidos no ambiente (SELVA E COUTINHO, 2000, p. 26)

O ecoturismo surge como uma proposta de contemplação e conservação da natureza. Os debates sobre a necessidade de conservação do meio ambiente por meio de técnicas sustentáveis atingem a atividade turística e inserem uma nova maneira de vivenciar e usufruir das paisagens naturais em vários ecossistemas. Western (1995) ressalta sua importância de forma responsável, em que envolve tanto um sério compromisso com a natureza como responsabilidade social. Essa responsabilidade deve ser assumida também pelo visitante.

O ecoturismo representa uma nova tendência turística e se caracteriza por ser um turismo menos convencional e que permite contato com as belezas naturais, seja para admirar ou para desenvolver atividades. Este segmento é mais do que um grupo de amantes da natureza, são interesses que emergem preocupações de ordem ambiental, econômica e social, tornando-se uma alternativa altamente viável aos países em desenvolvimento.

A EMBRATUR (1994) conceituou o ecoturismo como um segmento da atividade turística que utiliza de forma sustentável o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem estar das comunidades e populações envolvidas. Hoje o Brasil é reconhecido como um dos lugares do mundo que possui mais atrativos para todos os perfis de ecoturistas e condições

inigualáveis para a prática de todas as modalidades de ecoturismo, exceto neve (BRASIL, 2009).

Este segmento difere das demais atividades turísticas, porque busca desenvolver uma consciência ambiental através da interação do homem com o seu meio, servindo para a promoção do desenvolvimento sustentável. Diante do espaço natural, o ecoturismo deve estimular um comportamento do turista que promova a preservação e impeça a destruição, conservando os locais visitados.

Campos (2005) destaca quatro características fundamentais a serem seguidas no ecoturismo: impacto ambiental mínimo, impacto mínimo às culturas anfitriãs, máximos benefícios econômicos para as comunidades do país anfitrião e satisfação “recreacional” máxima para os turistas participantes. Mas Fennell (2002) ressalta que o ecoturismo envolve um tipo de turismo que é menos sociocultural em sua orientação e mais dependente da natureza e dos recursos naturais, sendo estes elementos os principais motivadores da viagem. De forma geral, o ecoturismo caracteriza-se pelos seguintes objetivos:

- preocupação em relação aos impactos ecológicos, sociais, culturais e econômicos, inserido na questão da sustentabilidade;
- aspecto educativo na sua dimensão ecológica e ambiental;
- necessidade de inserir as comunidades locais autóctones no planejamento e gestão da atividade (PIRES, 2002, p.253).

Para a existência do ecoturismo, Boullón identifica quatro condições necessárias, que coexistem no espaço turístico natural, classificadas como:

- área natural protegida onde haja biomas de interesse turístico;
- sistema administrativo que estipule os tipos de visita e instrua os turistas sobre as características do que vão visitar;
- experiência satisfatória do usuário quanto à qualidade do ecossistema visitado e do conhecimento de suas características distintas;
- exploração turística dos ecossistemas que seja atraente, com a condição de que não coloque em perigo as bases de seu funcionamento (BOULLÓN, 2000, p.13).

O autor identifica que atividades de ecoturismo atreladas ao aspecto educativo ocorrem por meio de práticas de educação ambiental, representando uma oportunidade no sentido de criar uma cultura ecológica nos habitantes do lugar, assim como sensibilização ecológica nos visitantes.

Alguns autores definem ecoturismo e turismo de natureza como sinônimos, o que pode descaracterizar as reais definições por abranger todo tipo de turismo

ligado a natureza. Por sua vez, Dias (2003) percebe as diferenças entre turismo de natureza e ecoturismo. Para este autor, o turismo de natureza pode apresentar-se como insustentável se as pessoas que desfrutam dos ambientes naturais não manifestarem preocupação com o meio ambiente, o que acontece quando se observa resíduos jogados em trilhas, beiras de lagos e rios. Neste tipo de turismo não há comprometimento maior por parte do agente ou do turista, apenas o desejo de contato direto com o ambiente. A participação da comunidade local, a preocupação com os impactos ambientais e a conservação não são evidenciados como fundamentais para sua exploração. Já o ecoturismo caracteriza-se como turismo sustentável praticado em áreas naturais, pois as pessoas conservam o ambiente natural de forma responsável, não deixando indícios de terem visitado a área, preservando-a e mantendo o bem-estar da população local. O ecoturismo é caracterizado fundamentalmente pela relação com o meio, de forma a atender os princípios da sustentabilidade de forma responsável. O ecoturista busca a troca de experiências através da vivência, preocupado com as questões ambientais. A preservação do ambiente e da cultura local são fatores fundamentais e devem ser respeitados, buscando causar o mínimo impacto ao meio natural e cultural.

O Ecoturismo pode se tornar uma alternativa de turismo sustentável quando busca um compromisso não somente natural, mas também social e cultural, inovando e promovendo a sensibilização do visitante com as questões ambientais, através das relações que estabelece com o meio, baseado nos saberes ambientais. Por meio do desenvolvimento de atividades relacionadas à natureza, apropria-se dos princípios da sustentabilidade, propondo uma concepção ecologicamente correta, socialmente justa e economicamente viável.

De modo semelhante ao conceito preconizado pela EMBRATUR, assim também muitos autores caracterizam o ecoturismo como sendo um turismo sustentável, porém faz-se necessário caracterizar a diferença entre turismo sustentável e responsável. Pires (2002) enfatiza que a maioria dos conceitos de ecoturismo estão relacionados ao paradigma ambientalista do desenvolvimento sustentável - tema polêmico, às vezes controverso e distante da realidade dos benefícios que se propõe. No entanto, a perspectiva dos princípios de

sustentabilidade do ecoturismo demonstra exemplos possíveis quando integra instâncias ecológica, econômica, social e cultural (PIRES, 2002; IRVING, 2002).

O turismo sustentável enfatiza a consciência ecológica, com redução do consumo dos recursos naturais proporcionando o bem estar das comunidades, principalmente na geração de renda. Já o turismo responsável apresenta-se como uma alternativa para o desenvolvimento do turismo baseado não apenas na conservação ambiental, mas também na melhoria das condições socioeconômicas, promovendo o bem estar social e qualidade de vida das comunidades. Ao desenvolvê-lo é necessário que haja planejamento e gestão, visando minimizar os impactos que a atividade turística exercerá sobre o local, especialmente quando este local é uma unidade de conservação, isto é, uma área com fins de proteção ao meio ambiente.

Oliveira e Fontana (2006) explicam que o turismo responsável tem como característica principal o enfoque na participação efetiva do turismo nas comunidades envolvidas em todos os estágios do desenvolvimento turístico, quaisquer que sejam as suas características socioeconômicas, econômicas ou localização geográfica. Por sua vez, Salvatti (2004) caracteriza o turismo responsável como uma estratégia para a sustentabilidade ampla dos destinos turísticos, que mantém e valoriza as características dos recursos naturais e culturais nos destinos, sustentando-as para as futuras gerações.

Em relação ao desenvolvimento de um turismo sustentável, Mendonça diz que:

[...] deveria se considerar a relação entre pobreza, ambiente e desenvolvimento, por meio de políticas de engajamento das comunidades de atividades turísticas, de maneira a expandir as oportunidades de pequenos negócios, e oportunidades de emprego em todos os níveis de operação, e não apenas nos mais baixos (Mendonça, *in* MONTORO, 2003, p.50).

Campos (2005) cita que apesar do ecoturismo ser uma ferramenta a favor do desenvolvimento sustentável, algumas comunidades não têm obtido os benefícios esperados, pois o objetivo colocado em prática tem sido o lucro imediato para suprir a falta de empregos e conseguir capital para infra-estrutura e não o desenvolvimento, através dos princípios defendidos pelo ecoturismo. A partir disso coloca-se como necessário elaborar novas estratégias de gestão para separar o

ecoturismo do turismo de massa, observando a participação da comunidade local nesses planos.

O conceito de vários autores para o turismo sustentável normalmente gera inúmeras discussões e até mesmo desconfiança, pois ao falar de desenvolvimento e crescimento nem sempre se tem muita preocupação com as comunidades, causando impactos e contribuindo para a exclusão social das classes mais baixas, principalmente nos países em desenvolvimento. No caso do turismo responsável, este prioriza a atenção às comunidades locais. O ecoturismo, por sua vez, inclui tanto as características de sustentabilidade quanto de responsabilidade.

Segundo Weaver e Lawton (2007), a literatura do ecoturismo é mais focada na segmentação do mercado, impactos ecológicos e na base comunitária, porém houve um mínimo de atenção para áreas críticas, tais como controle de qualidade, reflexos das atividades industriais, dos ambientes externos ou das instituições. Esse desequilíbrio, combinado com a fragmentação e falta de integração dentro da literatura, sugere que o ecoturismo ainda está em estado de desenvolvimento, cabendo à comunidade acadêmica, de forma proativa, abordar essas deficiências, incentivando a integração e continuidade das pesquisas dentro de uma abordagem interdisciplinar.

Outro aspecto a ser ressaltado relaciona-se à recuperação ecológica, que cada vez mais ocupa papel importante no ecoturismo e, no entanto, raramente é mencionada em outras diretrizes deste segmento, conforme argumentam Blangy e Mehta (2006). Para estes autores, o ecoturismo é um meio para a recuperação ambiental, é o caso da Phinda Game Reserve, África do Sul, e do Santuário Baboon, em Belize.

Lindberg e Hawkins (1995) afirmam que o ecoturismo proporciona e satisfaz o desejo de se estar em contato com a natureza, explorando o potencial turístico, visando sua conservação e desenvolvimento, evitando o impacto negativo sobre a ecologia, cultura e estética. Segundo Ruschmann, estes impactos têm sido cada vez mais estudados.

Os impactos sobre a cultura e sobre as paisagens dos locais freqüentados pelos visitantes passaram a ser estudados em nível científico, segundo Krippendorf (1975), e têm sensibilizado a opinião pública quanto à necessidade de consideração dos aspectos ambientais nas viagens turísticas (RUSCHMANN, 1997, p.16).

Ruschmann (2000) explica que a avaliação dos impactos de toda ordem sobre o meio ambiente é extremamente difícil porque o homem vive e modifica a Terra há milhares de anos. Além disso, mesmo sem intervenção humana, o meio ambiente se altera e os impactos podem demorar a aparecer.

Conhecer os impactos do desenvolvimento do turismo nos recursos naturais e culturais de uma localidade poderá servir de base para o planejamento e a tomada de decisões para a evolução da atividade. Dentro do ambiente natural, Ruschmann (2000) cita alguns impactos positivos e negativos do turismo ecológico, observados empiricamente. Estes impactos não têm sido estudados de forma sistêmica.

Impactos Positivos: a) Nos ambientes naturais: Criação de áreas, programas e entidades de proteção da fauna e flora, como exemplo, o projeto Tamar. b) Nos ambientes socioculturais: trabalho de ambientalistas em programas de ecoturismo atuando como guias e instrutores na orientação e educação ambiental nas comunidades locais e turistas.

Impactos Negativos: a) Nos ambientes naturais: acúmulo de lixo nas margens dos caminhos e das trilhas, nas praias, montanhas, rios e lagos; coleta e destruição de vegetação às margens das trilhas e dos caminhos na floresta; erosão de encostas devido ao mau traçado e à falta de drenagem das trilhas; alargamento e pisoteio da vegetação das trilhas e dos caminhos. b) Nos ambientes socioculturais: descaracterização das tradições e dos costumes das comunidades receptoras; migração de pessoas para novos pólos turísticos, em busca de empregos, provocando excedente na oferta de mão-de-obra e escassez de moradias (RUSCHMANN, 2000). Os impactos negativos não podem ser ignorados, pois alguns danos são irreversíveis e comprometem a característica natural desses meios e sua população, segundo o autor.

A melhoria da qualidade de vida de toda a população, segundo Yázigi (1996), deve ser prioritária em uma localidade turística, tornando a paisagem mais aprazível aos turistas e mais saudável e harmoniosa a seus habitantes. A boa relação da

população com seu espaço vivido pode motivá-la a compreender a necessidade de conservar suas características naturais e construídas, evitando sua degradação, acrescenta Silveira (2001).

Segundo Murta (2008), para o desenvolvimento sustentado do turismo cultural e ecológico no Brasil pode-se investir na interpretação e sensibilização através da aprendizagem não-formal da comunidade e dos visitantes. Para a autora, mais que informação, interpretar é revelar significados, provocar emoções, estimular a curiosidade, entreter e inspirar novas atitudes no visitante, provendo uma experiência inesquecível com qualidade.

A educação não-formal, um componente vital da educação ambiental, refere-se à educação que acontece normalmente com participação voluntária, na qual o processo de aprendizagem ocorre por meio de atividades ou organizações que constroem as oportunidades de aprendizagem. A maioria das atividades na educação ambiental não-formal envolve todos os níveis de públicos (HASSAN et al., 2009).

A educação não formal ocorre fora do ambiente formal de ensino convencional, como numa sala de aula, e visa complementar o ensino primário e secundário, proporcionando a aquisição de novos conhecimentos e habilidades. Para Hassan et al. (2006), diferente da educação formal, a não formal atinge vários grupos em locais convenientes por meio de diferentes tipos de atividades. A estrutura e o método de aprendizagem utilizado é flexível e se dá com as pessoas diretamente envolvidas no ambiente com a natureza.

Essa forma de "aprender fazendo" é significativa. Conforme a UNESCO (apud Hassan et al., 1999), a educação para adultos, normalmente é não-formal, sendo um instrumento central no processo de sensibilização ambiental, já que promove uma ação ambiental de apoio à mudança social.

A interpretação no ambiente *in loco* serve ao propósito de sensibilizar e conscientizar em relação às questões ambientais, fato que a torna uma estratégia de educação ambiental e uma forma adequada de comunicação e de promoção do conhecimento sobre as relações entre natureza e da cultura. Segundo o Ministério do Turismo, as mensagens transmitidas podem mudar ou fortalecer a percepção do

turista, estimulando a atenção para as questões ambientais e promovendo a valorização e proteção da natureza (BRASIL, 2009). Por isso torna-se imperiosa a prática do ecoturismo aliada à educação ambiental.



## 4 ECOTURISMO, EDUCAÇÃO AMBIENTAL E VIVÊNCIAS NA NATUREZA

Diante da atual crise surge a necessidade de se refletir a respeito de suas causas e buscar soluções para construir novas formas de desenvolvimento, a fim de produzir novos saberes e conhecimentos que poderão permitir a construção de uma sociedade que respeite a natureza e o seu meio. É preciso refletir sobre os desafios para mudar as formas de pensar e agir em torno da questão ambiental numa perspectiva contemporânea. É impossível resolver os problemas ambientais e reverter suas causas sem que ocorra uma mudança nos sistemas de conhecimento, dos valores e dos comportamentos.

Desde os anos 70 tem-se observado o crescente desenvolvimento de atividades e práticas alternativas na área da educação ambiental, proporcionando qualidade de vida e desenvolvimento de conscientização ambiental (GUIMARÃES, 2009).

A relação entre meio ambiente e educação para a cidadania assume um papel cada vez mais desafiador, estando ligada à visão construída sobre a realidade em que se vive. Entende-se que toda a ação é resultado de compreensão, da interpretação de algo que configure sentido. A educação para a cidadania representa a possibilidade de motivar e sensibilizar as pessoas para que diversas formas de participação se tornem potenciais caminhos de dinamização da sociedade e de concretização de uma proposta de sociabilidade, baseada na educação e na defesa da qualidade de vida (JACOBI, 2003).

Quando se faz necessário uma educação ambiental que seja crítica, inovadora e voltada para a transformação social, a educação ambiental em experiências ecoturísticas é estratégica neste sentido. Através da educação pode-se fazer com que os cidadãos incorporem valores como respeito, solidariedade, cooperação, responsabilidade e igualdade, assim como uma perspectiva interdisciplinar no entendimento dos meios naturais, considerando a complexidade dos problemas ambientais e a multiplicidade de fatores ligados a eles. Lima (2002), diz que:

[...] a educação pode assumir tanto um papel de conservação da ordem social, reproduzindo os valores, ideologias e interesses dominantes socialmente, como um papel emancipatório, comprometido com a renovação cultural, política e ética da sociedade e com o pleno desenvolvimento das potencialidades dos indivíduos que a compõem (LIMA, 2002, p. 120).

A educação foi construída para diferenciar os homens e as mulheres do mundo da natureza, civilizá-los, aprimorá-los e torná-los identificáveis apenas ao mundo da cultura. Por um processo semelhante criou-se, na contemporaneidade, a necessidade de outra educação, que trate de outras temáticas com outras táticas: uma educação ambiental, diferenciada das outras em suas intenções (GUIMARÃES, 2003).

Jacobi (2003) destaca o papel cada vez mais transformador da educação ambiental, quando a co-responsabilização dos indivíduos torna-se um objetivo essencial para promover um novo tipo de desenvolvimento: o desenvolvimento sustentável. Para o autor, a noção de desenvolvimento sustentável reporta à necessária redefinição das relações entre sociedade humana e natureza, e, portanto, a uma mudança substancial do próprio processo civilizatório, introduzindo o desafio de pensar a passagem do conceito para a ação.

Para alcançarmos o equilíbrio entre a desejada e inevitável evolução tecnológica do homem e a conservação e/ou preservação dos recursos naturais, é necessário investir em educação ambiental.

Segundo Sorrentino et al. (2005), a educação ambiental surge como uma das possíveis estratégias para o enfrentamento da crise civilizatória de ordem cultural e social. A urgente transformação social de que trata a educação ambiental visa à

superação das injustiças ambientais, da desigualdade social, da apropriação capitalista da natureza e da própria humanidade. Segundo os autores, cumpre à educação ambiental fomentar processos que impliquem no aumento do poder das maiorias hoje submetidas, na sua capacidade de autogestão e o fortalecimento de sua resistência à dominação capitalista de sua vida (trabalho) e de seus espaços (ambiente). Loureiro define:

[...] a educação ambiental como uma práxis educativa e social que tem por finalidade a construção de valores, conceitos, habilidades e atitudes que possibilitem o entendimento da realidade de vida e a atuação lúcida e responsável de atores sociais individuais e coletivos. Nesse sentido, contribui para a tentativa de implementação de um padrão civilizacional e societário distinto do vigente, pautado numa nova ética da relação sociedade-natureza. Dessa forma, para a real transformação do quadro de crise estrutural e conjuntural em que vivemos, a Educação Ambiental, por definição, é elemento estratégico na formação de ampla consciência crítica das relações sociais e de produção que situam a inserção humana na natureza (LOUREIRO, 2002, p. 69).

Para Sorrentino et al. (2005), a educação ambiental busca recuperar a sustentabilidade socioambiental como um processo de transformação do meio natural que, por meio de técnicas apropriadas, impede desperdícios e realça as potencialidades deste meio, cuidando da satisfação das necessidades de todos os membros da sociedade, dada a diversidade dos meios naturais e dos contextos culturais. A educação ambiental deve ser transdisciplinar, aproximando-se do meio ambiente não como sinônimo de natureza, mas uma base de interações entre o meio físico-biológico com as sociedades e a cultura produzida pelos seus membros.

A educação ambiental é um agente transformador pelo desenvolvimento de habilidades e formação de atitudes, mediante uma conduta ética, condizente ao exercício da cidadania, que forma e prepara cidadãos para a reflexão crítica e sensibilizadora sobre as questões ambientais, para uma ação social transformadora do sistema, de forma a tornar viável o desenvolvimento consciente de todo ambiente (SCHAFER et al., 2009). Para ser efetiva, a educação ambiental deve promover simultaneamente o desenvolvimento de conhecimento, mudança de postura, de comportamento e no modo de viver, potencializar também o surgimento de habilidades e atitudes necessárias à preservação e melhoria da qualidade ambiental.

Lima (2002) cita dois tipos de educação ambiental, a conservadora e a emancipatória. A tendência de educação ambiental conservadora é ser fragmentada,

naturalista, fornecer respostas tecnológicas, ser individualista e comportamentalista, despolitizada, interdisciplinar, ter crítica limitada, abordar problemas relacionados ao consumo e salientar as dimensões sociais e naturais. Já a tendência emancipatória caracteriza-se por uma compreensão complexa e multidimensional, desenvolvimento de liberdade, é crítica, propõe a politização e publicização da problemática socioambiental, associa argumentos técnico-científicos, defende a democracia, a participação social e o diálogo.

Estimular o debate e a educação ambientais, segundo Lima (2002), pode significar um estímulo à compreensão dos riscos presentes nas agressões ambientais, à identificação e responsabilização dos reais agentes da degradação, ao reconhecimento do acesso a um ambiente limpo como uma conquista cidadã e à participação organizada tanto na resolução de problemas comunitários quanto na defesa do bem-estar público. A união desses processos direciona a construção de uma sustentabilidade baseada na defesa da vida, da liberdade e da justiça social. Politizar a questão ambiental significa tratar os recursos naturais como bens coletivos e o acesso a esses recursos como um direito público e universal.

Segundo Carvalho (2004), ao educar para a cidadania, a educação ambiental pode construir a possibilidade da ação política, no sentido de contribuir para formar uma coletividade que é responsável pelo mundo que habita, e é neste sentido que aqui se trabalha com a perspectiva de que o ecoturismo, integrado à educação ambiental, seja um caminho que facilite a educação para a cidadania, apresentando-se como uma estratégia especial de sensibilização. Para a autora, a educação ambiental se propõe construir uma cultura ecológica que compreenda natureza e sociedade como dimensões intrinsecamente relacionadas e que não podem mais ser pensadas de forma separada, independente ou autônoma.

Caetano (2008) afirma que o desafio da sociedade sustentável de hoje é criar novas formas de ser e de estar neste mundo. A solução é uma reeducação do homem, a fim de se alcançar uma nova percepção das responsabilidades com o futuro, pois para o autor não há como transformar a relação entre a sociedade e a natureza, caso não se pense o ambiente, no cotidiano, como um parceiro mútuo e recíproco.

Ao longo do tempo a cultura dominante tem demonstrado uma perda do sentimento de pertencimento em relação ao ambiente. São pertencentes ao mundo físico, como todos os seres vivos, mas, ao mesmo tempo, distanciados e estranhos a eles, são profundamente enraizados a uma cultura.

Mourão (2005) explica que a noção de pertencimento que aparece nos discursos e práticas de educação ambiental não é um conceito que se encontra formal e racionalmente definido, que seja possível identificar uma clara e objetiva trajetória. Pelo contrário, trata-se de uma noção complicada, utilizada quase sempre de modo superficial e ingênuo. A noção de pertencimento aparece também nas discussões sobre a relação entre ética e sustentabilidade, referindo-se a uma possibilidade de transformação de comportamentos, atitudes e valores para formação de pessoas e relações capazes de formar novos modelos de ser. Deve-se buscar a consciência ecológica como resgate dessa condição de pertencimento na práxis humana, fazendo a ligação entre sociedade e natureza, segundo o autor.

A integração e uma maior harmonia nas relações homem x sociedade x natureza somente será possível através de um processo participativo, dialógico, necessário à mudança de valores e atitudes, voltada para a formação da cidadania, em que a natureza é considerada um bem público e um patrimônio de todos os cidadãos, que têm direitos e deveres para com ela.

O Programa Nacional de Educação Ambiental (PRONEA) coloca como objetivo da educação ambiental promover uma compreensão integrada do meio ambiente em suas múltiplas e complexas relações, envolvendo aspectos físicos, biológicos, sociais, políticos, econômicos, culturais, científicos e éticos. Segundo o documento, a preservação ambiental contempla a utilização dos recursos da natureza com sustentabilidade, de modo que o acesso a eles pelas gerações atuais permita igual acesso para as próximas gerações. Em resumo, o que se objetiva é que o uso dos bens naturais seja feito com responsabilidade e consciência dos direitos atuais e futuros da humanidade (PRONEA, 2005).

Assim como o PRONEA, alguns princípios do Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global (2005) podem ser citados como propostas a serem desenvolvidas a partir do turismo, tais como: a) A

educação ambiental deve ter como base o pensamento crítico e inovador, em qualquer tempo ou lugar, em seus modos formal e não formal, promovendo a transformação e a construção da sociedade; deve ser individual e coletiva. b) Tem o propósito de formar cidadãos com consciência local e planetária, que respeitem a autodeterminação dos povos e a soberania das nações. c) Deve envolver uma perspectiva holística, enfocando a relação entre o ser humano, a natureza e o universo de forma interdisciplinar; assim como estimular a solidariedade, a igualdade e o respeito aos direitos humanos, valendo-se de estratégias democráticas e interação entre as culturas. d) A educação ambiental deve tratar as questões globais críticas, suas causas e inter-relações em uma perspectiva sistêmica, em seu contexto social e histórico, levando em conta aspectos primordiais relacionados ao desenvolvimento e ao meio ambiente, tais como população, saúde, democracia, fome, degradação da flora e fauna, entre outros.

Os pressupostos da educação ambiental conforme acima colocados pelos autores, têm muito a contribuir nas práticas de ecoturismo, isto porque esta atividade turística utiliza o meio ambiente como atrativo principal, porém a apropriação do meio ambiente pelo turismo traz, às vezes, a degradação.

Portanto, educação ambiental pode ser aplicada como forma prática e dinâmica ao segmento do ecoturismo, especialmente quando as atividades ocorrem em parques ambientais. Assim, segundo Faxina (2005, pg. 02), o parque estaria cumprindo sua função de “desenvolvimento de atividades de educação e interpretação ambiental, de recreação em contato com a natureza e de turismo ecológico”, conforme rege o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC)<sup>3</sup>.

Nas atividades ecoturísticas em unidades de conservação, o meio ambiente é visto como forma de aprendizagem. Através do contato, da experiência se dá a sensibilização para com as questões ambientais. Nada mais didático do que a vivência com exemplos reais para realizar os processos de conhecimento.

---

<sup>3</sup> O SNUC divide as áreas naturais, consideradas unidades de conservação, em duas unidades: Unidade de Proteção Integral e Unidade de Uso Sustentável. A primeira objetiva preservar a natureza admitindo-se o uso indireto dos seus recursos naturais, enquanto a segunda tem com objetivo conciliar a conservação da natureza ao uso sustentável de parcela de seus recursos naturais.

Segundo Carvalho e Boçon (2004), o objetivo principal da implantação de trilhas em áreas naturais, como nos parques, é propiciar aos visitantes uma experiência lúdica, que possibilite uma melhor compreensão do meio ambiente e de suas inter-relações, através de dinâmica de observação, de reflexão e de sensibilização para com as questões relativas ao meio ambiente.

Sampaio (2009) ressalta serem bem-vindos os diferentes modos de pensar, fazer e proliferar a educação ambiental no meio natural. Para o autor, as trilhas interpretativas são como um dispositivo pedagógico, no qual será exposta uma experiência que relata e problematiza a vivência na trilha. Não se objetiva demarcar e reforçar a separação entre cultura e natureza, entre o que é humano e o que é natural, ao contrário, se trabalha com a idéia de pertencimento mútuo.

Para Guimarães (2009) o contato com a paisagem em uma trilha de interpretação busca, por meio desta experiência, propiciar uma melhor compreensão das percepções e interpretações ambientais de cada um diante de diferenciados ecossistemas naturais e construídos.

Algumas áreas de preservação adotam como critério trilhas guiadas com acompanhamento de um guia e outras, as trilhas autoguiadas ou auto-interpretativas, sem a presença de um guia. E ainda há aquelas que utilizam os dois tipos de trilhas, tanto autoguiadas como guiadas (SAMPAIO, 2009).

As trilhas autoguiadas situam-se normalmente em lugares sujeitos a menos riscos. Essas trilhas possuem painéis explicativos ao longo do seu trajeto ou manuais que orientam o visitante, tendo em vista a ausência das informações fornecidas pelo guia, onde este é substituído pelas placas indicativas ou livretos impressos, sem grandes prejuízos.

Nas trilhas com acompanhamento de um guia (também chamado de condutor ou monitor) são realizadas observações contínuas ao disciplinamento dos "sujeitos-visitantes". Segundo Sampaio (2009), são informadas as regras de conduta que devem ser seguidas pelos visitantes na trilha no momento inicial da atividade. Desse modo, o visitante deve caminhar em fila indiana, respeitando o traçado da trilha; não deve correr ou ultrapassar o guia, que se posiciona sempre na dianteira do grupo;

não deve falar alto para não assustar os animais; não deve retirar nenhum souvenir (plantas, pedras ou animais do local); e, por fim, deve estar atento às falas do guia.

Sampaio (2009) explica que durante a trilha é destacada a importância da preservação do local, pontuando-se as ações que colocam em risco essa preservação, supondo que o guia não precisa constranger ou coagir o visitante para que ele respeite tais normas, previamente já informadas, podendo, o visitante, regular a própria conduta de acordo com essas regras (como também controlar as atitudes de outros visitantes que não se comportem de maneira adequada). Mas caso o visitante não seguir as regras em algum momento durante a trilha, é interessante o guia parar a visita para explicar o ato falho e irresponsável do visitante para que não só ele, como todos ao redor, tomem consciência e reflitam como agem no seu cotidiano.

Então, entre a trilha autoguiada e a com acompanhamento supervisionado, o que apresenta ser mais eficiente na educação ambiental é a com acompanhamento de um guia, pois, segundo Sampaio (2009), traz a realidade apresentando experiências vividas pelos seres humanos nesses espaços, enfatizando também aspectos biológicos, ecológicos, geográficos, entre outros provenientes das ciências naturais. Pode-se, com isso, aprofundar a reflexão sobre a relação entre o homem e a natureza.

Como o guia incentiva atividades do grupo em relação ao ambiente natural, estas atividades podem referir-se a reflexões sobre o comportamento dos visitantes para além do contexto vivido na trilha, fazendo referência ao cotidiano de cada um, constituindo-se, assim em um espaço de educação ambiental e de construção de cidadania. Para Lima, a experiência ambiental:

[...] possibilitada por meio de trilhas interpretativas ou de vivências na natureza, busca traçar nossas trilhas refletindo nossa paisagem interior na exterior, como um espelho; construídas, destruídas e reconstruídas, conhecidas e reconhecidas, interpretadas e reinterpretadas, através de cada novo experiencial, mediante percepções decorrentes e sucessivas, refletidas nas transformações de atitudes e condutas concernentes ao meio ambiente (LIMA, 1998, p. 05).

Assim, o principal objetivo das vivências no meio natural é resgatar o significado e o valor da interação entre pessoa e meio ambiente, para poder entender os valores relacionados à proteção e sensibilização ambiental. Uma trilha

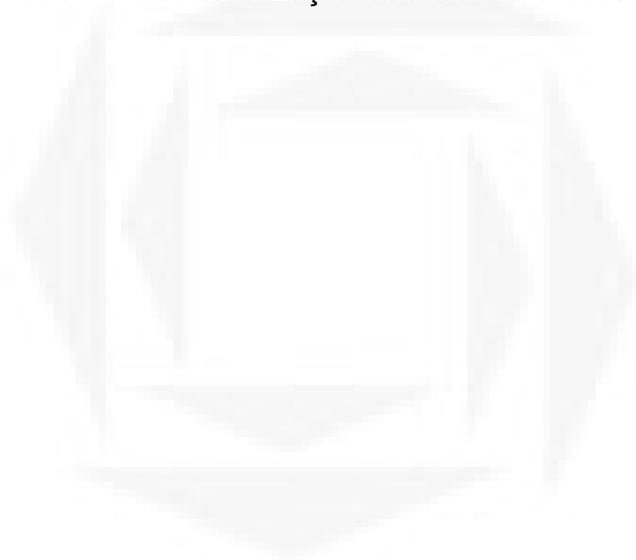
interpretativa é considerada um valioso subsídio para diversas atividades ludoeducativas e cooperativas, principalmente entre aquelas voltadas para a busca de melhores índices de bem-estar e programas de qualidade de vida e ambiental, que despertam o sentimento de ser parte (GUIMARÃES, 2009).

Para a autora, através do contato com o ambiente natural há a possibilidade de aprender a partir da própria vivência. A experiência vivida em uma trilha é impossível de ser restringida aos conteúdos disciplinares, dada a sua natureza de transdisciplinaridade, pois proporciona a integração de diferentes campos do conhecimento.

Guimarães (2009) ressalta que se deve estar atento para não buscar nas ações educativo-ambientais uma volta ao passado perdido, um retorno a uma natureza idílica e não mediada pela técnica, mas deve-se buscar trazer a realidade, discutir a situação que o meio ambiente se encontra hoje, trazer a conectividade do homem com a natureza, já que as pessoas perderam essa interação, mantendo apenas contato distante. A autora observa que os seres humanos estão distanciando-se das sensações que surgem com o contato com a terra, com as plantas, com o sol, entre outros. Assim, em vez de apreciar, preservar e saber viver de forma sustentável, o homem explora e usufrui dos recursos naturais de forma insustentável, acreditando que a natureza só está aí para lhe servir, dando-lhe retorno econômico.

Por isso, numa trilha, o guia, além de enfatizar a importância da preservação do local onde está situada a trilha interpretativa e pontuar as ações que colocam em risco essa preservação, deve oferecer exemplos cotidianos da ação do homem no ambiente. Assim, segundo Ortigoza (2007), a paisagem pode ser objeto de reflexão no social, pois pode ajudar a entender como uma sociedade encara a natureza. Pode-se dar também a exploração e a descoberta de novas interações e inter-relações ecológicas e psicológicas durante o percurso de uma trilha, tanto em ambientes naturais como construídos através da interpretação, segundo Guimarães (2009). Deste modo, o contato com a paisagem traz aprendizados, lições de vida e reflexões.

As sensações, informações e experiências que se vive nas trilhas são uma ferramenta na condução da sensibilização para a conservação da biodiversidade e para restabelecer no turista o sentimento de que é parte da natureza. Portanto, entende-se que a educação ambiental aliada ao ecoturismo permite refletir sobre a relação entre o homem e a natureza por meio de uma estratégia interdisciplinar, que trabalhe os valores da solidariedade, igualdade e respeito. É neste sentido que este trabalho busca contribuir, já que faz uma análise sobre como as ações de educação ambiental aliadas ao ecoturismo sustentável desenvolvidas nas atividades de um Ecoparque que possibilite a sensibilização ambiental de seus públicos.



UNIVATES

## 5 EXPERIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL ALIADAS AO ECOTURISMO

Para identificar a relação da educação ambiental com o ecoturismo foram avaliadas experiências em alguns parques, através de análises de dados científicos coletados entre visitantes, sobre seu perfil e comportamento, percepção da organização, estrutura e de impactos nos parques.

Foram analisadas atividades e os programas de educação ambiental no Parque Nacional do Iguaçu, em Foz do Iguaçu, no Paraná; o perfil e experiência dos visitantes no Parque Estadual de Ibitipoca em Lima Duarte, Minas Gerais, e no Parque Estadual do Jalapão em Mateiros, Tocantins. Também foram incluídos dados de estudos sobre a percepção dos turistas sobre o ecoturismo e os impactos socioambientais no Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira, no Vale do Ribeira em São Paulo; e identificado o perfil, as motivações e expectativas, assim como pontos positivos e negativos identificados pelos visitantes do Parque Nacional da Tijuca no Rio de Janeiro, RJ. Numa outra pesquisa realizada, porém não num parque, foi possível analisar a percepção e comportamento ambiental de universitários em relação ao grau de educação para avaliar se as disciplinas em aula, que estudam educação ambiental, influenciam no comportamento ambiental destes estudantes.

Alguns casos internacionais também foram analisados, como estudos em parques da Austrália para identificar aspectos de educação ambiental aliados à experiência turística a partir do contato com animais selvagens e com a conservação de espécies, caso do Parque de Conservação Mon Repôs, No Parque Nacional

Point Pelee, localizado em Ontário, no Canadá, foi possível identificar o que influencia visitantes do parque na decisão de apoiar a conservação de paisagens e recursos naturais. E fora dos parques, um estudo sobre projetos de base comunitária na Amazônia, compostos por líderes indígenas de três regiões amazônicas do Equador, Peru e Bolívia, analisou o compartilhamento de suas experiências, idéias e preocupações sobre o ecoturismo como um catalisador de mudanças em suas comunidades. Todos estes estudos foram escolhidos pela proximidade com aspectos desta pesquisa.

Quando o turismo é analisado como dinâmica de educação ambiental para parques nacionais, pode-se dar o exemplo do estudo realizado por Gomes (2001) e Faxina (2005) no Parque Nacional do Iguaçu, que abriga uma das maiores belezas naturais do país, as Cataratas do Iguaçu.

O Parque Nacional do Iguaçu fica localizado no município de Foz do Iguaçu no estado do Paraná e é uma Unidade de Conservação Brasileira de importância indiscutível, reconhecido mundialmente como Patrimônio Natural da Humanidade (UNESCO). Trata-se de uma Unidade de Conservação Federal de responsabilidade do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), vinculado ao Ministério do Meio Ambiente (MMA).

A finalidade principal do parque é a proteção dos solos, rios, plantas, animais, sítios, arqueológicos, além das belas paisagens, como por exemplo, as Cataratas do Iguaçu. Uma das ações previstas para o parque é a criação de um Programa de Educação Ambiental, subprojeto Integração do Entorno, proposta ainda não efetivada pelo órgão.

Foram feitos investimentos pelo Programa Nacional do Meio Ambiente (PNMA) na reestruturação dos sistemas de atendimento ao visitante e de arrecadação; algumas ações foram promovidas para informatização e investimentos feitos em equipamentos para a Unidade.

A Escola de Educação Ambiental do Parque Nacional do Iguaçu objetiva a conservação do meio ambiente e a redução dos impactos causados pela população do entorno. A educação ambiental é usada como instrumento para informar e sensibilizar para a conservação da biodiversidade do Parque Nacional do Iguaçu,

assim como para envolver a população do entorno nas ações de conservação do Parque.

Os projetos desenvolvidos atualmente são: Curso/laboratório de Educação Ambiental, destinados aos professores dos municípios do entorno; Mostra Anual de Educação Ambiental, onde são apresentados os trabalhos desenvolvidos pela Escola Parque durante o ano; Conhecendo o Parque Nacional do Iguaçu e Visitas Técnicas.

Este trabalho já acontece desde a inauguração da Escola Parque e é voltado para grupos que são compostos de estudantes, professores, associações, terceira idade, entre outros interessados. Não é uma simples visita às Cataratas. A programação envolve palestras, dinâmicas e atividades lúdicas acerca das questões ambientais e, também, referentes à unidade de conservação que os visitantes estão conhecendo. Estas atividades são desenvolvidas e acompanhadas por monitores ambientais. O grupo é direcionado para conhecer os locais e participar na Escola Parque, através de atividades como as trilhas de reconhecimento, realizando no percurso um trabalho de interpretação da natureza (FAXINA, 2005).

Estudo dos autores Ladeira et al. (2007) sobre o Parque Estadual do Ibitipoca (PEIb), em Lima Duarte, Minas Gerais, analisa o perfil dos visitantes no parque. Este parque é uma unidade de conservação do estado de Minas Gerais, administrada pelo Instituto Estadual de Floresta, que pertence aos municípios de Lima Duarte, Santa Rita do Ibitipoca e Bias Fortes. O parque caracteriza-se basicamente por sua ocupação do solo, corredeiras e cachoeiras, animais de várias espécies e grutas em quartzito.

Entre 1995 e 2004, houve aumento significativo do número de visitantes/ano no parque. O aumento é creditado a diversos fatores, dentre os quais, se destacam: o incremento de políticas voltadas para o turismo, com especial ênfase ao ecoturismo, o modismo em visitar unidades de conservação, amparados em valores de conscientização, de preservação e contemplação da natureza e, finalmente, com a popularização e divulgação pela mídia eletrônica (Ladeira et al., 2007).

Ladeira et al. (2007) realizaram entrevistas com 324 visitantes no parque em quatro meses de 2004, com o objetivo de caracterizar o perfil dos visitantes do PEIb

por meio de questionários elaborados com perguntas abertas e fechadas sob análise qualitativa e quantitativa. Em estudo de campo detectou-se que dos visitantes entrevistados, mais de 92% possuía o segundo grau completo e 27,5% citaram a caminhada e observação à natureza como a principal atividade realizada durante a visita.

A maioria dos visitantes do PEIb entrevistados buscava um contato com a natureza e um local de lazer. Através de caminhada e observação da natureza, procuravam tranquilidade e a grande beleza cênica proporcionada pelo contato com a natureza. Segundo os autores, as pessoas que visitaram o parque, por possuírem uma “bagagem educacional”, tinham facilidade à compreensão da importância de ações e atitudes adequadas em áreas naturais.

Em outro estudo, Lobo (2008) analisou a percepção dos turistas no Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira (Petar), localizado no Vale do Ribeira, estado de São Paulo. O parque possui quatro núcleos de visitação turística: Santana, Ouro Grosso e Casa de Pedra em Iporanga, Caboclos em Apiaí.

A falta de um plano de manejo nas cavernas, seu principal atrativo, prejudica a realização da atividade, pela ausência de diretriz legal que dê amparo às ações de uso sustentável do patrimônio natural da Unidade de Conservação. Em função disso, o risco de ampliação dos impactos ambientais negativos da atividade se amplia (LOBO, 2008).

Foram realizadas entrevistas com 63 turistas em outubro de 2003, utilizando-se questões semi-estruturadas com análise quantitativa. A pesquisa de campo teve por objetivo avaliar sua percepção quanto à atividade que praticavam no parque em sua visita, focando possíveis impactos negativos e positivos de sua experiência de visitação ecoturística na Unidade de Conservação.

Como resultado, Lobo (2008) apontou que 56% dos entrevistados associaram ecoturismo com natureza, quando responderam que se tratava do contato com a natureza sem depredar, preservando. Dos entrevistados, 75% possuíam ensino superior completo ou em conclusão. Quanto à percepção de impactos ambientais gerados pelo ecoturismo no parque, 68,5% citaram que provoca impactos negativos, principalmente pela exploração humana e pela fragilidade do ambiente cavernícola.

A minoria citou como impactos positivos o controle na visitação e a orientação dada aos turistas. Em relação à percepção de impactos resultantes da relação da comunidade local com o ambiente, 22% dos turistas acreditam que o turismo gera mais impactos negativos no ambiente do que na população local.

Através das definições de ecoturismo dadas pelos entrevistados, pode-se dizer que o entendimento geral sobre o assunto está ligado à preservação da natureza, o que contradiz o Sistema Nacional de Unidades de Conservação, citado pelo autor, pois o termo preservação determina a impossibilidade do uso público pelo ecoturismo.

Em relação aos impactos socioeconômicos e culturais destacados, segundo Lobo (2008) ainda existe uma carência de ações que esclareça sobre as limitações dos benefícios que o turismo pode trazer, assim como sobre as possibilidades de educar os turistas quanto aos costumes e tradições locais. Para o autor, a experiência vivenciada no Petar poderia ser aproveitada para quebrar as barreiras psicológicas e sociais existentes entre os objetivos de conservação, o uso sustentável e o ideário dominante de preservação, pois ainda predominam as experiências superficiais de contemplação e consumo vital da natureza. A grande oportunidade de transformação pessoal por meio do contato com a natureza continua sendo desperdiçada, segundo Lobo (2008). Para ele, se os futuros limites numéricos de visitação do Petar não forem respeitados, a capacidade de carga do ambiente continuará sendo, de certa forma, desrespeitada.

Caracteriza-se a seguir o perfil e a experiência dos visitantes no Parque Estadual do Jalapão, Tocantins, através do estudo de Dutra et al. (2008). O Parque Estadual do Jalapão (PEJ) localiza-se no município de Mateiros, no estado do Tocantins. Foi criado com o intuito de conservação ambiental. Possui diversos atrativos naturais, dentre eles várias cachoeiras e dunas.

Este parque, por possuir um ambiente propício à prática do ecoturismo e turismo de aventura, vem sofrendo um gradativo aumento da visitação, sem, no entanto, possuir informações suficientes e estruturação básica para atender a essa crescente demanda. Para os autores, projetos de ecoturismo podem trazer muitos benefícios ao parque e às comunidades locais, com pouco impacto ao ambiente;

mas se este tipo de turismo ficar restrito à busca de aventuras e “*rallies*”, sem interesse e comprometimento com as peculiaridades ambientais e sociais da região, pode trazer impactos irreversíveis ao PEJ, além de prejudicar a própria sustentabilidade da atividade turística na área.

Entrevistas com 180 visitantes do parque foram realizadas com o objetivo de levantar o perfil, percepção ambiental e qualidade da experiência de turistas que visitaram a região nos feriados de 2006 e 2007. Embora não mencionado na pesquisa, acredita-se que o estudo foi quantitativo pelo questionário conter perguntas fechadas e pelos dados estatísticos apresentados. O propósito dos autores era buscar informações que contribuíssem com o planejamento turístico do local.

A maioria dos entrevistados reconheceu que estava visitando uma Unidade de Conservação. Para os autores, o fato dos entrevistados reconhecerem que estão visitando uma Unidade de Conservação é um passo inicial importante, mas deve estar associado também ao conhecimento sobre a conduta adequada na área e seu valor como patrimônio natural, a fim de garantir que as atividades de uso público não causem impactos significativos ao Parque. Do total dos entrevistados, 57% não tinham o costume de visitar outras Unidades de Conservação, o que indicou aos pesquisadores a necessidade de investir em programas de educação do visitante e divulgação das práticas de mínimo impacto para garantir a conservação dos atrativos do PEJ.

Foi possível identificar através das entrevistas que 67% dos visitantes são motivados por atividades de aventura. Quanto às expectativas, a satisfação dos visitantes é elevada: 96% consideraram-se satisfeitos com a experiência. A sinalização e infraestrutura foram conceituadas como “regular”, pois há poucas placas indicativas que contemplam nomes e informações referentes aos atrativos e à região de forma geral, o que pode prejudicar a qualidade da experiência do visitante na região. Um dado que pareceu contraditório para os pesquisadores, foi o fato de a maioria dos entrevistados considerar a condição de limpeza como “bom” com 49,4%, quando os autores observaram que havia altos índices de lixo nos atrativos durante as visitas de campo.

O turista que visitava a região durante o estudo apresentava nível de escolaridade superior completo, renda e interesse pela área visitada, o que gera uma demanda por serviços e produtos diferenciados, que pode ser mais bem aproveitada no sentido de gerar benefícios econômicos às comunidades locais, segundo Dutra et al. (2008).

Para os pesquisadores alguns aspectos devem ser melhorados para garantir uma satisfação plena dos turistas no Jalapão, tais como infra-estrutura das cidades e atrativos, limpeza urbana, sinalização turística e fontes de informação sobre o Parque.

Dutra et al. (2008) afirmaram que a qualidade da experiência do visitante ainda não se apresenta como um fator de restrição à capacidade de carga dos atrativos, o que sugere a adoção de indicadores de impactos físicos e ambientais para a definição de possíveis limites de uso, além do monitoramento da percepção dos turistas em relação à aglomeração e outros impactos, que possam vir a comprometer a qualidade de sua experiência na região.

Pereira (2005) estudou as condições de visitação do Parque Nacional da Tijuca (PNT), localizado no Rio de Janeiro-RJ. Em março de 2005 um total de 49 turistas, a maioria da região Sudeste do país, e visitantes (moradores do Rio de Janeiro), participaram da pesquisa de campo, que se utilizou de questionários elaborados com perguntas fechadas e abertas. As respostas foram analisadas de forma descritiva, de modo a compreender as motivações e expectativas, assim como pontos positivos e negativos do parque, conforme apontados pelos visitantes.

O parque é uma unidade de conservação natural, histórica e ambiental, localizado numa grande capital, o que pode favorecer a educação ambiental, interpretação do ambiente, ecoturismo, recreação e lazer em contato com a natureza, tanto para os turistas como para os moradores do Rio de Janeiro.

Os pesquisadores identificaram que grande número dos visitantes possuía nível superior e alto poder aquisitivo. Quando questionados que informações gostariam de receber sobre o parque, a maioria não expressou interesse por maiores informações científicas e estudos realizados no parque por considerarem as informações no local suficientes. Também demonstraram desconhecer os quatro

setores que fazem parte da área total do parque e não identificaram “Corcovado”, Paineiras, e Pedra da Gávea, como pertencentes à área. Concluiu-se que embora eles se considerassem informados sobre essa Unidade de Conservação, não possuíam informações básicas sobre o PNT, embora alguns buscassem algum tipo de informação sobre a história, os atrativos naturais e as possibilidades de lazer e entretenimento no parque.

Segundo Pereira (2005), a experiência no PNT poderia, portanto, ser uma oportunidade para a apreensão de novos conhecimentos relacionados à conservação e preservação do parque e de outros ecossistemas, uma vez que esses atores sociais são importantes aliados para a conservação do meio ambiente.

A maioria dos turistas, ao escolher uma área protegida, como foco de atração turística, lazer e recreação, esperava conhecer a flora e a fauna da Mata Atlântica. Para eles, o parque se destaca como um dos principais atrativos turísticos do Rio de Janeiro por sua riqueza natural e cultural. Considerando-se que mais da metade dos turistas entrevistados tinha como principal motivação para visitar o parque a possibilidade de desfrutar da fauna e da flora local, compreende-se este resultado como uma “frustração na visita” por não terem visto animais no parque, principalmente pássaros, como citou um dos turistas.

O valor estético/paisagístico da natureza e a tranquilidade foram considerados como os principais pontos positivos do parque, sendo destacados como atrativos de interesse as trilhas, as cachoeiras e o Centro de Visitantes.

A infra-estrutura de apoio ao turista, as condições de higiene e a manutenção dos banheiros, assim como a segurança e a fiscalização foram identificados como pontos negativos no parque. Alguns citaram não ter nada que eles não tenham gostado no parque, enquanto outros citaram como problema a falta de poda nos mirantes, os mosquitos e as árvores caídas no parque.

Pereira (2005) menciona que, embora tenham sido adquiridas revelações importantes na pesquisa, ainda faz-se necessário conhecer as motivações dos turistas de forma mais aprofundada; desenvolver programas de interpretação ambiental; planejar ações de delineamento de espaços no parque que permitam o

contato mais próximo com a natureza, sempre tendo como premissa central o papel fundamental que os visitantes possuem em um parque ambiental.

Fora dos parques, outra pesquisa compara percepções de estudantes. O estudo realizado por Brandalise et al. (2009) em outubro de 2006, com 224 universitários de 15 cursos da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, objetivou compreender se a percepção ambiental está associada ao grau de educação ambiental que a pessoa recebe. Para isto, analisaram-se percepções de estudantes que possuem e os que não possuem uma disciplina relacionada às questões ambientais na grade curricular de seus cursos.

Segundo Brandalise et al. (2009), a percepção é a interpretação que uma pessoa faz de uma mensagem, e esta pode ser diferente para cada receptor, o que leva a crer que o nível de instrução e experiência influencia no modo como um estímulo é percebido e, conseqüentemente, nas atitudes e comportamento de consumo.

Dos 15 cursos de graduação, 06 incluem em sua grade curricular uma disciplina relacionada às questões ambientais e 09 cursos não tinham uma disciplina relacionada às questões. Foram considerados três elementos para o estudo, que atuam sobre o consumidor no macro ambiente: a variável ambiental, os estímulos (internos e externos) e as influências (sociais, de *marketing* e situacionais) que incidem sobre outros elementos associados ao produto e ao consumidor.

O estudo apontou discreta diferença entre a amostra dos que têm e dos que não têm uma disciplina relacionada às questões ambientais em sua grade curricular. Isso se justifica pelas respostas do primeiro conjunto de questões, nas quais a maioria absoluta afirma ser a mídia a principal fonte de informações sobre as questões ambientais.

Os dois grupos demonstraram possuir percepção ecológica muito semelhante, o que levou os pesquisadores a concluir que o fato de haver ou não uma disciplina relacionada às questões ambientais, não fez diferença. Verifica-se então, pelos resultados, que embora os estudantes tenham uma disciplina que trata das questões ambientais, não há efetividade no seu comportamento enquanto consumidores.

Entre os estudos que relacionam educação ambiental e ecoturismo realizados no âmbito internacional, Ballantyne et al. (2011) focou as experiências de visitantes em quatro parques na Austrália, analisando os processos que podem levar a mudanças na conservação e de comportamento ambiental responsável a longo prazo. Um total de 240 visitantes entre 30 e 49 anos foram entrevistados. Identificou-se o nível elevado de envolvimento, nível moderado de curiosidade ambiental, e um baixo nível de defesa ambiental.

O questionário foi composto por perguntas abertas em uma pesquisa na web realizadas quatro meses depois da visita a quatro parques de turismo com fauna marinha localizados no sudeste de Queensland (dois em que os animais estavam em cativeiro e outros dois com animais fora de cativeiro). Os locais escolhidos foram a visita ao aquário, a um parque marinho; visualização de tartarugas e passeio de observação de baleias. O aquário ficava no parque temático marinho Queensland Gold Coast, localizado em Mooloolaba, em Queensland Sunshine Coast. A visualização de tartarugas ocorreu no Mon Repos Conservation Park e a observação de baleias no Queensland Gold Coast e na Baía de Hervey.

O objetivo desta pesquisa exploratória foi identificar aspectos da experiência turística dos animais selvagens que parecem contribuir para o impacto da experiência e, finalmente, à adoção de novos comportamentos ambientais pelos visitantes, desconstruindo o processo pelo qual esses impactos podem ocorrer.

Ballantyne et al. (2011) revelou os seguintes resultados na análise qualitativa, aos quatro níveis de resposta dos visitantes: a) impressões sensoriais: visitantes remetem a experiências visuais, auditivas, olfativas ou táteis, memórias dessas experiências; b) afinidade emocional: visitantes remetem a experiências emocionais ou conexões com os animais que observaram; c) resposta reflexiva: visitantes relatam novas descobertas com o resultado de processamento de suas experiências ou comentários que indicam que eles têm refletido sobre o que viram ou ouviram falar; e d) comportamento de resposta: visitantes relatam ter tido ações específicas em resposta à sua experiência de turismo com a natureza ou argumentos de uma maior consciência da necessidade de tal ação.

Muitos visitantes foram capazes de recordar as informações dadas quanto aos impactos humanos sobre a vida selvagem, e coisas práticas que eles poderiam fazer para obter uma diferença positiva. As respostas dos visitantes demonstraram a importância da ação ambiental em atividades que relacionam turismo com natureza, fornecendo exemplos práticos de como a reflexão pode ser facilitada. Segundo os autores, a admiração por animais em seu habitat natural e a oportunidade de ver em primeira mão os efeitos do impacto humano potencializam uma impressão duradoura e a mudança de vida em seus visitantes. Observou-se que os animais mamíferos tiveram um papel importante na criação de um sentido de relacionamento entre humanos e os animais selvagens em questões ambientais.

Outro estudo realizado por Ballantyne et al. (2009) buscou explorar as percepções, preferências, conservação e conscientização dos turistas que visitam o Parque de Conservação Mon Repos em Queensland, na Austrália, através da nidificação de tartarugas marinhas.

O objetivo desta pesquisa é identificar entre os turistas seu interesse e engajamento em questões de conservação, a sua vontade para aceitar as mensagens de conservação como parte do turismo na natureza e a importância relacionada com a conservação e aspectos da experiência.

Três projetos separados foram utilizados para parâmetro de análise de dados. No primeiro projeto foram aplicados 310 questionários de pré e pós visita com objetivo de explorar aspectos da conservação presentes no processo de aprendizagem no turismo inserido no meio ambiental, em janeiro e fevereiro de 2006. O segundo projeto mediu o impacto ambiental, sensibilização, interesses e motivações dos visitantes do Jardim Botânico Brisbane em Mt Coot-tha na Austrália, em setembro de 2006. O terceiro projeto, composto de 731 questionários pós visita, foi destinado a melhorar os aspectos referentes às práticas e ao gerenciamento de visitantes no Parque de Conservação Mon Repôs, no que diz respeito à interpretação do ambiente e satisfação, e foi realizado em janeiro e fevereiro de 2007.

O estudo de Ballantyne et al. (2009) evidenciou aspectos da experiência e da importância do local de conservação como principais preocupações para causar o

mínimo impacto. A maioria dos entrevistados informou que já estavam engajados em ações de conservação que exigia um baixo nível de compromisso e aproximadamente um em cada dez estiveram ativamente envolvidos no compromisso de alta atividade. Os turistas em contato com a natureza foram mais conscientes e interessados nas questões de conservação do que o público em geral, e também apoiou a inclusão de mensagens de conservação como parte da experiência de turismo na natureza. Os turistas estavam particularmente interessados em informações práticas sobre o que eles poderiam fazer para ajudar a proteger a natureza, ao invés de informações gerais sobre questões de conservação.

Para os autores, foi possível identificar que os turistas estão mais preocupados no mínimo impacto sobre as tartarugas do que com sua experiência e conforto pessoal, já que demonstraram estar dispostos a abrir mão da proximidade e da fotografia em filhotes de tartarugas em favor da proteção.

Outro estudo foi realizado por Halpenny (2010), que analisou o efeito de apego ao lugar quanto aos comportamentos pró-ambientais entre visitantes do Parque Nacional Point Pelee, localizado em Ontário no Canadá. Em 2005 foram realizados 1.111 questionários auto-administrados através de pesquisa quantitativa para identificar quais os fatores que afetam as decisões das pessoas que visitam o parque para apoiar a conservação de paisagens e recursos naturais.

A escala de apego ao lugar utilizado neste estudo foi desenhada para medir três dimensões: identidade local, a dependência lugar e afeto. Este estudo identificou forte relação entre a visitação e o apego ao lugar como um vínculo emocional, cognitivo e funcional, e concluiu que o efeito específico deste vínculo, afeta as intenções com o comportamento pró-ambiente do ser humano.

Já Stronza e Gordillo (2008) realizaram pesquisa em três projetos de base comunitária na Amazônia, ao longo de seis meses em 2003. Líderes indígenas de três regiões amazônicas do Equador, Peru e Bolívia se reuniram para compartilhar suas experiências, idéias e preocupações sobre o ecoturismo como um catalisador de mudanças em suas comunidades.

O objetivo era trazer as vozes locais para abordar questões fundamentais em relação ao ecoturismo buscando entender quais mudanças, além de benefícios econômicos, são instituídas para as comunidades locais, e quais são as implicações do conjunto de mudanças para as instituições comunitárias e para a conservação e desenvolvimento local a curto e longo prazos.

Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas focadas em mudanças sociais, econômicas, culturais e ambientais associados ao ecoturismo com 164 famílias (62 do Peru, 67 da Bolívia e 35 do Equador). Em entrevistas abertas, foi questionado o que eles consideravam como importantes indicadores de sucesso e quais fatores queriam comparar entre os três locais de estudo.

O estudo combinou métodos etnográfico, comparativo e participativo. As perguntas incluíam seis temas principais: parcerias, capacitação, distribuição de benefícios, mudanças de gestão dos recursos e monitoramento. Entre os 136 entrevistados, 73% apontaram benefícios econômicos com o ecoturismo como uma boa maneira de ganhar a vida.

De modo geral os entrevistados percebiam o ecoturismo como um campo global positivo para suas famílias e comunidades. No entanto, eles identificaram alguns problemas, além dos benefícios. Raramente falavam dos benefícios econômicos de forma isolada, a partir de mudanças sociais. Algumas das mudanças positivas citadas foram as oportunidades para adquirir habilidades e desenvolver a liderança, a auto-estima e uma melhor capacidade de organização. Dentre os aspectos negativos apontaram o enfraquecimento da reciprocidade e de relações tradicionais, além de novos conflitos associados à distribuição de lucros.

Segundo Stronza e Gordillo (2008) outras mudanças positivas que devem ser consideradas referem-se à conservação, à ação coletiva para a gestão de recursos e a estabilidade das instituições locais, além de perspectivas de longo prazo.

Os estudos analisados apontam que se aposta no ecoturismo como forma de promoção da educação ambiental, baseado na relação direta com ambientes naturais, onde se dá o contato com a fauna e flora, esperando-se que estas experiências reflitam-se na sensibilização para com as questões ambientais. Os autores deixaram entrever que apostam que a vivência em ambientes que

promovam o cuidado permitirá uma aprendizagem mais efetiva e atraente, favorecendo o gosto e o desejo em preservar os recursos naturais.



## 6 MÉTODO

Este trabalho empregou a pesquisa quanti-qualitativa, pois apresenta interpretações das realidades sociais, utilizando-se de entrevistas para compreender melhor o objeto de estudo (BAUER e GASKELL, 2002). A pesquisa quanti-qualitativa torna dados numéricos interpretáveis da realidade social em investigação (GOLDENBERG, 2002).

Trata-se de uma pesquisa exploratória, a qual consiste em desenvolver hipóteses, esclarecer e modificar conceitos e ideias através da formulação de problemas mais precisos (GIL, 1999).

Entre os procedimentos, utilizou-se o estudo de caso que se caracteriza pelo conhecimento amplo e detalhado do objeto de pesquisa, explorando situações da realidade, do contexto onde está sendo realizada a investigação e explicando variáveis causais de determinado fenômeno (GIL, 1999).

Quanto aos meios utilizaram-se estudos bibliográficos e documentais de campo. A análise bibliográfica permite maior compreensão das teorias e é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros, artigos científicos e estudos históricos (GIL, 2007).

Já o estudo de campo caracteriza-se pelo aprofundamento das questões propostas utilizando técnicas de observação e de interrogação. Neste estudo é

utilizada a observação direta e entrevistas semi-estruturadas, com administradores e visitantes do Ecoparque Sperry. Também foi realizada análise de documentos produzidos pela organização, como seu *site*. Esta análise também foi realizada em materiais midiáticos, folders e o estatuto do Ecoparque Sperry.

Entre as técnicas mais utilizadas no estudo de caso está a observação direta, que permite o acompanhamento mais detalhado e prolongado das situações no decorrer das pesquisas. A observação permite descrições das situações, tendo como resultado uma fonte rica de informações para interpretação dos dados. Nesta pesquisa foram realizadas observações diretas durante os percursos realizados pelos visitantes nas trilhas do parque. A pesquisadora realizou trilhas autoguiadas sozinha e acompanhou um grupo guiado para identificar de forma analítica os aspectos que compõem o local e as atividades educativas aplicadas. Foram realizados registros fotográficos durante os percursos do parque, também da estrutura e aspectos de educação ambiental.

Uma das técnicas que complementaram o estudo de caso, nesta pesquisa, são as entrevistas semi-estruturadas com questões mistas (abertas e fechadas) as quais seguiram um roteiro previamente estabelecido, com perguntas abertas, que deram aos entrevistados a liberdade para explorar mais as questões de pesquisa. As entrevistas foram dirigidas à proprietária do Ecoparque Sperry, ao biólogo e ao guia de turismo que atuam no parque (Anexo A).

A amostra dos grupos foi definida de forma não probabilística, pois não se baseia em procedimentos estatísticos, conforme cita Vergara (2006). Os entrevistados foram escolhidos por acessibilidade e por tipicidade, ou seja, por facilidade de acesso e por serem representativos dos grupos sociais que visitam o Ecoparque Sperry: estudantes de turismo, visitantes em trilhas guiadas e visitantes em trilhas autoguiadas. Estes grupos foram escolhidos porque possibilitam dois tipos de comparações: a) visitantes em geral e estudantes de turismo, b) visitantes guiados e autoguiados (dois tipos de trilhas). Foram analisados grupos em trilhas guiadas e autoguiadas para comparar se há diferença na sensibilização ambiental dos visitantes que realizam visitas com e sem acompanhamento de guia.

A princípio pensava-se em realizar pesquisa qualitativa, mas ao longo do estudo foi permeado por uma lógica quantitativa, e definido aplicar estudo quanti-qualitativo utilizando conceitos como “maioria”, “minoria” e “metade” como indicadores de frequência das respostas; no entanto não há uma preocupação em uma análise estatística.

As primeiras entrevistas foram aplicadas em março de 2010 com os principais atores sociais que trabalham com educação ambiental no parque: a proprietária, o biólogo e o guia de turismo. Em abril de 2010 foram aplicados questionários para 25 estudantes de turismo de uma universidade da serra gaúcha, que realizaram visita guiada. Devido à falta de agendamento de grupos no parque, apenas em outubro de 2010 foram aplicados questionários para 02 grupos de visitantes no parque: um grupo com 23 pessoas em visita guiada e outro com 20 pessoas em visita autoguiada.

As entrevistas com os administradores do parque foram realizadas de duas formas. A pesquisadora fez perguntas orais para a proprietário do parque, enquanto o guia de turismo e o biólogo preferiram responder às questões por escrito e entregar as respostas à pesquisadora.

Os questionários com os estudantes de turismo foram realizados em sala de aula, dias após visitarem o parque, em uma disciplina que alia conhecimentos de turismo e meio ambiente, em uma universidade gaúcha. Os estudantes desta disciplina eram de vários semestres do curso de Turismo. A pesquisadora explicou o objetivo do trabalho para os estudantes antes deles responderem as perguntas.

Com os visitantes do parque procedeu-se de duas formas, conforme o tipo de trilha realizada. Os turistas que realizaram trilha autoguiada foram abordados conforme disponibilidade de lazer no parque quando estavam descansando ou voltavam das trilhas. Foi informado o objetivo do trabalho e solicitado se haveria interesse em responder o questionário de forma escrita. A grande maioria se mostrou disposta a contribuir e respondeu o questionário. Já com os visitantes que realizaram visita guiada, como estavam realizando roteiro e tinham hora marcada para visitar outro ponto turístico, foi informado o objetivo do trabalho e solicitado se haveria interesse em responder o questionário logo após realizarem a trilha. Os

questionários foram respondidos entre a saída do parque e o deslocamento ao próximo local turístico. Alguns não responderam, mas a maioria mostrou-se disposta a responder.

O tratamento dos dados se deu por análise do conteúdo. Este processo de análise textual buscou compreender certos fenômenos ou modos discursivos através do processo de interação do pesquisador com os materiais coletados. Os materiais submetidos à análise textual foram as entrevistas, os documentos e os registros de observações. Mesmo obtidos através de diálogos e questionários escritos, os materiais coletados foram transformados em documentos digitados, para então serem submetidos à análise.

O Quadro 01 demonstra os objetivos da pesquisa e o tratamento de dados aplicados:

	OBJETIVOS	FONTES	PROCEDIMENTOS
a)	Caracterizar as ações de educação ambiental em ecoturismo do Ecoparque Sperry.	Administradores Site do parque <i>Flyer</i> Memorial formativo do parque Visita a campo	Entrevistas Análise de conteúdo Análise de conteúdo Análise de conteúdo Observação direta
b)	Investigar a relação entre o Ecoparque Sperry e seus visitantes, analisando: <ul style="list-style-type: none"> <li>• Concepção de turismo e ecoturismo</li> <li>• Relação entre ecoturismo e educação ambiental</li> <li>• Interação entre público e o parque</li> <li>• O parque como elemento de sensibilização ambiental</li> <li>• Impressões sobre os impactos durante a visita no parque</li> </ul>	Administração Visitantes Visita a campo Site do parque	Entrevistas Questionários Observação Direta Análise de Conteúdo
c)	Analisar se as ações educativas aliadas ao ecoturismo estão adequadas ao contexto do Ecoparque Sperry e se constituem-se em uma estratégia de sensibilização dos visitantes.	Livros e artigos Administradores Visitantes Visita a campo	Pesquisa bibliográfica Entrevistas Questionários Observação Direta

Quadro 01 – Síntese dos objetivos, fontes e procedimentos.

Fonte: Elaborado pela autora.

Segundo Moraes (2007), ao fazer uma análise textual deve-se definir unidades de análise identificando e separando os enunciados em categorias. A partir dos objetivos propostos neste objeto de estudo, foram elaboradas categorias temáticas para melhor estruturação das entrevistas.

As categorias analisadas ajudaram a compreender os saberes ambientais construídos pelos informantes e foram definidas a partir do referencial teórico, sendo elas: a) concepção de turismo e ecoturismo, b) relação entre ecoturismo e educação ambiental, c) interação entre visitantes e o Ecoparque, d) O parque como elemento de sensibilização ambiental, e) impressões sobre os impactos de visita no parque. Os modelos de entrevista e do questionário estão em anexo (ANEXOS A e B).

Após todas as respostas digitadas, totalizando 1.066 entre os administradores do parque e os visitantes, foi realizada separação, conforme as categorias, de respostas iguais, semelhantes e diferentes. Depois se buscou cruzar os dados dos administradores com os visitantes do parque.

## 7 CONTEXTO DO ESTUDO

O Ecoparque Sperry, localizado no Vale do Quilombo, a 8 km do centro urbano de Gramado e 10 km do centro urbano de Canela (Figura 01), foi inaugurado em julho de 2009. O parque dedica-se a atividades de preservação do meio ambiente, sendo uma boa opção para o turismo receptivo organizado a partir de agências e empresas de turismo, assim como para eventos, escolas e universidades.

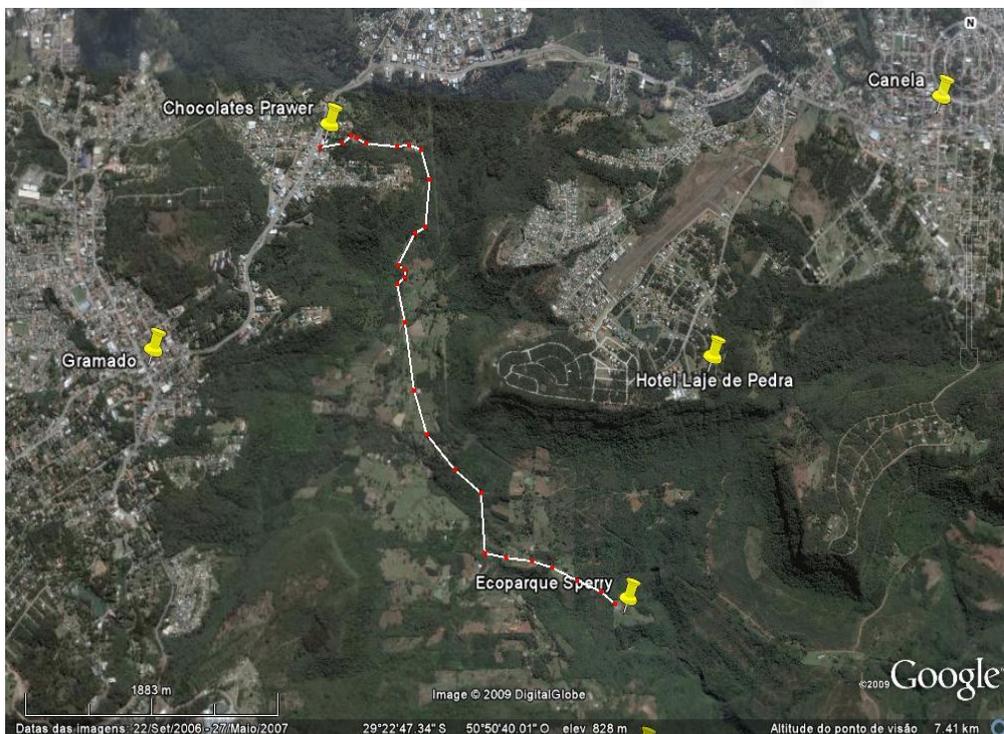


Figura 01 – Mapa de localização do Ecoparque Sperry – Imagem de satélite.

Fonte: Google Earth, 2009.

É situado em uma área de 20 hectares, caracterizada pela ocorrência do bioma Mata Atlântica, banhada por três cursos d'água: arroio Quilombo, arroio Trombão (Figura 02) e riacho Cristal, os quais mostram forte declive em relação às suas nascentes, proporcionando a formação de cachoeiras, cascatas e cânions, que são visitados através de trilhas que permitem visões panorâmicas em mirantes, com interação do turista com a natureza local (ECOPARQUE SPERRY, 2009).

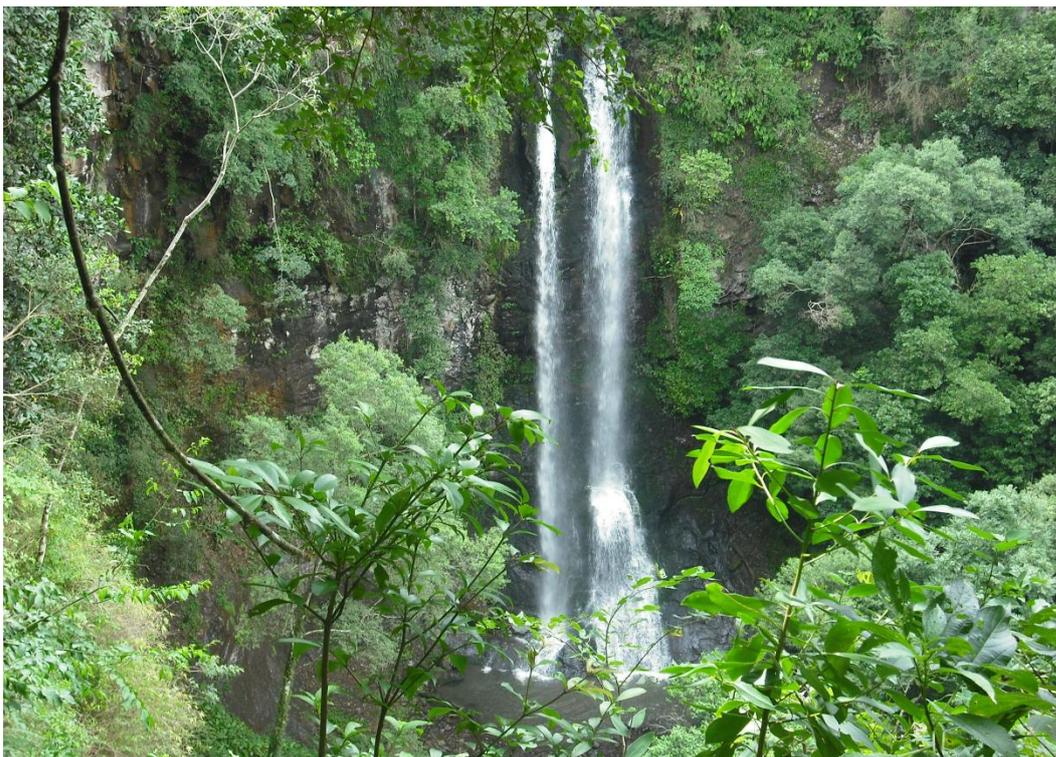


Figura 02 – Vista da Cascata do Trombão no Ecoparque Sperry.

Fonte: Da autora, 2010.

Conforme o *site* do Ecoparque Sperry, a missão do parque “Conhecer para Preservar” consolidou-se a partir da parceria firmada com a Pampeana Produções Educativas Ltda, que trouxe os elementos didáticos necessários à criação do Centro de Interpretação Ambiental e da sinalização do parque (ECOPARQUE SPERRY, 2009).

A infra-estrutura do Ecoparque conta com um gerador de energia (no momento desativado), paradoro com centro de interpretação ambiental, restaurante e sanitários, trilhas auto-interpretativas, mirantes e pontes.

O Centro de Interpretação Ambiental foi criado para facilitar o conhecimento e a contemplação da natureza, permitindo ao visitante o entendimento do conceito do

Ecoparque Sperry. No local, encontram-se: xiloteca (coleção de madeiras), painéis e materiais coletados que abordam didaticamente a fauna, flora, geologia e cultura regional. A interpretação destes elementos contribui para acrescentar valor à experiência dos visitantes.

A proprietária do parque adquiriu a propriedade na Linha 28 do município de Canela, na década de 80. A iniciativa deu-se através da vontade de ter um lugar próprio para descanso durante o ano e não precisar usar emprestada a casa de veraneio do irmão, em Canela.

No início ela e seu marido (*in memorian*) iam durante os finais de semana descansar, cuidar seus pomares, abelhas e cuidar de alguns animais. Depois de um tempo começaram a contar com o auxílio de um caseiro que cuidava da propriedade, que já dependia de muitos cuidados. O tempo foi passando e a vontade de morar no local foi crescendo, até que a proprietária e seus filhos se mudaram definitivamente para a propriedade em Canela, enquanto o marido continuou morando em Porto Alegre até se aposentar, mas continuava indo todos finais de semana para Canela. Aproximadamente 23 anos após terem a propriedade em Canela, ele se aposentou e se mudou para lá. Dois meses após estar morando em Canela faleceu. A proprietária resolveu dar continuidade ao projeto.

Quando morava em Porto Alegre, ela lecionava inglês. Em Canela estava trabalhando com turismo, inicialmente através do Conselho de Desenvolvimento Rural da Linha 28, onde foi a primeira representante da Linha, há 20 anos. O Conselho deu início ao desenvolvimento da rota de turismo rural e agroturismo na Linha 28. Através da Operadora de turismo Solletur, os primeiros grupos de turistas começaram a visitar esta rota de turismo rural passando por vários pontos turísticos, incluindo a propriedade da família, que foi denominada de Refúgio Sperry. O crescimento de visitantes através de parcerias com agências locais, profissionais autônomos e pessoas particulares que vinham por conta, fez com que se estruturasse um estacionamento para carros e um centro para visitantes no local.

Todas as visitas eram guiadas pela proprietária e realizadas com agendamento. Com o falecimento de seu marido e o aumento na demanda de visitas, ela solicitou o auxílio dos filhos, que moravam fora. Eles “abraçaram” a causa

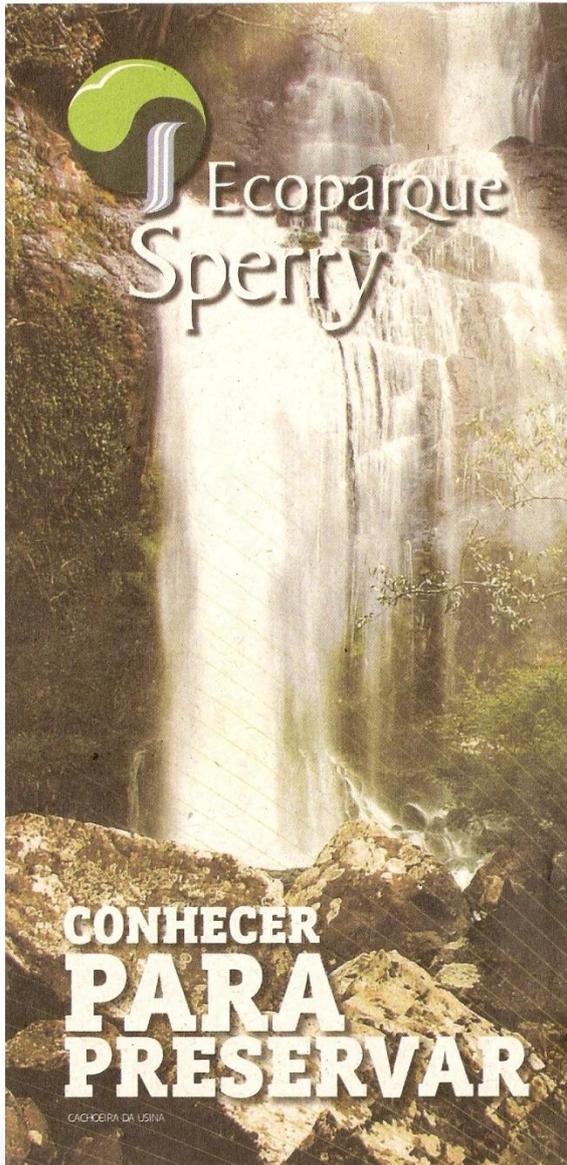


incluiu o portal de entrada, “guarita” para aquisição de ingressos de entrada, estacionamento para ônibus, toda estrutura nas trilhas e restaurante. O parque foi reinaugurado em agosto de 2009.

Hoje o Ecoparque recebe aproximadamente 750 visitantes por mês. Aproximadamente 9.000 visitantes que já estiveram no parque no primeiro ano desde sua inauguração, segundo afirmam os administradores.

Uma das formas de divulgação do parque é através de *flyer* (Figuras 04 e 05) no qual consta na apresentação frontal o nome do parque e sua missão: “Conhecer para preservar” com uma foto de uma cachoeira. Atrás do *flyer* tem o convite: “Venha viver esta experiência”. Abaixo constam algumas informações sobre a estrutura e atrativos do parque: sua localização (a 5 km da Rodovia Gramado – Canela), trilhas auto-interpretativas e mirantes, o Centro de Interpretação Ambiental e os programas educativos Loboguará; a Mata Atlântica preservada, paisagismo natural e fauna silvestre, o Restaurante Bêrga Mota, um bistrô em meio à natureza, aliando a cozinha regional.

No meio do *flyer* há um pequeno mapa de localização do parque e na lateral esquerda, pequenas fotos de paisagens. Abaixo do mapa constam os horários de funcionamento e contato. O *flyer* finaliza com um convite: “Se você é turista entusiasta, ecoturista ou amante da natureza, faça uma visita ao Ecoparque e entre em harmonia com o que há de mais belo na natureza.”



Figuras 04 e 05 – Flyer Ecoparque Sperry: Frente e verso.

Fonte: Ecoparque Sperry, 2010.

Desde a inauguração do parque estão sendo feitas parcerias com agências de turismo, operadoras, guias de turismo, escolas e universidades. A demanda está gradativamente crescendo. O parque se consolidou através do programa educativo Loboguara - Ecologia e Educação Ambiental – Canela RS, (ANEXO C), que tem por objetivo a conscientização e a mudança de comportamento dos visitantes frente aos problemas do ambiente.

Além de realizar passeios em trilhas guiadas e auto-interpretativas no parque, também se realizam cursos de observação de espécies de aves urbanas e rurais e de identificação de cogumelos.

Os meios de comunicação usados pelo parque são o *flyer*, distribuído no estabelecimento e em pontos de informações turísticas, notícias através de blog e rede social virtual do biólogo do parque, além de um *link* exclusivo no *site* do parque para divulgação de notícias com informações das últimas visitas e cursos realizados com escolas, universidades, empresas e particulares, e também postagens com informações sobre a fauna e flora local.

A equipe do Ecoparque Sperry é formada pela Pampeana Produções Educativas por um biólogo, a proprietária, um guia de turismo e dois *chefs* de cozinha. No total são 06 pessoas da faixa etária entre 24 a 60 anos.

O filho da proprietária é o guia de turismo, com experiência em turismo há 08 anos, quando iniciou estágios em resorts de alguns estados do país, durante o curso de Hotelaria e Turismo. Ao retornar para o estado, após os estágios, ele se dedicou à profissão de guia de turismo regional, no que atua até os dias atuais. No ecoturismo, sua experiência inicia com a construção (e agora administração) do empreendimento familiar, o Ecoparque Sperry.

Já a experiência do biólogo é mais voltada para a educação. Ele trabalha com ecoturismo há 12 anos, como professor e guia em saídas de campo com escolas e universidades. Sua experiência nesta área foi adquirida há anos em um parque em Canela, onde desenvolveu projeto de ecoturismo pedagógico.

Como a inauguração do Ecoparque é recente, eles ainda estavam ajustando detalhes a partir do acompanhamento atento da opinião dos visitantes. O guia pensa em introduzir algumas opções em nível de turismo de aventura como: arvorismo, rapel, cascade, tirolesa, entre outros.

O guia de turismo e o biólogo estão trabalhando no projeto de construção de um espaço exclusivo para visitantes, chamado Centro de Interpretação Ambiental, que será o ponto central de futuros trabalhos no Ecoparque, já que o Centro de Interpretação atual está dividindo espaço com o restaurante.

A proprietária contou que também pretendiam explorar uma nova trilha, circular baixa (maior que todas já existentes), até final de 2010. Para isso seria preciso estruturar o lugar escolhido com sinalização e suportes de segurança. Outro

aspecto que pode, segundo ela, ser mais explorado, é o turismo empresarial, através de consultorias que atuam com dinâmicas de grupo e incluem atividades de turismo de aventura.

O guia de turismo lembra que, na construção do Ecoparque, quando já recebiam alguns visitantes, tinham dificuldades de adaptar uma dinâmica de trabalho com grupos e em desenvolver um conteúdo mais educativo e direcionado aos variados perfis de visitantes. Havia também certa dificuldade de orientação nas trilhas. Com a consolidação do Ecoparque e a parceria firmada com o biólogo, conseguiram trazer o diferencial didático para o projeto e transformaram as trilhas em auto-interpretativas, o que garantiu uma perfeita orientação para os ecoturistas.

O biólogo expôs que as sugestões de melhorias dadas pelos visitantes são levadas em conta pelos administradores. Ele considera que, no geral, as pessoas têm respondido bem à proposta, sugerindo melhorias.

As Figuras 06 e 07 apresentam alguns dos elementos que compõem as trilhas auto-interpretativas:



Figura 06 – Trilha auto-interpretativa com placas indicativas, mapa de localização e lixeira.

Fonte: Ecoparque Sperry, 2009.



Figura 07 – Trilha auto-interpretativa com placa indicando espécie e sua origem.

Fonte: Da autora, 2010.

UNIVATES

## 8 RESULTADOS E DISCUSSÕES

### 8.1 Concepções dos administradores do parque

#### a) Concepção de turismo e ecoturismo

Entre os três atores entrevistados observou-se que a definição de turismo e ecoturismo é muito semelhante. Para a proprietária, turismo é viajar e conhecer lugares novos. O biólogo define turismo como sendo simplesmente uma viagem a um determinado destino, urbano ou rural, sem necessariamente haver nenhum tipo de envolvimento ou relacionamento com a natureza. E para o guia de turismo, é tudo aquilo que se faz quando se viaja para outras localidades, independentemente da finalidade da viagem.

Em relação ao ecoturismo, a proprietária remete o nome a um ambiente que tem o envolvimento com a natureza e meio ambiente e também com a cultura e modo de viver da comunidade rural local.

O biólogo e guia de turismo apontam a diferença entre turismo e ecoturismo. O guia de turismo destaca que ecoturismo constitui uma variação em que o turismo é praticado em ecossistemas naturais. O biólogo complementa destacando que é uma viagem com um claro objetivo de criar uma relação com os elementos naturais,

sejam superficiais ou mais profundos, incluindo as populações que vivem nas áreas visitadas.

Para a proprietária do parque, o município de Canela se desenvolveu muito ao longo dos anos e hoje ganhou grande destaque com o ecoturismo através de parques, turismo de aventura e trabalhos desenvolvidos por ONGs. O guia concorda que a região tem um grande potencial ecoturístico:

Apesar das boas (e isoladas) iniciativas, vemos seu desenvolvimento dando-se em segundo plano. Temos um mercado estabelecido, mas focado em grandes números e num turismo de conforto. Portanto, há de se conquistar mais espaço para o Ecoturismo, porém, dentro de uma equação de sustentabilidade no aproveitamento do modelo atual (entrevista 06/03/10).

O biólogo visualiza, em função do número de parques nacionais e outras áreas preservadas que há no estado, um desenvolvimento crescente deste ramo do turismo que só sobreviverá com a preservação das áreas naturais que restaram.

#### b) Relação entre ecoturismo e educação ambiental

A equipe do parque concorda que é preciso conhecer o meio ambiente para preservá-lo, o que se constitui na missão do Ecoparque Sperry. O biólogo (entrevista 06/03/10) salientou a importância da educação ambiental e as dificuldades nos dias atuais: “Acho que é uma relação indissociável, um casamento para toda vida, difícil hoje em dia, mas, acredito que sem educação ambiental não há um verdadeiro ecoturismo”.

O guia de turismo vê o ecoturismo como uma potencial ferramenta para o exercício da educação ambiental. A proprietária complementa ressaltando a importância desses programas de educação ambiental para o desenvolvimento das crianças, a fim de formar cidadãos conscientes, com responsabilidade. Outro aspecto que ela lembra é que os turistas agregam conhecimentos sobre espécies da flora e fauna e suas origens, informados no percurso de trilhas através do programa de educação ambiental.

O guia de turismo considera o caráter interativo do ecoturismo e acredita que integrá-lo à educação ambiental é uma forma de valorizar e facilitar a assimilação dos conteúdos propostos em um ambiente lúdico e repleto de estímulos.

O biólogo concorda com o guia de turismo. Para ele a interação do ecoturismo com a educação ambiental traz a consciência de que se pode utilizar e usufruir de um ambiente natural sem destruí-lo, sem criar impactos e harmonizar-se com a natureza de onde todos vêm.

### c) Interação entre visitantes e Ecoparque

Todos se sentem satisfeitos com o trabalho, em especial a proprietária, que considera a criação do Ecoparque a realização de seu sonho. Ela percebe que os visitantes gostam do local e são bem interativos. O biólogo mostrou-se satisfeito. Ele considera-se responsável pelo bem estar e pela boa estada dos visitantes no local. Já o guia de turismo expõe seu sentimento em relação ao potencial do parque:

Sinto-me satisfeito na medida em que estou consciente do potencial natural, ecoturístico e cultural de nosso empreendimento, da forma através da qual estamos encaminhando nossos trabalhos e do êxito alcançado até o momento (entrevista 06/03/10).

### A percepção da proprietária em relação aos visitantes é de satisfação:

Os visitantes saem daqui encantados com nossa recepção e atendimento. Recebemos recados gratificantes em nosso livro e retorno por e-mails, visitas em nosso *site*. Muitos continuam nos retornando, voltando pro parque com amigos e familiares, e isso nos deixa satisfeitos. É muito bom! (entrevista 06/03/10).

O biólogo falou de seu relacionamento com os visitantes enquanto um profissional preocupado com o bom atendimento, mantendo sempre que possível uma atitude de disposição para informar sobre o ambiente natural, o que ele diz fazer com mais prazer.

As Figuras 08 e 09 apresentam visitantes sendo guiados nas trilhas:



Figura 08 – Trilha com acompanhamento de guia.

Fonte: Leni C. Faé, 2010.



Figura 09 – Turistas sendo guiados durante passeio no parque.

Fonte: Ecoparque Sperry, 2009.

O guia de turismo relata que quando atende o visitante, procura cumprir de forma amistosa o papel dele de orientador e facilitador do bem-estar e da permanência do visitante no Ecoparque. Ele busca, junto com sua equipe, fazer do atendimento um diferencial no empreendimento. Dessa forma, eles agem em conjunto como "anfitriões" do local.

O guia de turismo e biólogo explicam que a interação do turista com o meio natural acontece através de vários tipos de comunicação: verbalmente e em percursos através das diversas trilhas disponíveis no local. Logo na chegada do parque, os visitantes são instruídos a frequentarem o Centro de interpretação Ambiental, que apresenta painéis, dioramas e xiloteca, abordando informações sobre o ecossistema local.

#### d) O parque como elemento de sensibilização ambiental

O guia de turismo acredita que, além do diferencial didático proporcionado pelo Centro de Interpretação Ambiental, o modelo do parque tem potencial para mudar a percepção do visitante. Durante sua permanência no Ecoparque, o visitante entra em contato com diversos cenários naturais em diferentes estágios da natureza (ex: área de recuperação mata secundária, pomar, mata primária e mata ciliar) e passa a ter uma noção mais tangível da ação humana nos ambientes naturais e da importância da preservação desses recursos.

Para o biólogo, a percepção muda à medida que as pessoas passam a conhecer mais a natureza, derrubando alguns tabus trazidos da infância, principalmente sobre animais e plantas perigosos, entre outros. Para ele uma boa maneira de mudar a percepção e conscientizar as pessoas é utilizando os próprios comportamentos dos visitantes como reflexão, como por exemplo, discutindo sobre atitudes daqueles que jogam lixo no chão, atiram pedras em animais. Ou seja, inserindo na realidade as ações do visitante, questionando e explicando sobre como suas ações podem impactar o ambiente. Tudo o que a pessoa está fazendo no seu meio, irá retornar a ela mesma, pois tudo faz parte de um ciclo, segundo o biólogo.

Para a proprietária, outra forma de educação ambiental é mostrar o impacto dos lixos sendo levados pelos rios, afetando todo o ecossistema, especialmente os recursos hídricos.

Segundo a proprietária, como eles atendem diversos tipos de públicos é difícil dar uma definição de como se dá a interação no ambiente natural, porque as pessoas que chegam sem agendamentos, realizam as trilhas auto-interpretativas sozinhas e cada pessoa reage de forma diferente, sem a presença de guia. Já nos cursos de educação ambiental, quando eles são guiados ou quando turistas voltam das trilhas com dúvidas, identifica-se que os grupos são bem interativos, bastante interessados, questionando bastante sobre vários elementos do ecossistema local.

Quando questionados como o parque atua como modelo de transformação de turista de natureza (turista despreocupado com os recursos naturais e com o local que visita) para ecoturista (turista responsável, consciente, que cuida para não impactar o ambiente que visita), o biólogo diz que é o que eles tentam fazer durante todo o tempo, porém eles não têm como medir isso, uma vez que não acompanham os turistas depois que eles saem do Ecoparque.

Já o guia de turismo acredita ser muito positiva a experiência do visitante no Ecoparque Sperry e entende que o exemplo apresentado no parque pode realmente somar no processo de transformação de idéias e no despertar de uma consciência ambientalista nas pessoas. Segundo ele, puderam ser observados bons resultados nas experiências que tiveram com escolas em turmas de 1º grau, quando viram crianças chamando atenção dos colegas desatentos para o cuidado com lixo nas trilhas. Ele explica que há outros exemplos também e que são gratificantes e constituem estímulos para que continuem no trabalho que desenvolvem.

e) Os impactos durante a visita no parque

O biólogo diz que são mínimos os impactos provocados pelos visitantes no Ecoparque devido à infra-estrutura oferecida nas trilhas. O que poderia impactar seriam o solo, cheiro e barulho provocado pelos visitantes durante as visitas.

Já o guia de turismo aponta vários impactos que são causados com a presença do ecoturista no Ecoparque: coleta indevida de materiais, frutas, flores, impactos em fauna, impactos de solo em trilhas, consumo de frutas, depredação das placas de sinalização, impactos em arroios, barulho excessivo nas atividades, entre outros. Segundo ele, porém, ao planejar o empreendimento tiveram o cuidado de dimensioná-lo adequadamente. Procuraram atenuar os impactos causados pelos visitantes instruindo-os corretamente por meio de informações na placa de entrada, informações presentes no ingresso e orientações dos atendentes.

Para a proprietária, os visitantes se sentem bem no parque porque visualizam a preservação que tem no local, vivenciam o sentimento de carinho pela família, e percebem que a natureza é tratada com amor.

Quando questionados se os turistas modificaram de alguma forma o ambiente, o biólogo responde que não. Para ele quem modificou o ambiente foi a administração do parque com a construção de trilhas, mirantes e estacionamentos. “O turista impacta quando não há infra-estrutura disponível”, cita o biólogo. Já o guia de turismo citou alguns tipos de impactos:

Sem dúvida, o turista modificou o ambiente nos seguintes aspectos: impacto ambiental decorrente da implantação de toda infra-estrutura necessária ao empreendimento; impactos culturais decorrentes da qualificação de mão-de-obra e impactos sócio-econômicos decorrentes do contato de visitantes com comunidade local (entrevista 06/03/10).

Através da visita a campo realizada no parque, pela pesquisadora, foi possível identificar que o local apresenta boa estrutura e as trilhas autoguiadas utilizam boas ferramentas para os visitantes percorrerem os caminhos sem auxílio de um guia, porém observa-se que em alguns trechos é preciso mais placas indicativas sinalizando locais a seguir e restrições. Quanto à indicação de espécies

da flora com nome científico e sua origem elas atendem às informações básicas necessárias.

Foi possível identificar as ações de educação ambiental e ecoturismo que o parque oferece através do acompanhamento das visitas guiadas e percorrendo trilhas autoguiadas, conhecendo o Centro de Interpretação Ambiental, observando as placas indicativas e as lixeiras por todo parque, além de se ter contato no Ecoparque com vários cenários naturais em diferentes estágios da natureza.

A partir dos dados acima, conclui-se que a administração do parque está preocupada com o bem estar e atendimento dos visitantes e com a estrutura do local. Os administradores percebem a relação entre ecoturismo e educação ambiental citando-a como uma “forma de valorizar e facilitar a assimilação dos conteúdos propostos em um ambiente lúdico e repleto de estímulos”, como cita o guia de turismo.

Todos têm a percepção sobre as formas que o parque atua como elemento de sensibilização e acreditam ser muito positiva a experiência do visitante no Ecoparque Sperry, que auxilia na construção de uma consciência ambientalista nas pessoas.

Em relação aos impactos causados no parque, alguns administradores percebem que eles são ambientais, decorrentes das visitas, e também culturais e socioeconômicos. Ao serem questionados se acreditavam que os visitantes poderiam modificar de alguma forma o ambiente, os administradores apresentaram opiniões divergentes, um acredita que não modifica muito e o outro percebe impactos em vários aspectos.

A partir destes dados foi possível diagnosticar a necessidade de investigar se ocorre sensibilização com visitantes que freqüentam o parque, o que determinou a necessidade de acompanhar grupos em visitas guiadas e autoguiadas, comparando reflexos das diferentes modalidades de trilhas usadas pelos visitantes.

## 8.2 Concepções dos visitantes do parque

Foram realizadas entrevistas com 03 grupos de visitantes do parque: 25 estudantes de turismo com visita guiada por um condutor; 23 visitantes também com visita guiada e 20 visitantes com visita autoguiada em trilhas auto-interpretativas. Os grupos foram escolhidos pela possibilidade de comparar variáveis: estudantes de turismo e visitantes em geral e visitantes em trilhas guiadas e autoguiadas. A procedência dos estudantes de turismo é da região sudeste do estado do Rio Grande do Sul e a faixa etária é entre 21 e 30 anos e os visitantes guiados e autoguiados são predominantemente das regiões sudeste, centro-oeste e nordeste do Brasil e a faixa etária varia entre 17 e 65 anos. O número de entrevistados foi determinado pela constituição de cada grupo e a disponibilidade para responder aos questionamentos. Todos os 68 entrevistados representaram 9% de visitantes de um mês no parque.

Os grupos que responderam às questões com mais informações foram os estudantes e visitantes autoguiados, pois disponibilizavam de maior tempo na aula e de lazer no parque. Já os visitantes guiados tinham tempo limitado, pois estavam realizando um roteiro e após a visita guiada no parque, tinham outro ponto turístico, com hora marcada, para visitar. Observou-se que, para não prejudicar o roteiro, responderam com pressa. As propostas abaixo conservam as formas de expressão dos entrevistados.

### a) Concepção de turismo e ecoturismo

Quando questionados sobre o que entendiam sobre turismo, os estudantes conceituaram de forma semelhante aos visitantes, ressaltando aspectos sociais e culturais e apenas um de forma econômica.

A maioria dos estudantes conceituou o turismo como sendo uma atividade de deslocamento para um determinado ambiente, diferente do qual estivesse habitado,

de sua cidade para outro lugar, a fim de conhecer algo específico que ele apresente. Uma forma que as pessoas encontram para ter lazer, conhecer outras populações, outros povos, culturas e viverem novas experiências; atividade humana que têm por objetivo satisfazer necessidades pessoais e prazeres de cada indivíduo. Viagem para observar as diferentes formas de vida/clima/flora presente num determinado local e em roteiros turísticos.

Também designaram turismo como “exploração” visual e cultural de um ambiente, com ênfase em aspectos típicos de um local; forma do indivíduo buscar por novos lugares, conservação e preservação do patrimônio; momento de conhecer também pessoas novas; observação, contemplação de algum lugar que possua atrativos cênicos, entre outros.

A minoria conceituou como uma atividade na qual as pessoas buscam maneiras de sair da rotina diária, como adquirir conhecimentos, esportes de aventura, tecnologia, entre outros fatores. Outros citaram que o turismo é uma forma de conhecer lugares atraentes que fascinam o olhar como cascatas, diversão, locais que dão emoções fortes, paisagens, matas.

Poucos conceituaram de modo a aproximar-se da definição da Organização Mundial de Turismo – OMT: deslocamento de pessoas para lugares diferentes do lugar de residência para fins de lazer, negócios, entre outros, superior a um dia, com motivações diferenciadas, que usufruem de infraestrutura, serviços e equipamentos turísticos entre o deslocamento, chegada e o retorno para sua residência.

Algumas respostas se diferenciaram das demais, por ressaltarem aspectos espirituais, como reunião de prazeres, busca de conhecimentos espirituais, crescimento da mente e elevação da alma. O turismo também foi pouco caracterizado de forma econômica como o futuro para cidades, lugares e para pessoas que buscam um novo meio para trabalhar.

O grupo de visitantes que realizou a visita guiada conceituou o turismo como o ato de conhecer e apreciar novos lugares com o objetivo de lazer, divertimento, passeios culturais, descanso, aprendizado, entretenimento e consciência ambiental. Turismo também foi conceituado como um passeio, de forma organizada, para conhecer novos lugares, atrativos e ambientes diferentes aos que se convive,

implicando em deslocamento de um local a outro em atividades contemplativas, recreativas e culturais.

Os visitantes autoguiados conceituaram de forma semelhante aos visitantes e estudantes em visita guiada. O turismo foi caracterizado pela maioria como atividade de viajar para lugares a passeio ou para cidades turísticas a fim de conhecer novas culturas, hábitos, novos locais em busca de prazer, experiência, conhecimento histórico, crenças diferentes, atender expectativas conhecendo novas localidades, gastronomias, pessoas, costumes, natureza, arquitetura local, fazer novas amizades e, principalmente, experimentar novas vivências e hábitos da região visitada. Enfim, caracterizaram o turismo pelo o que as pessoas realizam durante as viagens de passeio, aproveitando os benefícios que esses lugares oferecem.

Alguns visitantes autoguiados têm o entendimento de que é o deslocamento para novos, desconhecidos e diferentes lugares, já outros definem que é o deslocamento fora de sua residência para outros locais que não sejam do cotidiano do indivíduo.

A minoria também definiu como sendo uma atividade em que o público busca diversão, lazer, história, conhecimento, compras, religião e até negócios, ou seja, este turista conseguiu ter uma percepção das várias formas de turismo e não apenas de lazer. Também foi citado o marketing usado para atrair visitantes para um destino turístico, através de indicação de um amigo, conhecido, agente ou por publicações específicas de viagem.

Comparando-se os três grupos, pode-se observar a predominância pelo conceito de turismo como sendo uma atividade de lazer para conhecer lugares e culturas diferentes e ter novas experiências. Os estudantes citaram também como sendo o ato de viajar para conhecer ecossistemas e objetivo de satisfazer necessidades pessoais, e os visitantes autoguiados como atividade em que é possível conhecer culturas por meio das pessoas, fazendo amizades, conhecendo seus costumes e segmentos da arquitetura.

Os grupos entendem que o turismo é uma atividade contemplativa de exploração visual e cultural de ambientes e paisagens e todos buscam obter conhecimento histórico de lugares preservados, aprendizagem e conservação.

Enquanto o grupo de estudantes associa o turismo com atividades para sair da rotina e aventurar-se, o grupo de visitantes em visita guiada associa ao descanso, mas também à busca de diversão, assim como os estudantes em visita autoguiada.

O grupo de visitantes autoguiados se destacou dos demais, citando vários tipos de turismo dentre eles o cultural; de lazer; gastronômico; de compras, ecológico; de negócios e religioso. Já alguns estudantes responderam de forma mais aprofundada, embora em menor número, conceituando o turismo como o deslocamento para locais diferentes do habitado por um período mínimo de um dia, com motivações diferenciadas.

Pode-se verificar que o turismo é caracterizado principalmente pelos grupos como atividades de lazer, conhecimento e bem estar com o ambiente. Poucos demonstraram conhecer os diversos segmentos do turismo.

A seguir Quadros 02 e 03 onde demonstra o entendimento sobre turismo e ecoturismo dos estudantes e visitantes:

PÚBLICO	ENTENDIMENTO SOBRE TURISMO	ENTENDIMENTO SOBRE ECOTURISMO
<b>ESTUDANTES</b>	Viajar para conhecer ecossistemas	Turismo relacionado com meio ambiente
	Deslocamento para conhecer lugares diferentes do habitado	Relacionado à consciência ambiental e preservação de ambiente
	Forma de lazer	Vivências na natureza
	Forma de conhecer outras culturas	Conhecer, estudar, observar a natureza
	Forma de ter novas experiências	Cuida da natureza e das populações envolvidas
	Objetivo de prazer	Passeio em trilhas, ambientes rurais
	Objetivo de satisfazer necessidades pessoais	Viagem responsável que visa a preservação ambiental
	Exploração visual e cultural de um ambiente	Exploração respeitosa do ambiente sem causar impactos
	Contemplação de paisagens	Desfrute das gerações futuras
	Conhecer lugares preservados	
	Elevação da alma	
	Busca para sair da rotina, aventurar-se	
Busca de negócios para o futuro		

Quadro 02 – Concepções dos visitantes do parque quanto ao entendimento sobre turismo e ecoturismo.

Fonte: Elaborado pela autora.

PÚBLICO	ENTENDIMENTO SOBRE TURISMO	ENTENDIMENTO SOBRE ECOTURISMO
<b>VISITANTES GUIADOS</b>	Conhecer lugares diferentes	Relacionado à natureza
	Divertimento	Busca consciência ecológica por meio do lazer
	Descanso	Conhecer ecossistemas
	Aprendizado	Interação com espaços naturais
	Conservação	Uma história e ambientes naturais
	Conhecer culturas	Entretenimento ecológico
	Atividade contemplativa	
<b>VISITANTES AUTOGUIADOS</b>	Conhecer lugares diferentes	Viagem a lugares naturais para desfrutar da natureza
	Busca de prazer, diversão	Turismo com atividades no meio ambiente
	Conhecer culturas (pessoas, costumes, segmento arquitetura)	Esporte de aventura
	Conhecimento histórico	Qualidade de vida
	Fazer amizades	Turismo com respeito ao meio ambiente e às comunidades locais
	Ter novas experiências	Para aqueles que querem viver em harmonia com a natureza
	Religião	
	Negócios	

Quadro 03 – Concepções dos visitantes do parque quanto ao entendimento sobre turismo e ecoturismo.

Fonte: Elaborado pela autora.

Ao questionar os estudantes de turismo sobre qual o entendimento de ecoturismo, metade do grupo respondeu que é um turismo relacionado com o meio ambiente, a outra metade, identificou o papel do ecoturismo na consciência e preservação do ambiente.

Os estudantes que responderam como sendo um turismo relacionado ao meio ambiente, conceituaram da seguinte forma: turismo realizado em ambientes naturais; que estuda o meio ambiente como um todo; vivências na natureza; é o turismo com objetivo de conhecer, estudar, observar a natureza; entendimento de parques. Uma forma de saber o tipo de fauna e flora que estão presentes nos locais usando placas explicativas; é o turismo feito mais tecnicamente, cuidando a natureza e as populações envolvidas; passear numa trilha, um passeio rural.

Metade dos estudantes respondeu conceituando de forma consciente - além de ser um turismo relacionado ao meio ambiente, ser uma viagem responsável, visa à preservação ambiental integrada ao bem-estar das populações envolvidas, definição que se aproxima dada pela EMBRATUR (1994).

A minoria entendeu como a exploração voltada para os fatores que constituem o ambiente natural, visando preservar o meio ambiente e se relacionar com a população local, valorizando-a.

Poucos estudantes fizeram alusão a questões relacionadas à sustentabilidade e impactos, destacando ser um turismo que envolve os ambientes naturais, que tem por objetivo observar, conscientizar e preservar o meio ambiente, interagindo com ele de forma sustentável, ou seja, que é realizado por pessoas capazes de se relacionar com o ambiente com consciência e respeito, para causar o menor impacto possível e, assim, proteger o ambiente natural para as futuras gerações.

Todos os visitantes guiados responderam apenas que é um turismo relacionado à natureza, conceituando o ecoturismo como “consciência ecológica com lazer”. Os turistas entendem que ecoturismo é a associação de turismo com ecologia; conhecer lugares em que existam informações das diversas culturas vegetais assim como sua fauna; interação com espaços naturais preservados; turismo de história de ambientes rurais; entretenimento ecológico, descobrir a beleza ambiental.

Quando questionados, os visitantes autoguiados, em grande maioria, responderam apenas que o ecoturismo está relacionado ao meio ambiente, como viajar para lugares que se conhece, aprecia, explora e desfruta da natureza; turismo integrado a atividades no meio ambiente, em paisagens naturais, onde as pessoas tem experiências e vivências, sendo a mais importante a prática das atividades realizadas, como por exemplo, esportes de aventura.

A minoria dos autoguiados mencionou sobre a questão da responsabilidade ambiental informando ser um turismo ligado à natureza, com respeito ao meio ambiente e às comunidades locais; atividades em pontos turísticos em que se enfatiza a preservação dos recursos naturais, procurando reduzir os danos causados pela mesma. Para alguns, as pessoas conscientes, que valorizam uma vida em harmonia com a natureza, são o principal público alvo deste tipo de turismo. Para outros, une-se divertimento x experiências x natureza x cultura x qualidade de vida.

As análises apontam que a maioria dos visitantes guiados e autoguiados e metade dos estudantes responderam ser apenas um turismo relacionado ao meio ambiente e à interação com espaços naturais através de passeios em trilhas, esportes de aventura e entretenimento ecológico; já metade dos estudantes e uma parte dos visitantes autoguiados responderam relacionando ecoturismo à responsabilidade ambiental, citando a necessidade de preservação e consciência para o meio natural, por meio do lazer.

O entendimento citado pela minoria dos estudantes como sendo um “turismo de natureza, visando preservar o meio ambiente e se relacionar com a população local, valorizando-a”, diverge dos conceitos, pois o turismo da natureza é caracterizado por quem não tem consciência ambiental e deixa vestígios dos impactos por onde passa, o que contradiz o conceito de ecoturismo e turismo responsável, que visam à utilização do ambiente de forma sustentável através de consciência ambiental, promovendo o bem estar e qualidade de vida das comunidades envolvidas.

Alguns estudantes e visitantes autoguiados identificaram o turismo responsável com o respeito ao meio ambiente e às comunidades locais, para causar o menor impacto possível, pensando nas gerações futuras. Para alguns visitantes autoguiados o contato com o ambiente proporciona qualidade de vida para quem quer viver em harmonia com a natureza.

Observou-se que todos os grupos identificam o ecoturismo como um turismo relacionado a atividades no meio ambiente, e reconhecem o dever da consciência e responsabilidade ambiental.

A definição de ecoturismo conceituada pelos grupos assemelha-se ao resultado obtido pelo estudo de Lobo (2008) com visitantes no Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira (Petar), localizado no Vale do Ribeira, estado de São Paulo, associando o ecoturismo com turismo na natureza, sem depredar o ambiente, de forma a conscientizar e preservar os recursos naturais.

## b) Percepções sobre a relação entre ecoturismo e educação ambiental

Quando os estudantes foram questionados se percebiam alguma relação entre o ecoturismo e educação ambiental, todos responderam que sim. Metade do grupo justificou, já a outra metade não sabia explicar qual relação.

Aqueles que identificaram relações destacaram que para praticar ecoturismo é preciso educação ambiental a fim de causar o menor impacto possível no ambiente. Para estes, como o ecoturismo refere-se a uma viagem responsável, a educação ambiental tende a educar o turista para ter consciência da necessidade do respeito ao ambiente.

Alguns citaram que a educação ambiental é essencial para que possa existir um ecoturismo sustentável, pois ambos são importantes e tem o mesmo objetivo de preservar as áreas naturais, pensando nas futuras gerações.

Os estudantes que concordaram que havia relação entre ecoturismo e educação ambiental, mas que não sabiam explicar a relação entre eles, deram respostas que, muitas vezes, apenas repetiam palavras que faziam parte da pergunta, tais como: devem andar juntos para a preservação do ambiente; o ecoturismo está ligado à preservação do ambiente contribuindo para a educação ambiental; não existe ecoturismo sem uma “noção” de educação ambiental; a educação ambiental deve fazer parte do turismo sempre; “precisamos ter educação para respeitar o que vamos encontrar no momento do ecoturismo; ambos ensinam a proteger a natureza”.

Quanto aos visitantes guiados, todos concordaram que há relação entre ecoturismo e educação ambiental, porém sentiram dificuldade em explicar quais. Apenas uma minoria respondeu que ambos requerem conscientização. Outros afirmaram que o ecoturismo deve ter consigo educação ambiental, que o ecoturismo facilita a educação ambiental; ambos estão ligados à ecologia, ao meio ambiente; a pessoa educada ambientalmente contribui para o ecoturismo; educação ambiental esclarece ao turista sobre os problemas ambientais que desconhecem; a educação ambiental é alcançada com o ecoturismo.

Já a grande maioria dos visitantes autoguiados respondeu com argumentos sobre como viam esta relação. Somente a minoria deu respostas sem muita conexão. Quanto às respostas sem argumentos plausíveis, destaca-se: o ecoturismo ajuda a criar uma consciência ambiental; se aproveita mais o local se tem educação/informação da natureza e quem “curte” ela tem o primeiro passo para respeitá-la.

As respostas que justificam a relação entre ecoturismo e educação ambiental referem-se à percepção que o ecoturismo está diretamente ligado à questão ambiental através do processo de conscientização das pessoas que vivenciam as atividades ligadas a este segmento. Para alguns visitantes autoguiados o ecoturismo é uma atividade de lazer, entretenimento e a educação ambiental é a conscientização do homem diante da natureza, da necessidade de preservação do meio em que ele está inserido. Também alguns explicaram que ecoturismo sem educação ambiental é somente um passeio ecológico e as pessoas que praticam o ecoturismo possuem um estado de consciência de preservação e educação ambiental bem maior do que aquelas que praticam e gostam mais de outros tipos de turismo.

Outros acrescentaram que quem já opta pelo ecoturismo é porque tem o prazer de apreciar e ter o contato com o meio ambiente, já que “não se pode querer estar em contato com o meio ambiente sem preservá-lo e sem desenvolver ações de conscientização”. O ecoturismo é uma forma de preservar a natureza, e com ele é possível trabalhar com educação ambiental, pois as pessoas interagem com o meio natural e podem aprender maneiras de cuidar da natureza e dos ecossistemas, preservando-os, caso dos parques de ecoturismo que tem essa preocupação ecopedagógica.

Todos entrevistados reconhecem que tanto o ecoturismo quanto a educação ambiental tem o mesmo objetivo: de preservar e conscientizar. Destacaram-se os estudantes e visitantes autoguiados que foram além, citando que o prazer em meio à natureza é o primeiro passo para preservá-la, pensando nas gerações futuras. Eles ainda acrescentaram que é preciso educação ambiental para ter ecoturismo, pois sem educação ambiental é só um passeio ecológico.

Ao analisar os três grupos foi possível identificar que todos percebem relação entre ecoturismo e educação ambiental, porém a maioria dos visitantes guiados e metade dos estudantes não argumentaram de forma mais aprofundada sobre esta relação.

PÚBLICO	PERCEPÇÕES ECOTURISMO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL	BENEFÍCIOS DA INTERAÇÃO DO ECOTURISMO COM EDUCAÇÃO
ESTUDANTES	Perceber	Conhecimento
	Ecoturista deve ser educado	Preservação
	Ecoturismo e educação ambiental tem o mesmo objetivo: preservar	Responsabilidade ambiental
	Educação ambiental é parte do turismo	Só se preserva o que se conhece
	É preciso educação ambiental para ter ecoturismo	Conscientização para a preservação
		Mais respeito com o meio ambiente
		Valorização da natureza
		Necessidade de informação em educação ambiental para realizar atividades de ecoturismo
		É preciso conhecer para poder valorizar o meio ambiente
		Bem estar
	Sensações agradáveis	
VISITANTES GUIADOS	Ambos requerem conservação	Conscientização da necessidade de preservação dos recursos naturais
	Ecoturismo se faz com educação ambiental	Desenvolvimento pessoal
	Educação ambiental contribui para ecoturismo	Aprendizado prazeroso
VISITANTES AUTOGUIADOS	Educação ambiental melhora a experiência do ecoturismo	Conscientização
	Ecoturismo ajuda na educação ambiental	Respeito à natureza e ao ser humano
	Prazer em meio à natureza é o primeiro passo para preservá-la	Valorização da preservação da natureza
		Melhor qualidade de vida
	Ensinaamentos sobre cuidados necessários para com a natureza, por meio do prazer estético	

Quadro 04 – Concepções dos visitantes do parque sobre ecoturismo, educação ambiental e benefícios da interação do ecoturismo com a educação ambiental.

Fonte: Elaborado pela autora.

Ao serem questionados sobre quais os benefícios da prática de ecoturismo integrado à educação ambiental, (Quadro 04) a maioria dos estudantes citou conhecimento, responsabilidade ambiental e preservação.

De modo geral, grande número destes entrevistados citou como benefícios: conscientizar as pessoas da importância da preservação do meio ambiente, possibilitando que várias gerações o usufruam; uma melhor educação/respeito com o meio ambiente; sensibilizar as pessoas para valorizarem os recursos naturais que

ainda possuímos; aprendizagem e conhecimento maior sobre ambientes naturais; ter acesso a informações de práticas que visam à preservação do meio ambiente; a conscientização para os demais locais em que se passará a visitar; responsabilidade ecológica; a preservação ambiental da flora e fauna.

Com menor frequência foram identificados os seguintes benefícios: poder visualizar e ao mesmo tempo tirar algum conhecimento do local visitado; a possibilidade de compreender como as coisas funcionam e a importância de se preservar um parque através do conhecimento sobre as diversidades e mais saberes, pois assim o homem aprende a preservar melhor a natureza; a busca cada vez maior das pessoas para a visita nos parques sensibilizando-se com as belezas naturais dos mesmos; possibilidade de ensinar a importância total e cênica da natureza; sensação de bem-estar; cultura.

Todos visitantes guiados conseguiram ver benefícios que o ecoturismo integrado à educação ambiental traz para as pessoas. A grande maioria citou como benefício a conscientização da necessidade de preservação dos recursos naturais, aprendizado prazeroso e desenvolvimento pessoal.

Os benefícios para o grupo de visitantes autoguiados são semelhantes aos dos visitantes guiados: conscientização sobre a importância de se cuidar da natureza, respeito à natureza e ao ser humano, valorização da preservação da natureza, melhor qualidade de vida, ensinamentos e exemplos sobre maneiras de cuidar da natureza e de seus ecossistemas. Um dos entrevistados deste grupo afirmou que “Os efeitos causados pelas ações do homem na natureza podem fazer com que as pessoas despertem para a necessidade de cada um fazer a sua parte e deixar de esperar que os outros tornem o mundo melhor”. Outro benefício citado refere-se ao fato de se aliar a apreciação à natureza disponibilizada por um lugar bonito, com o aprendizado do ecossistema local. Este grupo ainda afirma que os benefícios são agregados de forma prazerosa, através das atividades turísticas práticas, sem tornar-se cansativo.

Identificou-se que, de modo geral, os diferentes grupos entrevistados citaram como principal benefício a conscientização da necessidade de preservação do meio ambiente; relacionadas ao respeito à natureza e ao ser humano; conhecimento

através de ensinamentos sobre cuidados necessários para com a natureza e realização de atividades de ecoturismo, por meio de aprendizado e prazer estético. Também foram citadas sensações agradáveis proporcionadas nas pessoas como bem estar, desenvolvimento pessoal e melhor qualidade de vida.

### c) Interação dos visitantes com o Ecoparque Sperry

Ao visitar um parque de ecoturismo, os estudantes caracterizaram seu comportamento, em forma decrescente de citações, como: a) responsável (evitando resíduos e procurando causar o mínimo de impactos possíveis); b) bom (não jogando lixo no chão; não falando alto e sempre andando em caminhos já trilhados para não causar mais impactos); c) adequado (sem fazer muito barulho; dentro das condições que o parque oferece; melhor maneira possível, porém o ruído da caminhada e cheiros é impossível evitar); d) atento (respeito pelo meio ambiente, mantendo centrado a tudo, questionando o que necessita); e) observador (admiração pela fauna e flora e todo ambiente); f) consciente (usufruindo da beleza cênica do parque, mas sem causar impactos); g) curioso; h) cuidadoso; i) encantado; j) alegre; k) civilizado; l) eticamente responsável; m) médio (faltam ensinamentos).

No grupo de visitantes guiados, o comportamento mais citado foi atento (presta atenção ao que o guia fala, para que possa de alguma forma preservar o meio ambiente). Outros comportamentos foram citados como cuidadoso, bom, adequado, entusiasmado, respeitoso, de admirador e observador.

No grupo de visitantes autoguiados, os comportamentos que mais se destacaram foram: a) curioso; b) observador; c) tranquilo e; d) calmo (momento de quebra de rotina). Também foram destacados os comportamentos: e) educado; f) apreciador; g) descansado (aliviado do *stress*); h) adequado; i) atento; j) interessado; k) respeitador; l) descontraído; m) explorador; n) de reflexão; o) silencioso; p) cuidadoso e q) empolgado.

Todos os grupos percebem seus comportamentos (Quadros 05 e 06) ao visitar um parque de ecoturismo caracterizado, principalmente, por ser atento, adequado e observador. Todos demonstraram interesse, disseram-se curiosos, interessados e questionadores. Os estudantes e os visitantes guiados se disseram admirados, enquanto os estudantes e os visitantes autoguiados perceberam-se atentos. Já alguns estudantes demonstraram serem mais responsáveis e conscientes, por se perceberem cuidadosos com o ambiente. Alguns visitantes autoguiados demonstraram serem silenciosos, reflexivos e exploradores, o que pode se justificar por gostarem de realizar trilhas sem grupos, para ter liberdade para irem sozinhos, sem barulho, para poder refletir sobre os elementos presentes no ambiente e explorar melhor o passeio.

<b>PÚBLICO</b>	<b>COMPORTAMENTO AO VISITAR UM PARQUE DE ECOTURISMO</b>	<b>O QUE MAIS GOSTA EM PASSEIOS NA NATUREZA</b>
<b>ESTUDANTES</b>	Cuidado com o ambiente	Admirar fauna e flora
	Responsável	Fazer trilhas
	Adequado	Tirar fotos
	Curioso	Ouvir
	Consciente	Sentir o ambiente
	Encantado	Desfrutar da beleza local
	Alegria	Desfrutar da energia da natureza
	Civilizado	Respirar o ar puro
	Respeito	Visitar cachoeiras
	Questionador	Ir a locais pouco visitados
	Admiração	
<b>VISITANTES GUIADOS</b>	Atento	Ouvir
	Cuidadoso	Sentir o ambiente
	Bom	Admirar fauna e flora
	Entusiasmado	Tirar fotos
	Respeitoso	Fazer trilhas
	Admiração	
	Observador	

Quadro 05 - Comportamento dos visitantes ao visitar um parque de ecoturismo e o que mais gostam ao efetuar passeios na natureza.

Fonte: Elaborado pela autora.

<b>VISITANTES AUTOGUIADOS</b>	Curioso	Observar e apreciar a paisagem
	Observador	Fazer trilhas
	Tranquilo	Admirar fauna e flora
	Adequado	Ouvir
	Atento	Sentir o ambiente
	Interessado	Tirar fotos
	Respeitador	Esportes de aventura
	Explorador	Apreciar os desafios que surgirem
	Reflexivo	Apreciar rios, cachoeiras
	Silencioso	Respirar ar puro
	Cuidadoso	Desfrutar das árvores
	Empolgador	Descansar
		Piquenique
		Estar com outros
	Silêncio	
	Possibilidade de mudar de atitude	

Quadro 06 - Comportamento dos visitantes ao visitar um parque de ecoturismo e o que mais gostam ao efetuar passeios na natureza.

Fonte: Elaborado pela autora.

Quando questionados que atividades mais gostavam de fazer quando realizavam passeios na natureza, tanto em locais públicos como privados, o grupo de estudantes respondeu: observar a paisagem (observar tudo que cerca o local, desde a vegetação, até os animais que ali se encontram; observar a complexidade da natureza e relaxar), admirar flora e fauna, fazer trilhas/caminhar, tirar fotos, ouvir, sentir o ambiente (ver, ouvir, sentir a vibração positiva que a natureza nos transmite). Sentir o ambiente desfrutar da beleza que ele proporciona e, acima de tudo, da energia que ele transmite, apreciar o ar puro da natureza, visitar cachoeiras e descobrir locais que são pouco visitados pela maioria dos visitantes.

Para o grupo de visitantes guiados, as atividades que mais gostam de fazer quando realizam passeios na natureza, em ordem decrescente, são: observar paisagem, ouvir, sentir o ambiente, admirar flora e fauna, tirar fotos e fazer trilhas.

Já para o grupo de visitantes autoguiados a atividade preferida é observar/apreciar a paisagem, depois fazer trilhas, admirar flora e fauna e ouvir, sentir o ambiente. As demais atividades destacadas são tirar fotos, esportes de aventura, ouvir o som dos pássaros, estar perto de rios, cascatas e praias, desfrutar dos recursos preservando-os, respirar ar puro, colher frutos e subir em árvores, descansar, realizar piqueniques, explorar o lugar, estar junto com outras pessoas para conversar, ver o pôr e nascer do sol, tomar banho em cachoeiras, rios e mares, encarar os desafios propiciados pela natureza (como os animais que

aparecem, a chuva que cai repentinamente, as pedras e troncos no caminho, os atoleiros e riachos, os barrancos, dentre outros). Curtir a ausência dos ruídos da cidade, observando tudo ao redor, além da possibilidade que a experiência traz de mudança de atitudes.

Dos três grupos ao avaliar o que mais gostam de fazer em passeios na natureza, tanto em locais públicos como privados, a maior predominância nas atividades foi observar e contemplar a paisagem, admirar a flora e fauna e fazer trilhas. Resultado que se aproxima ao do estudo realizado por Pereira (2005) no Parque Nacional da Tijuca (PNT), no Rio de Janeiro. Para o grupo de visitantes guiados o que veio em segundo lugar é ouvir e sentir o ambiente, o que tem relação com instruções dadas pelo guia. Estas impressões sensoriais são semelhantes às detectadas entre visitantes em quatro parques na Austrália, conforme estudo de Ballantyne et al. (2011).

Algumas atividades que se diferenciaram, citadas pelos estudantes, foram desfrutar da energia da natureza e ir a locais pouco visitados. Das citadas pelos visitantes autoguiados foram sentir liberdade por estarem em ambientes naturais, como enfrentar desafios, praticar esportes de aventura, desfrutar das árvores, descansar, realizar piqueniques, estar com outros, silêncio. Uma citação que se considerou interessante, foi “a possibilidade de mudar de atitude”.

Dentro desta mesma categoria, o Quadro 07 apresenta informações dos visitantes referentes às dificuldades sentidas nas trilhas e suas opiniões quanto à necessidade de melhorias nas atividades que o Ecoparque Sperry oferece.

Aos serem questionados se tiveram dificuldades nas vivências nas trilhas, a maioria dos estudantes afirmou não ter tido nenhum tipo de dificuldade nas trilhas, pois eram de fácil acesso e bem sinalizadas. Alguns afirmaram que tiveram um pouco de dificuldade pelo fato da terra estar um pouco úmida, dificultando as subidas, principalmente de quem levava mochila pesada.

Todos visitantes guiados afirmaram não terem tido nenhum tipo de dificuldade nas trilhas, possivelmente porque estavam sendo guiados. O mesmo aconteceu com a maioria dos visitantes autoguiados, que citaram como dificuldade a sinalização

confusa. Consta-se, portanto, que os grupos não tiveram maiores dificuldades em realizar as trilhas.

<b>PÚBLICO</b>	<b>DIFICULDADE NAS TRILHAS</b>	<b>O QUE PODE MELHORAR</b>
<b>ESTUDANTES</b>	Pouca ou nenhuma	Criar mais trilhas
	Terra úmida dificulta subidas	Mais informações
	Mochilas pesadas	Mais atividades
		Mais lixeiras
<b>VISITANTES GUIADOS</b>	Nenhuma	Aumentar a extensão
		Mais apoio/segurança para pessoas com dificuldades
		Mais atrações de entretenimento
		Melhorar a estrutura
<b>VISITANTES AUTOGUIADOS</b>	Nenhuma	Mais segurança em locais perigosos
	Sinalização confusa	Mais informação para ajudar na preservação sobre aproveitamento
		Mais informação sobre os perigos das trilhas
		Distribuir mapas pelas trilhas
		Banheiros próximos ao estacionamento
		Bancos, próximo à entrada, para descanso

Quadro 07 - Dificuldades e melhorias propostas pelos visitantes nas atividades do Ecoparque Sperry.

Fonte: Elaborado pela autora.

Quando questionados o que poderia melhorar nas atividades e nas trilhas que o Ecoparque Sperry oferece (Quadro 07), alguns estudantes informaram que estava dentro do esperado, outros sugeriram criar mais trilhas, assim como incluir mais informações, atividades e lixeiras.

Quanto ao grupo de visitantes guiados, alguns sugeriram continuar preservando a natureza e aumentar a extensão das trilhas; fazer uma trilha com apoio de segurança para pessoas mais velhas; ter mais atrações de entretenimento e estrutura e visitar todas as cachoeiras existentes.

Alguns visitantes que fizeram visita autoguiada gostaram como está, já outros fizeram algumas sugestões de melhoria, como: colocação de proteção de locais de acesso mais difícil e perigoso ao visitante; inserir informações sobre como ajudar a preservar a natureza, como aproveitar objetos da natureza (sementes, etc.), como despoluir as águas dos arroios; colocar placas indicativas em locais de perigo (para estes, muitos locais que não tinham informações, somente galhos ou troncos no chão, sem informação de perigo ou restrição para não ir); receber um mapa para indicação das trilhas, para complementar as informações das placas; falta de

banheiros próximos ao estacionamento (só havia no restaurante); necessidade de bancos, próximo à entrada, para as pessoas descansarem.

Todos os grupos fizeram algumas sugestões de melhorias para o parque, em maior número os visitantes autoguiados, que puderam ter uma melhor percepção, já que se guiaram sozinhos nas trilhas.

Foi possível identificar que os três públicos ressaltaram melhorias relacionadas à infraestrutura local. Os visitantes guiados e autoguiados fizeram sugestões relacionadas à segurança nas trilhas. Enquanto os estudantes e visitantes guiados sugeriram mais atividades para os visitantes no parque. Resultados semelhantes perceberam Dutra et al. (2008) no Parque Estadual do Jalapão, em Tocantins, e Pereira (2005) no Parque Nacional da Tijuca (PNT), no Rio de Janeiro. Estes autores destacaram alguns aspectos que devem ser melhorados nestes parques para garantir uma satisfação plena dos turistas, como infra-estrutura, atrativos, sinalização, segurança e informação.

#### d) O parque como elemento de sensibilização ambiental

Ao serem questionados sobre o que esperavam ao visitar um parque de ecoturismo, a maioria dos estudantes respondeu que queria observar as belezas cênicas, fauna e flora, e conhecer um local natural não degradado. A maioria do grupo também citou que espera encontrar no parque, em ordem decrescente, beleza natural, materiais educativos (conhecimento), boa infraestrutura e bom estado de conservação (preservado).

Os estudantes esperavam maior contato com a natureza, a qual identificam com mistério, riqueza, diversidade de cores, animais, água, diferentes e belas paisagens. Havia a expectativa para conhecer o local e todas as formas de vida que encontrariam; paisagens inigualáveis e sensações diferenciadas, que tornassem as pessoas mais sensibilizadas quanto à natureza.

Este grupo também esperava encontrar materiais e painéis educativos para adquirirem maior conhecimento sobre a diversidade ambiental do local (espécies diversas, reino dos animais e demais seres vivos que ali habitam). Buscavam encontrar formas de interpretação ambiental já que “só se protege aquilo que se conhece”, conforme ressalta o *slogan* do parque.

Em relação à infraestrutura, a expectativa era que fosse adequada, com o menor impacto possível ao ambiente, em bom estado de conservação, atendendo necessidades relacionadas a capricho, limpeza, trilhas bem estruturadas, aventura com água, animais, restaurante com comida boa, entre outros.

Esperavam também que tivesse diferentes ecossistemas num ambiente preservado em que o homem não houvesse causado muitos impactos, que a beleza natural não fosse manipulada pela interferência humana, podendo ser percebido o quanto ela é importante para a sobrevivência, transmitindo conscientização para as pessoas que visitam o parque. Ou seja, que fosse um lugar preservado, pois este é o papel principal de um parque de ecoturismo.

O grupo de visitantes guiado esperava, em ordem decrescente, estar em contato com a natureza, ver o ambiente preservado e adquirir conhecimento. Ou seja, em primeiro lugar esperam ficar em contato com a natureza para aproveitar seus benefícios, encontrá-la intocada, ver vegetação nova e descansar, aliando tranquilidade e atividade física. Esperavam também encontrar a conservação, através de inúmeras iniciativas de projetos de preservação, e adquirirem conhecimentos sobre o ambiente natural, apreendendo formas de ter uma vida melhor no futuro.

Grande parte do grupo dos visitantes autoguiados respondeu que buscava momentos de interação com a natureza e, em menor quantidade, responderam que procuravam adquirir conhecimento e boa estrutura.

A maioria que citou que buscava estar em contato direto com a natureza imaginava paisagens bonitas com atividades ao ar livre (mais focado ao turismo de aventura do que somente à observação). Em pequeno número foi citado que atividades de aventura seriam o atrativo que faria com que a visita, a permanência e a lembrança do local ficassem marcadas.

Também esperavam que tivesse espaços para lazer e descanso e uma ótima vista, pois é um ambiente propício a isso; interagir com a natureza sem prejudicá-la; encontrar ar puro e diversão; experimentar e ter a oportunidade de observar a fauna e a flora da região.

A minoria citou que buscava momentos de paz, harmonia e silêncio, pois o dia a dia é agitado e há pouco tempo para a reflexão, conforme citou uma entrevistada: “quase não temos tempo para olharmos para nós mesmos, a fim de verificarmos se estamos vivendo como gostaríamos e se realmente estamos aproveitando o que a vida nos oferece de melhor.”

Em relação ao conhecimento, a expectativa era receber informações sobre a importância dos recursos naturais e meios de conservação e aprender um pouco mais sobre o lugar visitado. Também esperam poder ensinar aos descendentes a respeitar e conviver em harmonia com a natureza. Em menor número foi possível identificar que os visitantes consideram importante a separação do lixo orgânico e seco e uma melhor destinação ao lixo a ser reciclado, além do bom exemplo de educação ambiental que o parque desenvolve.

Em relação à estrutura esperavam encontrá-la em ótimas condições, ter segurança, placas indicativas, trilhas bem organizadas, entretenimento, local para repouso e lazer, lixeiras em pontos estratégicos, encontrar um local limpo, com natureza preservada e estrutura básica para os visitantes.

Abaixo o Quadro 08 relata o que esperavam ao visitar um parque de ecoturismo e que atividades de educação ambiental em parques, consideravam mais interessantes.

<b>PÚBLICO</b>	<b>O QUE ESPERA AO VISITAR UM PARQUE DE ECOTURISMO</b>	<b>ATIVIDADES INTERESSANTES DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM PARQUES</b>
<b>ESTUDANTES</b>	Observar belezas cênicas	Atividades de preservação ambiental
	Observar fauna e flora	Conhecimento
	Boa infraestrutura	Informações sobre como portar-se em parques
	Boas condições ambientais - preservação	Controle de visitantes
	Materiais educativos	Separação de lixo
	Adquirir conhecimento ambiental	Acompanhamento de guia para interpretação e educação ambiental
	Mais contato com a natureza	Trilhas
	Conscientização	Plantio de árvores
	Contato com a natureza	
	Mistério	
	Riqueza	
	Diversidade de cores	
	Água	
	Sentir sensações diferentes	
	Capricho	
	Limpeza	
	Trilhas bem estruturadas	
Comida boa		
Aventura am águas		
<b>VISITANTES GUIADOS</b>	Contato com a natureza	Conscientização
	Observar ambientes preservados	Conhecimento e informação sobre preservação
	Adquirir conhecimento	Contato com cachoeiras
		Trilhas para maior interação com o meio ambiente
<b>VISITANTES AUTOGUIADOS</b>	Momentos de interação com a natureza	Atividades instrutivas sobre responsabilidade ambiental
	Atividades ao ar livre, diversão, entretenimento	Atividades ao ar livre, caminhadas em trilhas
	Adquirir conhecimentos	Acompanhamento de guia para passar informação e novos aprendizados.
	Boa estrutura, segurança, placas, lixeiras, limpeza, locais de repouso	Identificação e reconhecimento de fauna e flora, com informação da importância para o meio ambiente
	Atividades de aventura que despertem novas sensações e marquem o turista	Fotografias
	Lazer, descanso	Experiências práticas que trabalham com descobertas, emoção
	Visualizar paisagens/mirantes	Identificação de plantas e sua importância
	Observar fauna e flora	
	Paz, silêncio, reflexão	
	Exemplos de práticas de educação ambiental	

Quadro 08 – Expectativas dos visitantes em um parque de ecoturismo.

Fonte: Elaborado pela Autora.

Identifica-se que os três grupos entrevistados, de modo geral, esperavam encontrar belezas naturais, estar em contato com a natureza e adquirir conhecimentos através de exemplos de práticas de educação ambiental e materiais educativos. Da mesma forma, a maioria dos visitantes do Parque Estadual do Ibitipoca (PEIb), em Minas Gerais, em estudo por Ladeira et al. (2007), buscavam

contato com a natureza e um local de lazer. Através de caminhada e observação da natureza, procuravam tranquilidade e grande beleza cênica. Assim também os visitantes do Parque Nacional da Tijuca (PNT), no Rio de Janeiro, conforme Pereira (2005) tinham como principal motivação a possibilidade de desfrutar da fauna e da flora local. Alguns buscavam informação sobre a história, os atrativos naturais e as possibilidades de lazer e entretenimento no parque.

Os estudantes e visitantes guiados tinham maior interesse em encontrar o ambiente em boas condições de preservação. Os visitantes autoguiados e estudantes esperavam encontrar trilhas bem estruturadas, segurança, placas, lixeiras e limpeza; e sentir sensações diferentes, relacionadas a mistério e aventura, (estudantes), e diversão, entretenimento, atividades ao ar livre e aventura que despertem novas sensações e marquem o turista (visitantes autoguiados). Os visitantes autoguiados também queriam encontrar ambiente de lazer, descanso, paz, silêncio e reflexão.

Quando há atividades de educação ambiental em parques, grande número dos estudantes respondeu considerar mais interessante atividades de preservação ambiental, o conhecimento que se adquire no parque e, por último, o ambiente em si que proporciona experiências de educação ambiental.

Consideraram significativa a atividade de incentivo à preservação do meio ambiente, pois “só assim as pessoas se dão conta dos males causados pelo ser humano e começam a fazer utilização racional dos elementos naturais, para que outras gerações possam usufruir também”, afirmou uma visitante. Portanto, ressaltaram a necessidade de uma educação focada na sustentabilidade ambiental.

Muitos estudantes citaram a necessidade de atividades de conscientização e conservação, informações sobre a maneira como o ecoturista deve se portar para conservação do ambiente nos parques, o controle e manejo dos visitantes, para evitar o impacto ambiental e aprender a separar o lixo.

Sobre o conhecimento que se adquire num parque foi destacada a importância do acompanhamento de um guia para a interpretação ambiental. Alguns consideram as trilhas interessantes pelo conhecimento que proporciona das espécies. Citaram também o plantio de árvores, para manter a biodiversidade.

O grupo de visitantes guiados considera mais interessantes atividades de conscientização e conhecimento para a preservação do meio ambiente (plantio, despoluição, explicação sobre fauna e flora), contato com cachoeiras, trilhas (caminhada ecológica) pelo contato direto com a natureza proporcionando interação homem/meio ambiente.

Os visitantes autoguiados ressaltaram as atividades que envolvem ensinamentos sobre responsabilidade ambiental ao ar livre, entre elas caminhadas. Dentre as atividades sobre ensinamentos e responsabilidade ambiental citaram as placas indicativas com ensinamentos sobre a natureza e curiosidades, acompanhamento de guia de turismo que informa as regras e passa informações sobre preservação, possibilitando novos aprendizados, a identificação e reconhecimento da fauna e flora, assim como informação sobre a importância das mesmas para melhor educar crianças e adultos a cuidar e respeitar a natureza.

Alguns demonstraram estar preocupados com a questão da água e acreditam que todas as ações que tenham o intuito de conscientizar as pessoas são significativas, porém acredita-se que “está na hora de pensarmos coisas que comovam mais as pessoas”.

Sobre as atividades ao ar livre e demais ações destacaram as caminhadas nas trilhas com informações, fotos, experiências práticas, pois apenas palestras tornam a experiência de educação ambiental cansativa; atividades de *hiking* ou *trekking*, pois proporcionam tempo ao turista para apreciar o local, praticar alguma atividade sem esforço extremo e incorporando cultura ambiental e descobrimento; identificação de nomes de plantas, sua história e sua utilidade, para ter uma visão ampla da sua importância.

Observa-se que os três grupos responderam que consideram interessantes as atividades de educação ambiental que informem sobre preservação, conscientização, responsabilidade ambiental. Estes tipos de atividades de educação ambiental, como descrito anteriormente, são desenvolvidas pelo Parque Nacional do Iguaçu, em Foz do Iguaçu, Paraná, conforme Gomes (2001) e Faxina (2005).

Em relação a atividades ao ar livre consideram mais interessantes caminhadas em trilhas, pois proporcionam maior interação com o meio ambiente.

Alguns estudantes e visitantes autoguiados acham importante o acompanhamento de guia de turismo para passar informações sobre interpretação e educação ambiental.

Em relação às principais sensações vividas no Ecoparque (Quadro 09), o grupo de estudantes informou que, ao visitar o Ecoparque Sperry, sentiu bem estar, liberdade e alegria, maior contato com a natureza, energização positiva por estar em um local bem preservado e com boa estrutura.

As principais sensações que o grupo de visitantes guiados teve foram paz, tranqüilidade, descanso visual, escuta, prazer e bem estar por estar ao ar livre, respirar ar puro em contato com o verde; emoção, surpresa, liberdade, leveza, realização ao ver mais um espaço em que é cultivada a bondade para com o meio ambiente; de um local bem cuidado, vistas maravilhosas; Mata Atlântica preservada, curso de água no rio (cachoeira) sob controle.

As principais sensações que o grupo de visitantes autoguiados teve ao visitar foram também de paz e tranqüilidade, depois integração com pessoas e natureza, prazer, harmonia, sensação boa e “um ótimo local para conscientização das crianças sobre como respeitar a natureza”.

Analisando os dados, as sensações mais destacadas pelos grupos foram de paz, tranqüilidade, bem estar e contato com a natureza. Todos tiveram percepção de estar em um local preservado e de conscientização. Os visitantes guiados e autoguiados tiveram a sensação de prazer e os guiados e estudantes de liberdade e de estar em um local adequado, com boa estrutura. Os visitantes guiados apontaram ter obtido sensações diferenciadas dos demais grupos como realização, emoção, surpresa, escuta, respirar ar puro.

Quanto às sensações, também os visitantes do Parque Nacional da Tijuca (PNT), no Rio de Janeiro, conforme Pereira (2005), sentiram tranqüilidade. Os visitantes em quatro parques na Austrália, segundo Ballantyne et al. (2011), sentiram afinidade emocional através das experiências proporcionadas pelos parques. E o estudo de Halpenny (2010) no Parque Nacional Point Pelee no Canadá, identificou forte relação entre a visita e o apego ao lugar como um vínculo emocional, cognitivo e funcional.

<b>PÚBLICO</b>	<b>SENSAÇÕES QUE O ECOPARQUE SPERRY DESPERTOU</b>	<b>ATIVIDADES DO ECOPARQUE QUE MAIS GOSTOU</b>
<b>ESTUDANTES</b>	Bem estar	Trilhas
	Liberdade	Observação de cascatas nos mirantes
	Alegria	Mirantes que possibilitavam boas fotos
	Energias positivas	
	Parte da natureza	
	Estar em local preservado	
	Estar em local com boa estrutura	
<b>VISITANTES GUIADOS</b>	Paz	Ver cachoeiras
	Tranquilidade	Ver conservação do parque
	Descanso visual	Mirantes
	Escuta	Trilhas
	Prazer	Flora
	Bem estar	
	Respirar ar puro	
	Emoção	
	Água pura	
<b>VISITANTES AUTOGUIADOS</b>	Paz	Trilhas
	Tranquilidade	Conservação do local
	Integração com pessoas	Fotografias
	Integração com natureza	Mirantes
	Prazer	Restaurante
	Harmonia	
	Sensação boa	
Local de conscientização		

Quadro 09 - Sensações que o Ecoparque Sperry despertou nos visitantes e atividades prazerosas.

Fonte: Elaborado pela autora.

Ao serem abordados sobre quais atividades no Ecoparque Sperry mais tinham gostado (Quadro 09), os estudantes responderam serem as trilhas, pela boa interação com a natureza e poder desfrutar de cada detalhe do ambiente. Outra atividade de que gostaram muito foi observar as cascatas e cachoeiras nos mirantes, assim como as particularidades, pois a observação era fácil e possível de ter fotos de boa qualidade.

Já o grupo de visitantes guiados gostou mais de observar as cachoeiras e a conservação do parque, mirantes, trilhas, a flora, fauna e de fotografar. O grupo de visitantes autoguiados gostou mais das trilhas e conservação do local, tirar fotos, mirantes, restaurante, observação e flora.

Sintetizando, as atividades que os grupos mais gostaram de prestigiar no parque foram as trilhas e cachoeiras, mirantes/observação e tirar fotos. Da mesma forma, os visitantes do Parque Nacional da Tijuca (PNT), no Rio de Janeiro, destacaram como atrativos de interesse as trilhas, as cachoeiras e o Centro de

Visitantes (PEREIRA, 2005). Apenas os visitantes guiados e autoguiados citaram terem gostado da flora, fauna e conservação do local.

Quando questionados, os estudantes entrevistados, em sua maioria, afirmaram que as experiências, de certa forma, modificavam a relação do homem com o meio ambiente. Apenas um (a) estudante disse que não teve educação ambiental no parque e outro respondeu que depende da visão e dos propósitos das pessoas, algumas se conscientizam e outras não.

Todos os visitantes guiados acreditam que as experiências modificaram a sua relação com o meio ambiente e argumentam que o contato com a natureza, através do ecoturismo e educação ambiental, motiva a refletir sobre a importância de se contribuir para a preservação do meio ambiente e aumenta a conscientização ecológica nas pessoas. Após a visita alguns informaram que entendem melhor a necessidade de preservar e que vão procurar contribuir ainda mais com o meio ambiente.

Também todos visitantes autoguiados acreditam que experiências num parque que trabalha com ecoturismo e educação ambiental modificam algo na relação da pessoa com o meio ambiente, pois através do contato com a natureza e ensinamentos sobre educação ambiental passam a conhecer e, assim, a preservar melhor o meio-ambiente. “A relação torna-se mais respeitosa ao vivenciar experiências ambientais”, disse uma entrevistada.

Neste grupo alguns entrevistados afirmaram que conseguiram perceber a importância de certas coisas que não davam muita atenção. Ao visitarem estes locais entenderam que todos devem continuar fazendo sua parte para a preservação do meio ambiente. Afirmaram que o ecoturismo e educação ambiental tendem a crescer como ferramenta para conscientização da conservação do meio ambiente, criando hábitos no dia-a-dia, pois este tipo de atividade é a forma de contato direto e significativo que um habitante da cidade tem com o meio ambiente. Métodos/maneiras novas de proteger melhor o meio ambiente motivam as pessoas a buscar mais lugares assim e começar a ter mais cuidado com suas ações. Quanto mais vivenciam, mais acreditam que aproveitam e ensinarão este prazer aos seus filhos.

Em menor número, foi citado pelos visitantes autoguiados que pode até ajudar a conscientizar, mas depende muito de cada indivíduo querer preservar ou não o meio ambiente, começando pelos pequenos gestos na sua própria residência.

<b>PÚBLICO</b>	<b>EXPERIÊNCIAS EM PARQUES DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA MODIFICAÇÃO DA RELAÇÃO DO HOMEM COM O MEIO AMBIENTE</b>
<b>ESTUDANTES</b>	Não perceberam educação ambiental no parque
<b>VISITANTES GUIADOS</b>	Através da natureza Conscientiza
<b>VISITANTES AUTOGUIADOS</b>	A experiência traz mais conhecimento e assim mais possibilidades de cada um ajudar a preservar, pois passa a dar atenção a coisas que não davam, cuidando novos hábitos de modo a ter mais lugares assim. A educação ambiental direta com a natureza é o que motiva esta mudança.

Quadro 10 – Opiniões sobre se experiências de visitas num parque que trabalha com ecoturismo e educação ambiental modificam a relação com o meio ambiente.

Fonte: Elaborado pela autora.

Relacionando os dados, identifica-se que os visitantes guiados acreditam que experiências de visitas num parque que trabalha com ecoturismo e educação ambiental modificam a relação com o meio ambiente, pois motiva a refletir sobre a necessidade de contribuir na preservação. Os visitantes autoguiados deram mais argumentos, citando que ações de educação ambiental diretas na natureza trazem mais conhecimento e, assim, mais possibilidades de cada um ajudar a preservar, pois se passa a dar atenção a coisas que não davam, despertando novos hábitos. Apenas alguns estudantes e visitantes autoguiados não perceberam ações de educação ambiental no parque. Para estas depende da visão e propósito das pessoas para mudar sua relação com o meio ambiente.

Analisando todos os grupos, pode-se afirmar que a maioria acredita que experiências de visitas num parque que trabalha com ecoturismo e educação ambiental modifica algo na sua relação com o meio ambiente (Quadro 10) devido ao contato direto com a natureza e ensinamentos sobre educação ambiental, onde passam a conhecer mais e, assim, podem passar a preservar melhor o ambiente.

e) Impressões sobre os impactos de visita no parque

A maioria dos grupos observou algum tipo de impacto causado durante e após a visita no parque, poucos responderam não ter percebido. Alguns visitantes guiados perceberam assoreamento e excesso de *pinus* no parque e alguns visitantes autoguiados citaram a poluição nas águas e vegetação cortada no chão, o que os leva a entender que foram os proprietários do parque os responsáveis (Quadro 11).

Enquanto os estudantes citaram não ter identificado algum tipo de impacto, os visitantes guiados e autoguiados identificaram impactos na vegetação, água e solo.

A maioria dos entrevistados acredita não ter modificado de alguma forma o ambiente do parque, embora alguns estudantes lembraram que não avistaram pássaros no parque, o que pode estar associado a sua visita. Eles também observaram impactos causados pelas caminhadas no solo e o cheiro percebido pelos animais. Alguns citaram que por mais cuidados que se tenha, sempre interferem no ambiente. Já alguns acreditam que tenham impactado simplesmente pela caminhada, devido à colocação de trilhas diretamente sobre plantas, o pisoteio constante e o barulho das pessoas durante a caminhada.

Enquanto alguns visitantes guiados acreditam não ter impactado o local, outros acreditam que sim, porque a vegetação mudou. Outros interpretaram como impacto positivo seu interesse pelo parque e por terem deixado uma pequena colaboração.

O grupo autoguiado acredita que respeitando as normas do parque e com consciência ecológica não se deixa nada no local que não seja do próprio meio ambiente, porém outros reconhecem que toda visita causa alguma mudança no ambiente visitado - caso da caminhada.

PÚBLICO	IMPACTOS DE VISITA NO PARQUE	MODIFICAÇÃO NO AMBIENTE DO PARQUE COM A VISITA
ESTUDANTES	Nenhum	Não
		Alguns perceberam impacto no solo pelo pisoteio dos turistas nas trilhas
		Sempre há algum impacto Barulho e cheiro afastaram animais
VISITANTES GUIADOS	Assoreamento	Não
	Excesso de pinus no parque	Sim, as visitas mudam a vegetação
		Impactos positivos resultantes da sua visita Sua contribuição na preservação do ambiente
VISITANTES AUTOGUIADOS	Não	Não
	Alguns perceberam água poluídas	Sim, sempre há impacto
	Vegetação cortada no chão	Caminhada impacta

Quadro 11 – Impactos percebidos pelos visitantes na sua visita ao parque.

Fonte: Elaborado pela autora.

Grande parte dos visitantes acredita não ter modificado o ambiente do parque que visitou. Alguns citaram que de alguma forma sempre causa algum impacto. Alguns estudantes e visitantes autoguiados perceberam impacto no solo pelo pisoteio dos visitantes nas trilhas. Alguns estudantes identificaram alguns aspectos como cheiro, barulho, pisoteio, e os visitantes guiados foram os únicos que citaram impactos positivos resultantes da visita e contribuição de cada um na preservação.

Estudos focados nos impactos, como o de Lobo (2008) com visitantes no Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira (Petar), no interior de São Paulo, identificaram a percepção de impactos negativos pelos turistas, principalmente como consequência da exploração humana e da fragilidade do ambiente. A minoria citou impactos positivos, entre estes o controle na visita e a orientação dada aos turistas. Estudo de Stronza e Gordillo (2008) identificaram também impactos negativos e positivos do ecoturismo, relacionados aos aspectos sociais, culturais e econômicos, citados por indígenas de regiões amazônicas no Equador, Bolívia e Peru. No estudo de Pereira (2005) no Parque Nacional da Tijuca (PNT), no Rio de Janeiro, percebeu-se como impacto negativo durante a visita, árvores caídas no parque. Dutra et al. (2008) em estudo no Parque Estadual do Jalapão, em Tocantins, concluiu que os visitantes não possuem visão sistêmica sobre os impactos ocasionados durante visita no parque, o que pode ser estendido aos visitantes do Ecoparque Sperry.

### 8.2.1 Comparações entre concepções de visitantes guiados e autoguiados

Quando questionados sobre qual a concepção de turismo e ecoturismo, ambos visitantes, guiados e autoguiados, entendem principalmente como uma atividade de lazer onde é possível conhecer novos lugares, culturas e atrativos. O grupo autoguiado se destacou por demonstrar conhecer diversos segmentos do turismo. Em relação ao ecoturismo ambos responderam, em sua maioria, ser um segmento do turismo relacionado a atividades no meio ambiente, sendo que alguns visitantes autoguiados relacionaram à responsabilidade ambiental.

Quanto a percepções sobre a relação entre ecoturismo e educação ambiental, metade do grupo autoguiado reconhece que ambos tem o objetivo de conscientizar e preservar o ambiente, enquanto o grupo guiado não soube explicar a relação. Porém ao serem questionados sobre quais os benefícios do ecoturismo integrado à educação ambiental para as pessoas, todos identificam como principal benefício a conscientização da necessidade de preservação do meio ambiente.

Ao avaliar a interação dos visitantes com o Ecoparque Sperry, o grupo guiado demonstra que ao visitar um parque de ecoturismo seu comportamento caracteriza-se, principalmente, como atento; cuidadoso e bom. O grupo autoguiado como curioso; observador e tranquilo. Analisando os demais comportamentos citados pelos grupos, ambos visitantes demonstraram ser interessados.

Os visitantes citaram gostar mais de observar e contemplar a paisagem quando fazem passeios na natureza, tanto em locais públicos como privados. Os visitantes guiados demonstraram gostar mais de ouvir e sentir o ambiente, enquanto os visitantes autoguiados demonstraram ser mais desbravadores por gostarem de encarar os desafios e desfrutar da natureza.

Em relação a dificuldades nas vivências nas trilhas, a maioria dos visitantes citou não ter tido dificuldade, porém ambos visitantes citaram a necessidade de melhorias no Ecoparque, principalmente na infraestrutura. Os visitantes guiados entendem que deveria ter mais atividades no local. Os visitantes autoguiados

fizeram sugestões. Como se guiaram sozinhos nas trilhas, talvez tenham conseguido visualizar melhor os detalhes.

Quanto à atuação do parque como elemento de sensibilização ambiental, ambos visitantes esperavam encontrar belezas naturais, estar em contato com a natureza e adquirir conhecimentos ao visitar um parque de ecoturismo. O grupo guiado queria encontrar o ambiente em boas condições ambientais de preservação e conhecimento, enquanto o grupo autoguiado buscava mais interação com a natureza e atividades no local.

Quando questionados que atividades de educação ambiental em parques consideram mais interessantes e/ou significativas, todos visitantes consideraram interessantes as atividades de educação ambiental que tratassem sobre responsabilidade ambiental e que proporcionassem conhecimento. Ambos os grupos tiveram boas percepções quanto à responsabilidade ambiental envolvendo ações do cotidiano e atividades de educação ambiental.

Os visitantes demonstraram sensações semelhantes ao visitar o Ecoparque, como paz, tranquilidade e prazer em contato com o ambiente. Os visitantes guiados destacaram sensações diferenciadas dos demais. Os grupos também se assemelharam por gostar da conservação do local e das trilhas/cachoeiras do Ecoparque Sperry.

Os visitantes afirmaram que experiências de visitas num parque que trabalha com ecoturismo e educação ambiental podem modificar algo na relação deles com o meio ambiente, porque proporciona a reflexão sobre a necessidade de contribuir na preservação. Apenas a minoria dos autoguiados citou que depende de cada indivíduo querer preservar ou não.

Em relação às impressões sobre os impactos de visita no parque os dois grupos demonstraram similaridade nas percepções. A maioria não observou impacto causado durante e após a visita no parque, somente a minoria identificou impactos na vegetação, água e solo. Alguns visitantes autoguiados acreditam não terem modificado o ambiente do parque que visitaram. Aqueles que identificaram impactos citaram o pisoteio nas trilhas. Os visitantes guiados conseguiram identificar impactos positivos resultantes de sua visita.

Ao analisar os grupos com visitas guiadas e autoguiadas, pode-se constatar que ambos os grupos de visitantes tem boa percepção sobre as questões de responsabilidade ambiental e acredita-se que os visitantes que realizaram visita guiada foram influenciados pelas orientações e educação ambiental aplicadas pelo guia que os acompanhou nas trilhas. O que, de fato, caracteriza a importância deste trabalho exercido nos parques ambientais.

O grupo autoguiado demonstrou maior entendimento sobre os segmentos do turismo e ecoturismo e sobre a relação do ecoturismo com a educação ambiental, apontando a necessidade de investir em responsabilidade ambiental, aparentando serem mais informados que os visitantes guiados.

Embora os visitantes guiados apresentassem dificuldade ao responder sobre a relação entre ecoturismo e educação ambiental, conseguiram identificar os benefícios do ecoturismo integrado à educação ambiental. Assim como os visitantes autoguiados, identificaram como principal benefício a conscientização da necessidade de preservação do meio ambiente.

Ambos visitantes demonstraram serem interessados, atentos e questionadores, buscando obter maior conhecimento sobre os elementos naturais ao visitar parques de ecoturismo.

Os visitantes guiados demonstraram ser mais sensíveis (ouvir e sentir o ambiente) quando fazem passeios na natureza em lugares público-privados, enquanto os visitantes autoguiados demonstraram ser mais desbravadores por gostarem de encarar os desafios e desfrutar da natureza. Esses resultados podem identificar o porquê das escolhas em realizar visita guiada ou não, pois os guiados gostam de presenciar o ambiente através do que o guia informa na visita, escutando os ensinamentos e sentindo os elementos presentes no local, na mesma sintonia que os demais participantes do grupo durante a trilha. Os visitantes autoguiados demonstram ter necessidade de maior liberdade ao estar em ambientes naturais, apreciando os desafios que surgem e desfrutando os elementos da natureza. Ao fazerem trilhas sem guia se sentem mais à vontade.

O grupo guiado buscava encontrar o ambiente em boas condições de preservação e obter conhecimento ao visitar um parque de ecoturismo, enquanto o

grupo autoguiado esperava interagir com a natureza por meio de atividades no local, o que demonstra maior preocupação por parte dos visitantes guiados com a preservação e dos visitantes autoguiados com a interação.

Enquanto os visitantes autoguiados identificaram a necessidade de maior número de melhorias nas atividades do parque, os visitantes guiados demonstraram ter vivido sensações diferenciadas ao visitar o Ecoparque, talvez por desfrutarem de um guia durante a visita.

Os dois grupos sentiram algumas dificuldades nas trilhas do Ecoparque e identificaram alguns impactos. Enquanto os visitantes autoguiados pontuaram alguns impactos negativos, os visitantes guiados conseguiram visualizar impactos positivos através da visita no Ecoparque, o que pode estar relacionado à influência das informações passadas pelo guia.

Os dois grupos de visitantes tiveram boas percepções quanto a atividades de educação ambiental em parques que consideram mais interessantes enfatizando seus reflexos na responsabilidade ambiental e nas ações do cotidiano. Eles perceberam que a experiência de visitar um parque que trabalha com ecoturismo e educação ambiental pode modificar a relação de cada um com o meio ambiente, através do contato direto do homem com o ambiente e com ensinamentos sobre educação ambiental, gerando a reflexão sobre a necessidade de contribuir para a preservação.

### **8.2.2 Comparações entre concepções de visitantes e estudantes de turismo**

As percepções dos grupos de estudantes e visitantes guiados e autoguiados foram submetidas à análise através dos questionários respondidos para identificar semelhanças e diferenças.

Quando questionados sobre o conceito de turismo e ecoturismo apenas a minoria dos estudantes demonstraram maior conhecimento sobre o turismo e metade sobre o ecoturismo, caracterizando o turismo como o deslocamento de

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (<http://www.univates.br/bdu>)

peçoas para lugares diferentes do lugar de residência para fins de lazer, negócios, entre outros, por mais de 24h, com motivações diferenciadas, que usufruem de infraestrutura, serviços e equipamentos turísticos entre o deslocamento, chegada e o retorno para sua residência. O ecoturismo foi identificado como um segmento do turismo realizado em ambientes naturais, de forma responsável, que visa à preservação ambiental integrada com o bem-estar das populações envolvidas. A maioria dos visitantes em geral conceitua de forma parcial turismo e ecoturismo.

Em relação às percepções sobre a relação entre ecoturismo e educação ambiental, metade dos estudantes demonstrou conhecimento mais aprofundado citando que para praticar ecoturismo é preciso educação ambiental, de forma a causar o menor impacto possível no ambiente. A educação ambiental se refletiria em consciência e responsabilidade ambiental. Metade dos estudantes não argumentaram de forma mais aprofundada a relação entre ambos. Observou-se que a maioria dos visitantes autoguiados respondeu de forma semelhante aos estudantes.

Todos os grupos demonstraram conhecimento quando falaram sobre quais os benefícios do ecoturismo integrado à educação ambiental para as pessoas. Foi citado como principal benefício o respeito à natureza e ao ser humano através da conscientização da necessidade de preservação do meio ambiente e de valorização dos recursos naturais.

Analisando a interação dos visitantes com o Ecoparque Sperry, sobre o que poderia melhorar nas atividades que o parque oferece, os estudantes identificaram poucas sugestões de melhorias. Já os visitantes autoguiados citaram entre as sugestões de melhorias questões relativas à estrutura, segurança, conhecimento e conforto para o parque.

Ao avaliar a atuação do parque como elemento de sensibilização ambiental, identificou-se que os estudantes esperavam encontrar, além de belezas naturais, materiais educativos, boa infraestrutura e bom estado de conservação. A expectativa dos visitantes guiados era ver o ambiente preservado e adquirirem conhecimento.

Quando questionados que atividades de educação ambiental em parques consideram mais interessantes e/ou significativas, todos os grupos consideraram

interessantes as atividades de educação ambiental que tratem sobre responsabilidade ambiental e que proporcionem conscientização e preservação. Os estudantes demonstraram obter maior conhecimento ambiental, enquanto os visitantes deixaram entrever que têm conhecimento sobre os principais objetivos da educação ambiental.

Os estudantes de turismo responderam sem demonstrar muito interesse em explicar, quando questionados se acreditavam que experiências de visitas num parque que alia ecoturismo e educação ambiental modificavam algo na relação deles com o meio ambiente. Todos responderam que sim, porém sem nenhum argumento, enquanto os visitantes guiados e autoguiados, principalmente os últimos, mencionaram vários motivos, dentre eles destacaram que o ecoturismo e a educação ambiental funcionam como uma ferramenta para conscientização sobre a necessidade de conservação do meio ambiente, criando hábitos sustentáveis no dia-a-dia. Os visitantes autoguiados, em várias respostas, demonstraram um conhecimento mais aprofundado do tema.

Em relação às impressões sobre os impactos das visitas no parque, os visitantes em geral conseguiram identificar alguns impactos causados durante e após a visita no parque. A maioria dos estudantes acredita não ter modificado de alguma forma o ambiente do parque que visitaram, entretanto alguns conseguiram identificar impactos negativos durante a visita. Os estudantes deveriam identificar os tipos de impactos que ocorrem durante e após a visita no parque, pois estes conteúdos perpassam as disciplinas relacionadas ao meio ambiente.

Através do levantamento dos dados acima foi possível analisar que poucos estudantes de turismo demonstraram obter conhecimento mais aprofundado sobre as questões ambientais, porém todos têm boas percepções sobre o dever da responsabilidade para com o ambiente. Os resultados levam a questionar sobre a efetividade das atividades de educação ambiental, pois é dependente do interesse de cada um em aprender, participar de atividades e conseguir ter uma melhor visão sobre os impactos mútuos da relação entre o ser humano e o ambiente. Esta conclusão baseia-se no fato que não há variações fundamentais entre respostas de estudantes de área ambiental e visitantes em geral.

### 8.3 Comparando concepções entre administradores e visitantes

Comparando as respostas de administradores do parque com as dos visitantes, constata-se que os administradores usam conceitos semelhantes aos estudantes sobre turismo e ecoturismo, caracterizando pouco aprofundamento sobre os conceitos.

Todos percebem como frutífera a relação entre ecoturismo e educação ambiental, citando que a integração do ecoturismo facilita o processo de educação ambiental por se utilizar de um ambiente lúdico e estimulante.

Os visitantes em geral acreditam que o parque possa atuar como elemento de sensibilização, acreditando ser muito positiva a experiência do visitante no Ecoparque Sperry, já que esta tem influência no processo de transformação de idéias e no despertar de uma consciência ambientalista nas pessoas. Tanto os administradores quanto os visitantes consideram interessantes e/ou significativas as atividades de educação ambiental em parques que estejam relacionadas à responsabilidade ambiental.

Em relação aos impactos causados no parque, eles destacaram poucos impactos, demonstrando não refletir aprofundadamente sobre esta questão. Ao serem questionados se acreditavam que os visitantes poderiam modificar de alguma forma o ambiente, visitantes e administradores, mesmo com opiniões diferentes, citaram algumas situações de impactos, inclusive positivos.

Identifica-se, portanto, que os administradores percebem as formas como o parque atua como elemento de sensibilização a partir da relação que faz entre ecoturismo e educação ambiental. Os visitantes possuem maior dificuldade em explicar a relação entre ecoturismo e educação ambiental.

## 9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo apontou que as práticas ecoturísticas são instrumentos que ajudam a redimensionar as relações entre sociedade humana e natureza. Quando desenvolvidas com atividades de educação ambiental em um parque de ecoturismo, são formas práticas e dinâmicas de criar relações de maior harmonia entre o ser e o ambiente, proporcionando, por meio de experiências significativas de interpretação ambiental, a sensibilização para a preservação dos recursos naturais. Esta sensibilização pode se refletir no cotidiano daqueles que vivenciaram as práticas educativas de ecoturismo, já que a reflexão dos visitantes sobre as questões do meio natural pode deflagrar um processo que permeie as ações do dia a dia das pessoas, tornando-as mais sustentáveis.

O ecoturismo, integrado à educação ambiental, é um caminho que facilita a educação para a cidadania, apresentando-se como uma estratégia de sensibilização ambiental, que permite refletir sobre a relação entre o homem e a natureza por meio de um elemento interdisciplinar, que trabalhe os valores da solidariedade, igualdade e respeito. Para Carvalho (2004), a educação ambiental se propõe construir uma cultura ecológica que compreenda natureza e sociedade como dimensões intrinsecamente relacionadas e que não podem mais ser pensadas de forma separada, independente ou autônoma.

As atividades de educação ambiental, aliadas ao ecoturismo sustentável, parecem estar adequadas ao contexto do Ecoparque Sperry, pois são compostas por trilhas guiadas e autoguiadas, Centro de Interpretação Ambiental com painéis e

materiais didáticos, programas educativos do Loboguará, cursos e conservação do local através da Mata Atlântica preservada e fauna silvestre presente. Estas ações vão ao encontro do pensamento de Ruschmann (2000), quando afirma que a educação para o turismo ambiental deve ser desenvolvida por meio de programas não-formais, convidando o “cidadão-turista” a uma participação consciente na proteção do meio ambiente no seu cotidiano.

Pôde-se perceber que a educação não-formal apresenta relevante importância nas atividades de educação ambiental desenvolvidas no Ecoparque Sperry, assim como noutros casos descritos pelos autores, pois podem proporcionar conhecimentos e processos de aprendizagem dinâmicos e flexíveis. As pessoas “aprendem conhecendo” por estarem envolvidas diretamente com o ambiente natural, o que proporciona possibilidades de sensibilização ambiental a partir de experiências diferenciadas, que podem determinar mudanças socioambientais.

Para Murta (2008), através da interpretação e sensibilização pela aprendizagem não-formal dos visitantes, obtêm-se mais que informação, pois interpretar é revelar significados, provocar emoções, estimular a curiosidade, entreter e inspirar novas atitudes no visitante, provendo uma experiência inesquecível com qualidade.

Por meio das ações educativas aliadas ao ecoturismo, o Ecoparque Sperry demonstra atuar na sensibilização ambiental dos visitantes por meio de atividades de interpretação do ambiente. Foi possível perceber que os grupos de visitantes tiveram boas percepções quanto às atividades de educação desenvolvidas no parque, enfatizando seus reflexos na responsabilidade ambiental e nas ações do cotidiano. Os visitantes acreditam que a experiência de visitar um parque que trabalha com ecoturismo e educação ambiental modifica suas relações com o ambiente, através do contato com o meio natural, conciliado com ensinamentos sobre educação ambiental, pois propicia a reflexão sobre a necessidade de contribuir para a preservação.

Dentre as atividades de interpretação do ambiente oferecidas pelo parque, pôde-se identificar através das falas dos visitantes, que as trilhas guiadas e

autoguiadas possibilitaram uma melhor percepção sobre as questões ambientais através da relação com o ambiente natural.

Estes sentimentos vão ao encontro do que afirmam Carvalho e Boçon (2004). Para estes autores, o objetivo principal da implantação de trilhas em áreas naturais, como nos parques, é propiciar aos visitantes uma experiência lúdica, que possibilite uma melhor compreensão do meio ambiente, através de dinâmica de observação, reflexão e sensibilização, que despertem o sentimento de ser parte do ambiente.

Ao comparar as falas de visitantes guiados e autoguiados, foi possível constatar que ambos os grupos possuem boa percepção quanto às questões de responsabilidade ambiental, no entanto, o grupo autoguiado demonstrou maior entendimento sobre a relação entre ecoturismo e educação ambiental, maior reflexão sobre as questões ambientais, aparentando ser mais informados que os visitantes guiados.

Acredita-se que alguns visitantes que realizaram trilha guiada podem ter sofrido algum tipo de influência pelas orientações de educação ambiental do guia que os acompanhou nas trilhas, porém questiona-se se realmente o trabalho de um guia e as trilhas com informações ambientais são fatores suficientes para provocar sensibilização das pessoas sobre as questões ambientais.

Os administradores do parque percebem a relação entre ecoturismo e educação ambiental citando-a como uma “forma de valorizar e facilitar a assimilação dos conteúdos propostos em um ambiente lúdico e repleto de estímulos”. Eles identificam que o parque pode atuar na sensibilização dos visitantes a partir da relação entre o ecoturismo e educação ambiental, pois afirmam que “o parque pode somar o processo de transformação de idéias e no despertar de uma consciência ambientalista nas pessoas”.

O estudo realizado no Ecoparque Sperry, assim como em outros parques citados, demonstram que os visitantes tendem a apresentar um pensamento reflexivo durante visita no parque, já que relataram novas descobertas através da experiência e informações obtidas, as quais despertaram a percepção da necessidade de se causar o mínimo impacto possível ao ambiente. Ou seja, as

visitas em parques turísticos aliadas à ações de educação ambiental favorecem processos de responsabilização e cuidado com o ambiente.

Outro aspecto interessante da pesquisa no Ecoparque Sperry foi observar que estudantes de turismo e visitantes em geral demonstram ter sensibilização ambiental, porém questiona-se, conforme resultado no estudo de Brandalise et al. (2009) com universitários da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, que embora os estudantes tenham disciplinas que tratem de questões ambientais, não há diferença efetiva no seu comportamento com os que não as possuem. Porém, cabe salientar que, na presente pesquisa, o grupo de estudantes que realizou a visita guiada no Ecoparque Sperry, estava na metade da disciplina que tratava sobre questões ambientais e se caracterizava por estudantes de vários semestres do curso. Em geral, os estudantes de turismo e visitantes demonstraram reflexões semelhantes aos que não estudam temas ambientais. Acredita-se que ambos podem ter sido influenciados pelos meios midiáticos.

Apesar do parque ter demonstrado proporcionar sensibilização ambiental para os visitantes, por meio deste estudo não foi possível identificar como as possíveis mudanças no cotidiano dos visitantes seriam influenciadas pela experiência no Ecoparque, já que todos estão sujeitos a interferências de vários tipos.

Outro aspecto a ser considerado acerca deste estudo foi de que, para se identificar a influência do nível de conhecimento nas respostas, o trabalho carece de uma metodologia mais apurada, que não só identifique o perfil dos visitantes de forma mais detalhada, como também os limites de ponderação das informações dos grupos, o que levaria a uma análise mais objetiva sobre as questões ambientais que o parque trabalha.

Desta forma, percebeu-se que não foi possível identificar se houve influência nos resultados dos visitantes guiados e autoguiados devido ao fato de não se ter dados que indicassem o grau de conhecimento ambiental que possuem.

O estudo apontou que o Ecoparque Sperry pode investir mais em orientações informativas, tanto em materiais educativos, como mediadas pelos guias que orientam as trilhas, com instruções práticas para o cotidiano das pessoas, o que não foi observado nas ações de educação ambiental realizadas no parque. Ressaltando

as relações entre preservação ambiental e as ações do cotidiano, os programas de ecoturismo relacionados à educação ambiental nos parques podem fazer mais sentido, senão a sensibilização acontecerá apenas em parte, nos momentos de lazer no meio natural, com o risco de ter pouco impacto no dia a dia dos visitantes. Outra sugestão para o parque é realizar cadastro dos visitantes, obtendo assim um perfil mais detalhado que possa contribuir com as ações de gestão, relacionamento e melhorias no parque para seu público.

Como proposta para futuras pesquisas, considera-se necessário aprofundar investigações sobre trilhas guiadas e autoguiadas e práticas formais e não formais, identificando como a interação entre ecoturismo e educação ambiental podem refletir em sensibilização ambiental e mudanças culturais, marcadas por práticas sustentáveis que assegurem relações que privilegiem o cuidado essencial com todas as formas de vida.

## REFERÊNCIAS

BALLANTYNE R. et al. **Tourists' support for conservation messages and sustainable management practices in wildlife tourism experiences.** Tourism Management. University of Queensland. Australia. v. 30, 2009.

\_\_\_\_\_. **Visitors' memories of wildlife tourism: implications for the design of powerful interpretive experiences.** Tourism management. The University of Queensland. Austrália. v. 32, 2011.

BLANGY, S; MEHTA, H. **Ecotourism and ecological restoration.** Journal for Nature Conservation Montpellier III University. France. v. 14, 2006.

BAUER, Martin; GASKEL, George. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BENI, Mário Carlos. **Globalização do turismo.** 2. ed. São Paulo: Aleph, 2003.

BOULLÓN, R. **Ecoturismo Y sistemas naturales urbanos.** 2 ed. Buenos Aires. Librerías y Distribuidora Turísticas, 2000.

BRANDALISE, Loreni; BERTOLINI, Geysler; ROJO, Cláudio; LEZANA, Álvaro, POSSAMAI, Osmar. **A percepção e o comportamento ambiental dos universitários em relação ao grau de educação ambiental.** Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/gp/v16n2/v16n2a10.pdf>> Acesso em dezembro de 2009.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global.** Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/educacaoambiental/tratado.pdf>.> Acesso em março 2010.

\_\_\_\_\_. Ministério do Meio Ambiente. **Programa nacional de educação ambiental: ProNEA,**. 3. ed. Brasília: Diretoria de Educação Ambiental, 2005.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. **SARS.** Disponível em: <<http://portal.saude.gov.br/portal/saude/profissional>>. Acesso em março 2010.

\_\_\_\_\_. Ministério do Turismo. **Região Sul tem os melhores indicadores de competitividade turística do Brasil**. Disponível em: <[www.turismo.gov.br](http://www.turismo.gov.br)> Acesso em dezembro 2009.

CAETANO, Marcelo. Ética e Meio Ambiente: reflexões sobre os lugares do homem na contemporaneidade. In: HISSA, Cássio Viana (Org.) **Saberes Ambientais: desafios para o conhecimento disciplinar**. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

CAMPOS, Angelo Mariano Nunes. **O ecoturismo como alternativa de desenvolvimento sustentável**. Caderno Virtual de Turismo. Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, 2005.

CARVALHO, Isabel. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. São Paulo: Cortez, 2004.

CARVALHO, Joema; BOÇÓN, Roberto. **Planejamento do traçado de uma trilha interpretativa através da caracterização florística**. Revista Floresta. Curitiba, v. 34, n. 1, jan./abr. 2004.

CORTINA, Adela. **Cidadãos do mundo: para uma teoria da cidadania**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

DIAS, Genebaldo Freire. **Educação ambiental: princípios e práticas**. 8º ed. São Paulo: Gaia, 2003.

DIAS, Reinaldo. **Turismo Sustentável e meio ambiente**. São Paulo: Atlas, 2003.

DIAS, Reinaldo; AGUIAR, Marina. **Fundamentos do Turismo: conceitos, normas e definições**. Campinas: Alínea, 2002.

DUTRA, Veruska; SENNA, Mary. FERREIRA, Mariana; ADORNO, Lúcio. **Caracterização do perfil e da qualidade da experiência dos visitantes no Parque Estadual do Jalapão, Tocantins**. Caderno Virtual de Turismo. Rio de Janeiro, v. 8, n 1, 2008.

ECOPARQUE SPERRY. **Ecoparque Sperry**. Disponível em: <[www.ecoparquesperry.com.br](http://www.ecoparquesperry.com.br)>. Acesso em novembro 2009.

EMBRATUR. Instituto Brasileiro de Turismo. **Diretrizes para uma Política Nacional de Ecoturismo**. Brasília, 1994.

FAXINA, Fabiana. **O Turismo como Dinâmica de Educação Ambiental para Parques Nacionais**. Artigo apresentado no III Seminário de Pesquisa em Turismo no MERCOSUL, Caxias do Sul, 2005.

FENNELL, David A. **Ecoturismo: Uma Introdução**. São Paulo: Contexto, 2002.

GIL, Antônio C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 1999.

\_\_\_\_\_. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2007.

GOLDENBERG, Miriam. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais.** 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

GOMES, Maria de Lourdes. **Educação Ambiental no Parque Nacional do Iguaçu.** Brasília: IBAMA, 2001.

GUIMARÃES, Leandro B. O Educativo-Ambiental construído sob o binarismo natureza/cultura nos limiões do terceiro milênio. In NOAL, Fernando Oliveira; BARCELOS, Valdo H. de Lima. **Educação ambiental e cidadania: cenários brasileiros/organização.** Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

GUIMARÃES, Solange. **Trilhas Interpretativas e Vivências na Natureza: reconhecendo e reencontrando nossos elos com a paisagem.** Disponível em <[http://homologa.ambiente.sp.gov.br/EA/adm/admarqs/Solange\\_Guimaraes01.pdf](http://homologa.ambiente.sp.gov.br/EA/adm/admarqs/Solange_Guimaraes01.pdf)> Acesso em dezembro 2009.

HALPENNY E.A. **Pro-environmental behaviours and park visitors: the effect of place attachment.** Journal of Environmental Psychology. Faculty of Physical Education and Recreation, University of Alberta. v. 30, 2010.

HASSAN Arba'at et al. **The adults non-formal environmental education (EE): A Scenario in Sabah, Malaysia.** Procedia Social and Behavioral Sciences. Malaysia, v. 1, 2009.

IGNARRA, Luiz R. **Fundamentos do turismo.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2001.

IRVING, M. de A. Participação – questão central na sustentabilidade de projetos de desenvolvimento. In: \_\_\_\_\_; AZEVEDO, J. **Turismo: o desafio da sustentabilidade.** São Paulo: Futura, 2002.

JACOBI, Pedro. **Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade.** Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n118/16834.pdf>> Acesso em dezembro 2010.

LADEIRA, Alecia; et al. **O perfil dos visitantes do parque estadual de Ibitipoca (PEIb), Lima Duarte, MG.** Rev. Árvore v. 31, n.6, Viçosa, 2007.

LINDBERG, Kreg, HAWKINS, Donald E. **Ecoturismo: um guia para planejamento e gestão.** 2. ed. São Paulo: SENAC, 1995.

LIMA, Gustavo F. da Costa. Crise Ambiental, educação e cidadania: os desafios da sustentabilidade emancipatória. In LOUREIRO, Carlos F. Bernardo; LAYRARGUES, Philippe Pomier; CASTRO, Ronaldo Souza de, (Orgs). **Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania.** São Paulo: Cortez, 2002.  
LIMA, Solange. **Trilhas Interpretativas: a aventura de conhecer a paisagem.** Cadernos Paisagem. Rio Claro, n.3, maio 1998.

LICKORISH, Leonard e JENKINS, Carson. **Introdução ao Turismo**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

LOBO, Heros Santos. **Ecoturismo e percepção de impactos socioambientais sob a ótica dos turistas no Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira – Petar**. Pesquisas em Turismo e Paisagens Cársticas. Campinas, vol. 8, n. 01, 2008.

LOUREIRO, Carlos F. Bernardo; LAYRARGUES, Philippe Pomier; CASTRO, Ronaldo Souza de, (Orgs). **Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania**. São Paulo: Cortez, 2002.

MENDONÇA, Maria Luiza M. Turismo sustentável: classes sociais e subjetividade. In: MONTORO, Tânia Siqueira (org.). **Cultura do turismo: desafios e práticas socioambientais**. Brasília: Thesaurus, 2003.

MORAES, Roque. Mergulhos Discursivos: análise textual qualitativa entendida como processo integrado de aprender, comunicar e interferir em discursos. In GALIAZZI, Maria do Carmo; FREITAS, José Vicente de, (Orgs). **Metodologias emergentes de pesquisa em educação ambiental**. 2ª ed. Ijuí: Unijuí, 2007.

MOURÃO, Laís. **Pertencimento**. Artigo apresentado no II Congresso Internacional da Transdisciplinaridade, Vitória, 2005.

MURTA, Stela Maris. **EcoViagem – EcoReporter**. Disponível em: <[www.ecoviagem.com.br/ecoestudos/stelamaris/autora.aspx](http://www.ecoviagem.com.br/ecoestudos/stelamaris/autora.aspx)>. Acesso em fevereiro 2008.

OLIVEIRA, Antônio Pereira. **Turismo e desenvolvimento: planejamento e organização**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

OLIVEIRA, Sérgio de; FONTANA, Rosislene de. **Turismo responsável: uma alternativa ao turismo sustentável?** Artigo apresentado no IV Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL, Caxias do Sul, 2006.

ORTIGOZA, Silvia G. Consumo Sustentável do Espaço: dilemas e perspectivas. In: CORTEZ, Ana C; ORTIGOZA, Silvia G. (Orgs). **Consumo Sustentável: conflitos entre necessidades e desperdício**. São Paulo: UNESP, 2007.

PEREIRA, Karla C. Almeida. **O sujeito oculto na floresta encantada da Tijuca**. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

PIRES, P. dos S. **Dimensões do ecoturismo**. São Paulo: Editora Senac. São Paulo, 2002.

RUSCHMANN, Doris M. **Turismo e Planejamento Sustentável: a proteção do meio ambiente**. 8. ed. Campinas: Papirus, 1997.  
\_\_\_\_\_. **Turismo e Planejamento Sustentável: a proteção do meio ambiente**. 6. ed. São Paulo: Papirus, 2000.

SALVATTI, S. S. (Org.). **Turismo Responsável: manual para políticas públicas**. Brasília: WWF, 2004.

SAMPAIO, Shaula M. Vicentini de; GUIMARÃES, Leandro Belinaso. **Educação Ambiental: tecendo trilhas, escriturando territórios**. Educação em Revista. Belo Horizonte, v. 25 n.3, dezembro 2009.

SCHAFER, Alois; BELTRAME, Graziela; WASUM, Ronaldo e VOLPATTO, Samuri. **Fundamentos Ecológicos para Educação Ambiental: Municípios de Mostardas, Tavares, São José do Norte e Santa Vitória do Palmar**. Caxias do Sul: Educus, 2009.

SELVA, V.S.F., e COUTINHO, S.F.S. **Ecoturism X ecological tourism in Brazil: aa necessary distinction?** Annals of the Second International Congress & Exhibition on Ecoturism, abril, Salvador, 2000.

SILVEIRA, Marcos Aurélio T. da - Política de Turismo e Oportunidades ao Desenvolvimento Local. In: RODRIGUES, A. **Turismo Rural**. São Paulo: Contexto, 2001.

SOFFIATI, Arthur. Fundamentos filosóficos e históricos para o exercício da ecocidadania e da ecoeducação. In: LOUREIRO, Carlos F. Bernardo; LAYRARGUES, Philippe Pomier; CASTRO, Ronaldo Souza de, (Orgs). **Educação Ambiental: Repensando o Espaço da Cidadania**. São Paulo: Cortez, 2002.

SORRENTINO M., TRAJBER R.; MENDONÇA P.; FERRARO JR, L.; **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 31, n. 2, maio/ago, 2005.

STRONZA A; GORDILLO J. **Community Views of Ecotourism**. Annals of Tourism Research. . Elsevier, Great Britain, v. 35, n. 2, 2008.

SWARBROOKE, John. **Turismo Sustentável: Conceitos e Impacto Ambiental**. São Paulo: Aleph, 2000.

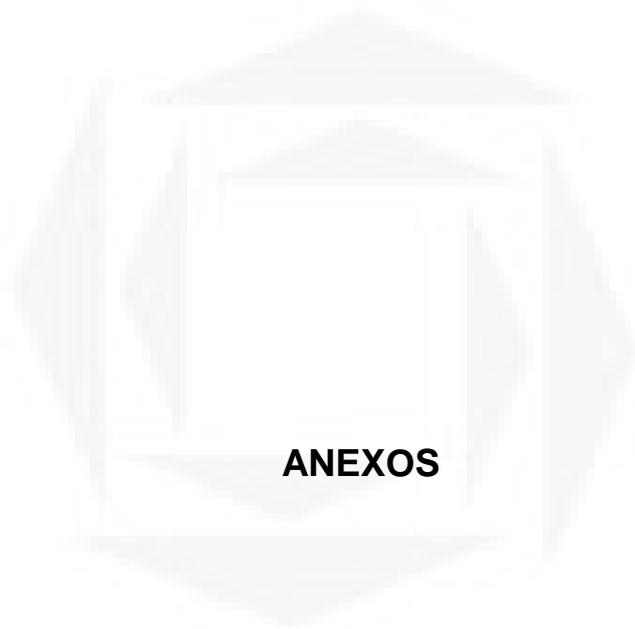
VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

WEAVER D.B.; LAWTON L.J. **Twenty years on: The state of contemporary ecotourism research**. Tourism Management School of Hotel, Restaurant, and Tourism Management, University of South Carolina, USA, n 28, 2007.

WESTERN, D. Definindo ecoturismo. **Ecoturismo: um guia de planejamento e gestão**. Kreg Lindenberg e Donald E. Hawkins. São Paulo: Senac, 1995.

YÁZIGI, Eduardo. Vandalismo, Paisagem e Turismo. In: \_\_\_\_\_; CARLOS, Ana F. Alessandri; CRUZ, Rita de Cássia A. **Turismo: Espaço Paisagem e Cultura**. São Paulo: Hucitec, 1996.

YOUELL, Ray. **Turismo: Uma Introdução**. São Paulo: Contexto, 2002.



**ANEXOS**

UNIVATES

## **Anexo A: Entrevista semi- estruturada aplicada aos administradores do parque.**

### **a) Histórico: de um refúgio para o Ecoparque Sperry**

#### **Proprietária do parque**

- Como a senhora adquiriu esta propriedade?
- Há quanto tempo você tem esta propriedade?
- Por que escolheu esta região e não outro local?
- Você já havia trabalhado com Turismo?
- Você procurou a Pampeana Produções Educativas para explorar a área ambiental para transformação de um parque de ecoturismo ou eles vieram com a proposta?
- De que forma a Pampeana Produções Educativas se tornou a administração ambiental do Ecoparque Sperry? Como aconteceu este processo?
- Quais eram as intenções deste grupo em desenvolver o Turismo?
- Quem foram as pessoas envolvidas nesta atividade e qual seu papel na consolidação do Turismo?
- Quais ações e medidas foram tomadas para a realização da construção do parque?
- Como foi formada e como se caracteriza a equipe que desenvolve o parque: números de pessoas, formação, faixa etária, trabalho contínuo ou eventual, etc.?
- Como surgiu o projeto de educação ambiental no Ecoparque Sperry?

### **b) Concepção de turismo e ecoturismo**

#### **Proprietária do parque**

- Qual seu entendimento sobre Turismo e Ecoturismo?
- Como observa o desenvolvimento do Ecoturismo na região?

#### **Biólogo e guia de turismo**

- Qual sua experiência com Turismo e Ecoturismo?
- Qual seu entendimento sobre Turismo e Ecoturismo?
- Como observa o desenvolvimento do Ecoturismo na região?

### **c) Percepções sobre a relação entre ecoturismo e educação ambiental**

#### **Proprietária do parque, biólogo e guia de turismo**

- Como observa a relação entre Ecoturismo e Educação Ambiental?
- Qual a concepção da equipe de educação ambiental?
- Na sua opinião, quais os benefícios observados que o ecoturismo integrado a educação ambiental traz para as pessoas?

### **d) Percepções sobre o parque**

#### **Proprietária do parque**

- Cite o que você acredita que ainda pode ser explorado no parque e que ainda não deu para se consolidar:

**Biólogo e guia de turismo**

- Cite o que você acredita que ainda pode ser explorado no parque e que ainda não deu para se consolidar:
- Quais as dificuldades encontradas nas trilhas, visitas, educação das pessoas?

**e) Percepções sobre os visitantes****Proprietária do parque, biólogo e guia de turismo**

- Como você se sente com estas pessoas vindo até o local?
- Como é o seu relacionamento com estas pessoas?

**f) Percepções do parque como elemento de sensibilização ambiental****Proprietária do parque**

- Como o modelo de educação ambiental aplicada no parque pode mudar ou está mudando a percepção das pessoas sobre a relação com a natureza ou meio ambiente?
- Como se dá a interação do turista com o meio natural na visita do parque?
- A percepção do turista modificou na forma de pensar e agir após a visita?
- Este parque atua como modelo de transformação de turista de natureza para ecoturista? Cite experiências e exemplos de turistas que sofreram estas transformações.

**Biólogo e guia de turismo**

- Como o modelo de educação ambiental aplicada no projeto pode mudar ou está mudando a percepção das pessoas sobre a relação com a natureza ou meio ambiente?
- Como se dá a interação do turista com o meio natural na visita do parque?
- Quais os impactos causados durante e após a visita no parque?
- O turista modificou de alguma forma o ambiente?
- Este parque atua como modelo de transformação de turista de natureza para ecoturista? - Cite experiências e exemplos de turistas que sofreram estas transformações.

**g) Percepções sobre impactos durante a visita no parque****Biólogo e guia de turismo**

- Quais os impactos causados durante e após a visita no parque?
- O turista modificou de alguma forma o ambiente?

## **Anexo B – Questionário aplicado aos visitantes do parque: estudantes de turismo e visitantes em trilha guiada e visitantes em trilha autoguiada.**

### **a) Concepção de turismo e ecoturismo**

- O que você entende por Turismo?
- O que você entende por Ecoturismo?

### **b) Percepções sobre a relação entre ecoturismo e educação ambiental**

- Você vê alguma relação entre Ecoturismo e a Educação Ambiental?
- Na sua opinião, quais os benefícios do ecoturismo integrado à educação ambiental para as pessoas?

### **c) Interação entre visitantes e o Ecoparque Sperry**

- Como você caracteriza seu comportamento ao visitar um parque de ecoturismo?
- O que você gosta de fazer quando faz passeios na natureza, tanto locais públicos como privados?
- Você teve dificuldades nas vivências nas trilhas?
- O que poderia melhorar nas atividades e nas trilhas que o Ecoparque Sperry oferece?

### **d) O parque como elemento de sensibilização ambiental**

- O que você espera ao visitar um parque de ecoturismo? Por que?
- Quando há atividades de educação ambiental em parques, quais considera mais interessantes e/ou significativas? Por que?
- Cite as sensações que você teve ao visitar o Ecoparque Sperry:
- Quais atividades no Ecoparque Sperry você mais gostou? Por quê?
  - ( ) trilhas
  - ( ) observação
  - ( ) mirantes
  - ( ) cachoeiras
  - ( ) tirar fotos
  - ( ) flora
  - ( ) fauna
  - ( ) conservação do local
  - ( ) outro. Qual?
- Você acredita que experiências de visitas num parque que trabalha com ecoturismo e educação ambiental modifica algo na sua relação com o meio ambiente?

### **e) Impressões sobre os impactos de visita no parque**

- Você observou algum tipo de impacto causado durante e após a visita no parque ou não?
- Você acredita ter modificado de alguma forma o ambiente do parque que visitou?

## Anexo C: Projeto Loboguará



### O Loboguará no Ecoparque Sperry

#### Histórico.

O pioneiro programa educativo **Loboguará** foi criado em 5 de junho de 1992 e atua a 18 anos no Município de Canela e no Rio Grande do Sul. Em 2010 muda sua base de operações para o Ecoparque Sperry localizado na Linha 28, no coração energético do Vale do Quilombo. Depois de passar os últimos dois anos sob a coordenação do Biólogo Djeremi Lirio, da Atitude Ecologia e Turismo, o **Loboguará** retorna as suas origens e vem com muitas novidades para este início de ano. Nova década, novos empreendimentos, novos parceiros.

Com mais de 18 mil alunos tendo recebido noções básicas de Ecologia e Educação Ambiental nestes anos de atividade, pavimentamos um caminho de uma geração que agora começa administrar e tomar decisões em esferas públicas, em empresas diversas e no âmbito familiar. Assim os princípios do entendimento e compreensão da natureza e de sua importância para nossas vidas começam a ser passados para a nova geração – a dos filhos que começam a ver o mundo de forma diferente daquela que seus pais vivenciaram.

Assim se cumpriu o principal objetivo do **Loboguará** – a conscientização e a mudança de comportamento dos jovens frente aos problemas do ambiente em que vivemos. E isto significa uma melhora na qualidade de vida das famílias envolvidas e uma preservação maior dos recursos naturais.

Em 2010 o **Loboguará** vai atuar numa nova área geográfica. Sua base de operações será no recentemente criado **Ecoparque Sperry**, um local diferenciado em termos de preservação de ambiente natural onde há todas as condições para implementar uma nova etapa deste eficiente e conhecido programa educativo. Novos programas e novas metodologias vão garantir uma nova fase de atividades para outra geração de pessoas que terão, em breve, a difícil tarefa de conviver e administrar problemas relacionados ao ambiente em que vivemos e que tanto necessitamos nos reaproximar e deixarmos ver que a natureza é nossa aliada, não nossa inimiga ou um empecilho ao desenvolvimento do homem. A chave da questão é o **Desenvolvimento Sustentável** e para alcançá-lo necessitamos conhecer mais a natureza e os seus limites.

#### **Objetivos.**

- Cria um programa educativo ambiental padrão a ser desenvolvido com alunos dos anos finais do Ensino Fundamental (sétimas e oitavas séries) das redes pública e privada dos municípios de Canela e Gramado.
- Utilizar o ambiente natural do **Ecoparque Sperry** e seus elementos naturais de fauna, flora e geografia para realizar este programa devido à grande diversidade de plantas e animais e do alto grau de preservação dos sistemas naturais lá encontrados.
- Montar uma parceria com patrocinadores para viabilizar este programa a fim de permitir que todas as escolas possam participar sem custos para os alunos (transporte, monitores, material didático, certificado de participação, etc.).
- Garantir que mais uma geração de estudantes da nossa região possa despertar para os problemas decorrentes da incorreta utilização do ambiente natural e com isso entrarmos em uma nova década com uma qualidade de vida melhor do que aquela que estamos vivendo hoje. Isto depende de atitudes e ações nossas tomadas e realizadas agora, para que formemos

uma geração ainda mais consciente e esclarecida sobre o complexo e pouco conhecido **desenvolvimento sustentável**.

### **Metodologia.**

O novo programa do **Loboguará** para as escolas de Canela e região será constituído de uma atividade eminentemente prática nas trilhas do **Ecoparque Sperry** com acompanhamento de professores Biólogos que farão uma abordagem lúdica e de aprendizagem pela observação direta, utilizando recursos visuais, olfativos, auditivos e táteis, além de complementos com observações de elementos da geografia local e orientação espacial.

Os programas terão a duração média de 3h e percorrerão as trilhas e ambientes do **Ecoparque Sperry** que atendam as necessidades dos objetivos e da faixa etária dos alunos.

No final das caminhadas interpretativas os alunos, coordenados pelos monitores Biólogos, visitarão o Centro de Interpretação Ambiental do **Ecoparque Sperry** onde será feita uma integração de conteúdos e discussão geral dos resultados dos trabalhos do dia.

### **Período de realização dos cursos**

A Pampeana Produções Educativas montará, juntamente com as escolas participantes, um calendário para os cursos a serem realizados. O período de realização será de **abril a dezembro de 2010**, sendo o programa renovável a cada ano, dependendo do interesse das partes.

### **Custos**

O programa **O Loboguará no Ecoparque Sperry** não terá custo para a escola, visando atingir toda a comunidade escolar do município de Canela. O patrocinador terá um custo fixo por turma, visando facilitar o planejamento financeiro e evitar transtornos de aumento ou diminuição de participantes de última hora. Assim, será adotado o critério de uma turma padrão de 30 alunos, podendo este número variar de 20, número mínimo a 40, número máximo.

Os itens que compõem o valor de cada curso são os seguintes:

- Curso de 3h realizados por dois monitores Biólogos ou acadêmicos de Biologia;
- Caderneta de campo dada a cada aluno e professor da escola participante para anotações durante e depois do curso;
- Certificado individual de participação para os alunos e professores das escolas participantes;
- Transporte dos alunos com ônibus fretado saindo da escola ao Ecoparque Sperry e retorno a escola.
- Impostos decorrentes da emissão de nota fiscal.
- Seguro de vida para os participantes durante as horas do curso.

**Canela, fevereiro de 2010.**